אונדזער שטימע

Nossa Voz

A dança entre o pôr do sol e o nascer da lua, (27x35 cm). Acrílica e marcado Posca sobre tela, 2019 (detalhe da obra)

우리 목소리

Nuestra Voz

“(...) imaginem por um instante um mundo lésbico. onde a estética sapatrans seja a norma. as pessoas, os cortes de cabelos, os jeitos de andar na rua. quem contrata quem, quem faz entrega de mudança, quem decide o rumo do mundo, quem dirige o caminhão. elas reinam. as suas subjectividades são universais, e suas amizades definem o que é ser camarada.”

P. 5

“(...) Acreditar em feitiços seria acreditar no nosso próprio corpo, e isso desestrutura a operação colonial, o projeto civilizatório que usa tecnologias de controle sobre nossas existências.”

P. 15

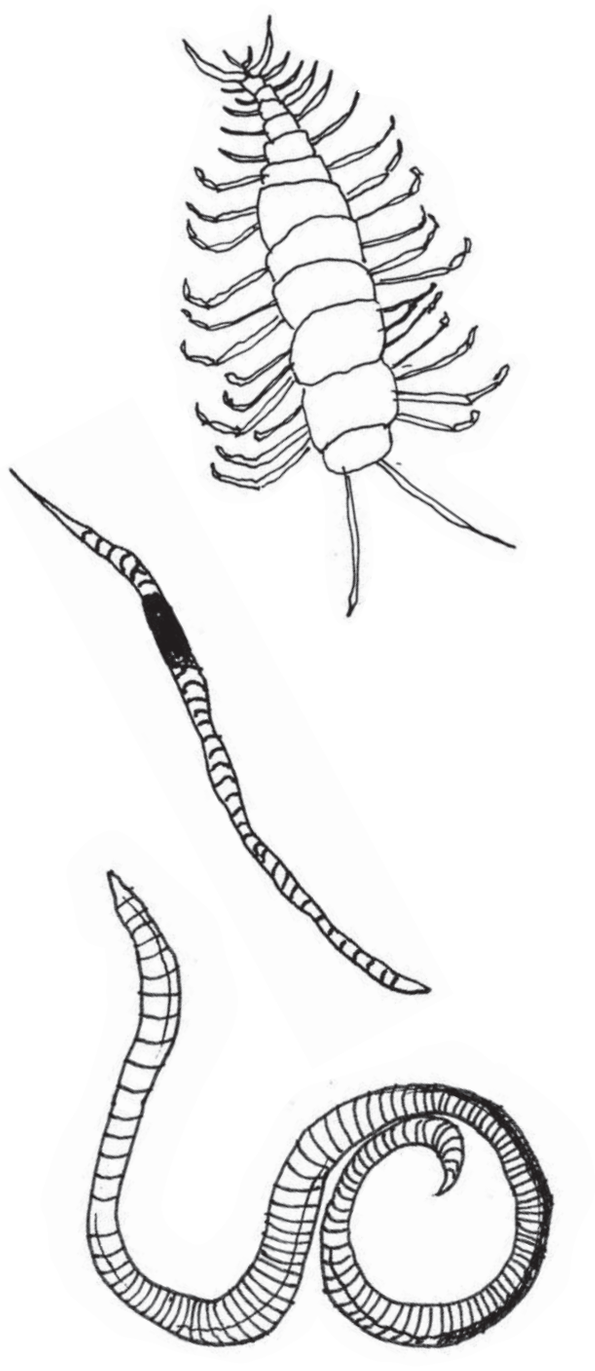
“(...) a tarefa de defesa da vida, não deve ser pleiteada apenas pelos gestores; ela deve estar no horizonte de toda e qualquer pessoa humana que acredita radicalmente na igualdade.”

P. 42

4	Valentina D’Avenia	La cucaracha la cucaracha
7	Vandana Shiva	Fazendo as pazes com a diversidade
9	Jorgge Menna Barreto e Marcelo Wasem	Paisagem sonora
10	Daniel Lie e Jonas Van	Pedagogias do podre
17	Castiel Vitorino Brasileiro e Napê Rocha	Na noite serena as rosas se abrem
21	Walmir Thomazi, Armando Mudrik e Jaider Esbell	Cada curva do rio tem um céu diferente
29	abigail Campos Leal	obversar: sobrevivência y transmutação nas inscrições de Octavia Butler
34	Mulheres Negras Decidem	Para onde vamos, se seguirmos as mulheres negras?
40	Lia Vainer Schucman e Mônica Gonçalves Mendes	Saúde, branquitude e racismo estrutural em tempos pandêmicos
44	Bety Poquechoque Quispe, Sonia Limachi Quispe, Marlene Bergamo, Mayara Vivian, et alii	Del Altiplano a los sueños — una historia de luchadoras
55	Coletivo Mitchossó	Bap Mogossó?
60	Rogério e Ricardo Teperman	Lembrar é sonhar
62	NV	Editorial e ficha técnica

www.casadopovo.org.br
info@casadopovo.org.br
Rua Três Rios, 252
Bom Retiro, São Paulo
Ano LXXIII N. 1021

por
Valentina D'Avenia

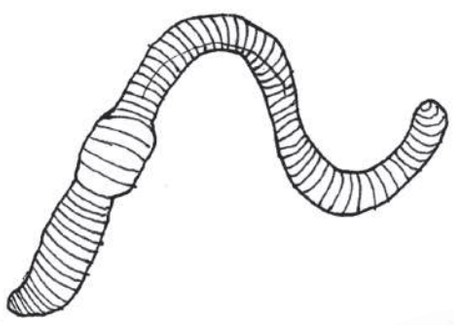


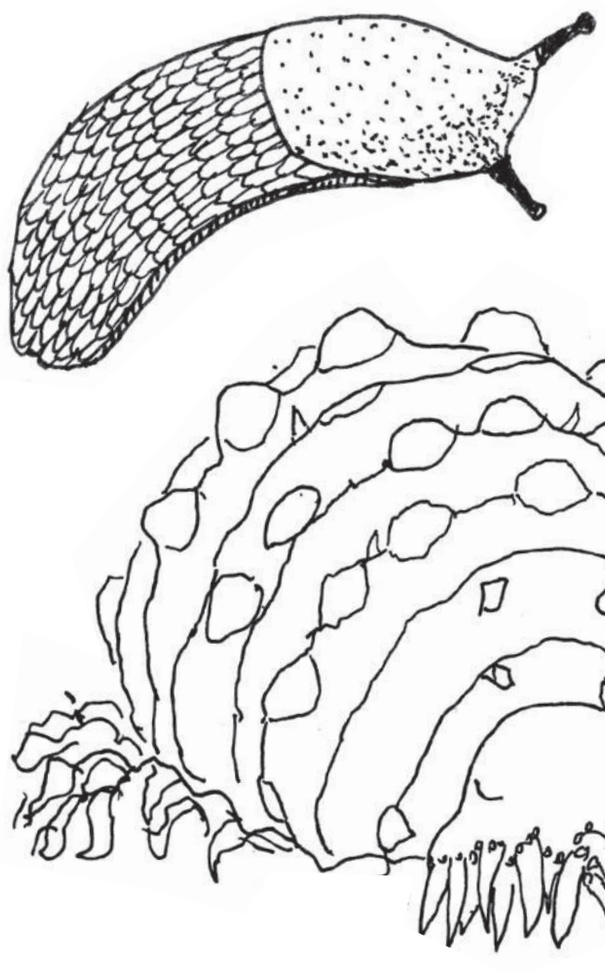
LA CUCARACHA LA CUCARACHA

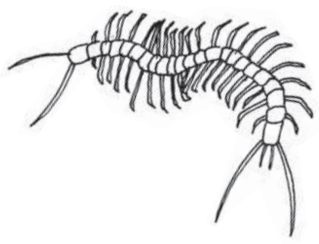
YA NO PUEDE CAMINAR

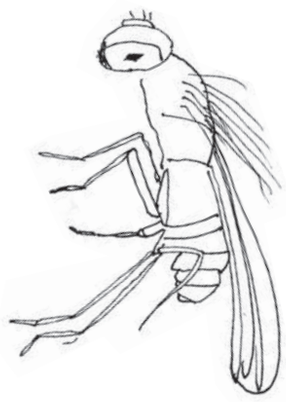
PORQUE NO TIENE,

PORQUE LE FALTAN

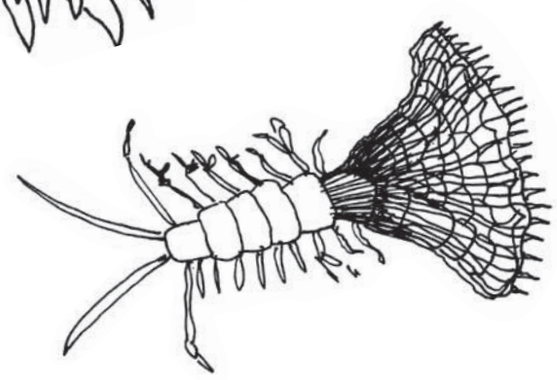








LAS DOS PATITAS DE ATRÁS



estou na mesma sala da zahra alencar, que acabou de receber a dani pra cortar os cabelos. ela senta na minha frente e a primeira coisa que ela diz é que o avô dela foi fuzilado durante a guerra civil espanhola, que ocorreu entre 1932 e 1936. ele fingiu ser morto e sobreviveu. ela diz: "eles tentaram matar ele mas ele continuou se reproduzindo e agora estou aqui, olha, uma preta lésbica".

faz uma semana que comemos em madrid graças ao lixo
a gente coloca as mãos nas lixeiras
encontramos lasanhas e voltamos pra casa pra jantar
mais cedo, nos bares, nos perguntamos onde estavam as travestis
e depois as encontramos na frente do carrefour
elas procuravam restos de comida e, como a gente, colocavam as mãos nas lixeiras
e nas caçambas, zonas de litígio onde tudo é gratuito e custa
nós pensamos em três línguas, mas nenhuma é útil para formular nossa vivência aqui.

procuramos vegetais debaixo das prateleiras da feira e roubamos ervas medicinais aromáticas no parque. quando perguntamos se tem restos nas vendinhas de frutas e legumes, nunca têm. a espanha é a estufa da europa: é o segundo maior produtor agrícola por conta da sua superfície útil para plantação, mas, aqui, quem recupera comida jogada fora dos supermercados recebe 600 euros de multa.

somos ratos, baratas, minhocas, a gente come os restos dos humanos. não escolhemos o que ingurgitamos, nos alimentamos do que morre. não consumimos, limpamos.

assim aprendemos a viver no apocalipse? será a gente, dissidente da norma, xs primeirxs a estar prontxs para construir o que segue? nas sombras, enquanto vocês tentam salvar o capitalismo que desmorona, não olhamos mais para vocês, nos armamos.

comer do lixo e comer o lixo são a mesma coisa. para a gente, a questão estética é central, ela atravessa nossas ações. o belo é olhado com desconfiança e raramente abraçado pelo senso comum. dani levanta e toca seus cabelos. nós somos feixs no olhar da norma e olhamos a feiura pressuposta nos legumes podres com o mesmo carinho que olhamos os outros corpos abertos.

as abobrinhas em decomposição estão em transição. estão indo embora. elas jaja vão deixar esse mundo. nós estamos fazendo o mesmo movimento. nos nutrimos do imundo, de epistemologias profanas, do veneno e da obscuridade. as baratas são animais carniceiros que comem de tudo: vegetal, plástico, cabelo humano, cola de selo.

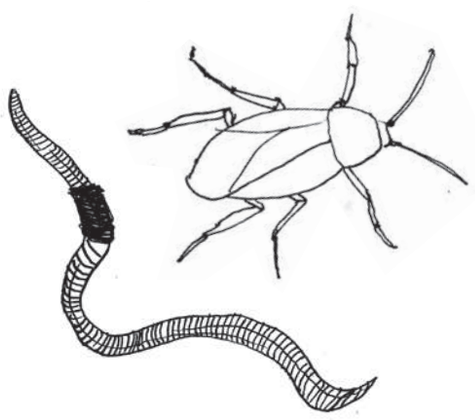
gosto de baratxs porque elus são milenárias, inteligentes e adaptativus. elus são expertus. elus sobrevivem até no gelo. elus não escutam vozes que falam mal delas, não sabem que as humanas os acham nojentos. quando uma pessoa é sapatão, acontece algo parecido porque as palavras insultantes não chegam sempre nos nossos ouvidos. mas às vezes surpreendemos um insulto quando esquecemos de nos esconder.

a cisgeneridade está em todo lugar pois o vocabulário está em tudo. algumas baratas resistem a radiações dez vezes mais fatais para o ser humano.

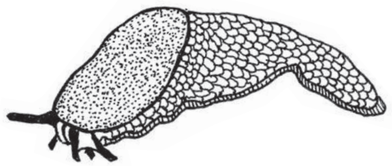
precisa gerenciar o pessimismo. eu olho as minhocas e elas dão encorajamentos. a forte atividade microbiana do seu tubo digestivo permite ao verme consumir 20 a 30 vezes o próprio volume de terra diariamente. Digerindo, ele transforma a biomassa inteira. os vagalumes estão em extinção.

na terra, as minhocas têm um peso 20 vezes superior ao peso do ser humano. são simplesmente muito menos visíveis. precisa procurar vagalumes em tudo e olhar pra eles. não é porque não vemos estrelas de dia que não tem.

num livro, georges didi-huberman explica a política da sobrevivência falando dos vagalumes, e isso me inspirou um dia. interpretei o discurso dele, pois só li as duas primeiras páginas e peguei trechos pra mim sem me interessar pelo resto. me pergunto do que que ele tá falando, a sobrevivência que ele está explicando é um enigma pra mim, por isso não consigo ler o livro. ele é o mais protegido da hierarquia humana e, no momento que ele escreve esse texto, ele já publicou 20 livros, era professor e nunca foi nada mais que um dominante. acho que se a academia reconhecesse a experiência como fonte de conhecimento, nós, parasitas, teríamos doutorados em ciência da vivência. mas didi cita somente homens universitários para explicar a oposição e a sobrevivência. a minha amiga diran castro fala que se os homens sobrevivem, é bem porque eles matam primeiro.



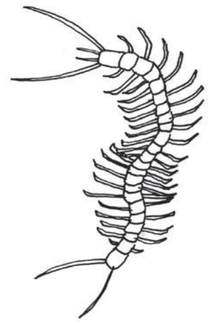
As ilustrações que atravessam este texto e outras páginas do jornal são de Valentina D'Avenia.



quando realizarem que suas referências não valem mais nada, o que farão? queimar as suas bibliotecas e fingir que nunca existiu o mundo de antes? estão em luto?

as minhocas têm papel fundamental na destruição, estruturação, manutenção e reconstrução. por exemplo, dos solos. primeiro, elas decompõem a matéria orgânica, tratam os resíduos, limpam, fazem desaparecer, fazendo isso elas favorecem a biodisponibilidade dos nutrientes para as plantas e micro-organismos. então misturam a terra e restabelecem um biótopo propício. isso permite o nascimento de novas plantas. elas são consideradas pelos elementos naturais como espécies-chave.

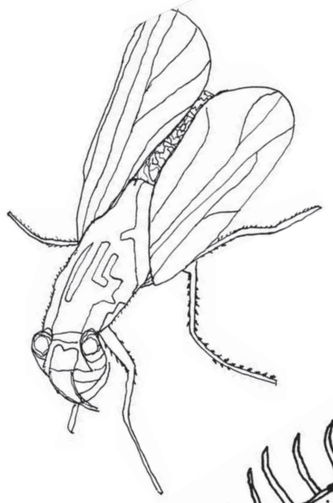
eu falo que estamos constantemente expostxs à possibilidade de sermos esmagadxs e que temos que pensar primeiro em fazer dinheiro, limpar nossos corpos, mentes, espaços de vida e comer bem, pois nenhum luxo será dado. tem que pegar tudo por efração. não tem descanso. a gente sabe que é porque o meio cultural é heteronormativo, branco e colonial que ele é ruim. não acho que esteja mudando. ficamos doentes, somos frustradas, depressivas, decepcionadas, isoladas, violentas. imaginem por um instante um mundo lésbico. onde a estética sapatrans seja a norma. as pessoas, os cortes de cabelos, os jeitos de andar na rua. quem contrata quem, quem faz entrega de mudança, quem decide o rumo do mundo, quem dirige o caminhão. elas reinam. as suas subjectividades são universais, e suas amizades definem o que é ser camarada. algumas barata podem parir entre 3 e 6 ootecas e cada uma delas pode conter até 50 ovos. imagina amanhã baratas sapatrans se reproduzindo assim.

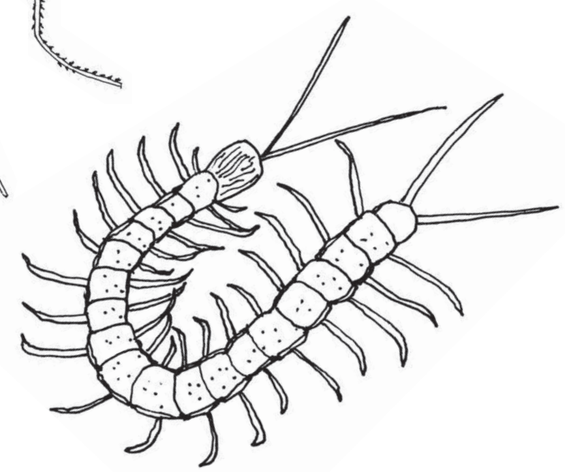


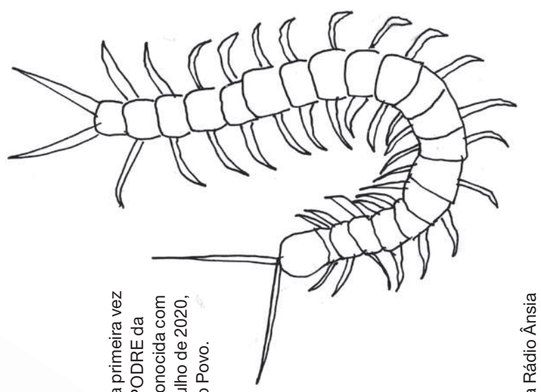
suas crianças serão iguais a gente. todas as minhocas são hermafroditas. entre baratas, o conceito de hierarquia ou de especialização das tarefas é inexistente. entre humanos brancos, o pacto narcísico é difícil de sacudir.

xs baratxs estão em quase todo tipo de habitat terrestre e estão generosamente distribuídas através do mundo. algumas minhocas de América central e do Sul conseguem atingir 3 metros. a maioria entre nós provavelmente vai morrer cedo, mas algumas baratas sobrevivem em radiações 10 vezes letais para ser humanos.

Valentina D'Avenia é curadora, tradutora e membra da Universidad Desconocida. O trabalho dela procura exercer ações para questionar e tensionar a história da arte e da literatura. Também e co-organizadora do livro *Textos para Ler em Voz Alta*, editado pela Brook, Paris. Os trabalhos em português da Valentina sempre contêm irregularidades da língua, pois, para ela, o aprendizado do português nunca acaba.







"La cucaracha la curacha" foi lido pela primeira vez no programa número 2 LIBERDADE PELO PODRE da Rádio Ânsia. O projeto da Universidad Desconocida com a Casa do Povo esteve no ar, entre junho e julho de 2020, durante a hora do almoço no site da Casa do Povo.

Escute aqui todos os programas da Rádio Ânsia ou acesse o link bit.ly/liberdade-pelo-podre.

FAZENDO AS PAZES COM A DIVERSIDADE

por Vandana Shiva

Vandana Shiva (Índia, 1952) é uma das proeminentes vozes que há mais de quatro décadas luta por um planeta onde se possa viver. Ativista integrante das primeiras gerações do ecofeminismo[1] no Sul global, além de física e filósofa, Shiva desempenha um papel decisivo na militância por soberania alimentar e agroecologia. Se internacionalmente ela corre o mundo dando conferências e travando batalhas públicas contra gigantes, de Monsanto a Bill Gates, no plano local ela desenvolve a Navdanya (www.navdanya.org), uma ONG liderada por mulheres e agricultores, voltada à conservação da diversidade biológica e cultural, dos saberes tradicionais e da noção de comum.

O trecho publicado pelo jornal *Nossa Voz* é a primeira parte do capítulo "Fazer as pazes com a diversidade", do livro *Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento*[2], lançado originalmente em 1997. Na esteira de movimentos antiglobalização, o texto possui uma linguagem própria de seu tempo, sem por isso deixar de ser uma bibliografia incontornável para a discussão que conecta a destruição do meio ambiente ao modo de funcionamento das estruturas coloniais.

Sua severa crítica à Revolução Verde[3] desconstrói os supostos benefícios dos monocultivos e da modificação genética de sementes como formas de aumento da produção de alimento. Por um lado, a exigência das corporações transnacionais para patentear suas super-sementes transgênicas atualiza a lógica colonial que "descobre", conquista, possui e exclui; por outro, o monocultivo enquanto ato de serializar, maximizar e homogeneizar diz respeito não somente à destruição da biodiversidade, como também a um projeto de apagamento da diversidade social e cultural de formas de vida.

Se hoje podemos criar e performar conceitos que conectam ambientalismo e crítica social, dissidência de gênero e decolonialidade, relações interespécies e saberes locais, é porque algumas pessoas vieram antes de nós e trabalharam por isso. Vandana Shiva é uma delas.

ML / Nossa Voz

Nestes tempos de "limpeza étnica", à medida que as monoculturas se espalham por toda a sociedade e a natureza, fazer as pazes com a diversidade está rapidamente se tornando um imperativo para a sobrevivência.

As monoculturas são componentes essenciais da globalização, cujas premissas são a homogeneização e a destruição da diversidade. O controle global da matéria-prima e dos mercados torna as monoculturas necessárias.

Essa guerra contra a diversidade não é inteiramente nova. A diversidade é ameaçada sempre que considerada um obstáculo. A violência e a guerra têm suas raízes no tratamento da diversidade como ameaça, perversão e fonte de desordem.

A globalização transforma a diversidade em doença e deficiência porque ela não se submete a um controle centralizado.

Homogeneização e monocultura alimentam a violência em muitos níveis. As monoculturas estão sempre associadas à violência política — o uso da coerção, do controle e da centralização. Sem controle centralizado e forças coercivas, este mundo tão rico em diversidade não pode ser transformado em estruturas homogêneas e as monoculturas não podem ser mantidas. As comunidades e os ecossistemas auto-organizados e descentralizados geram diversidade. A globalização gera monoculturas controladas pela coerção.

As monoculturas também estão associadas à violência ecológica — uma declaração de guerra contra as diversas espécies da natureza. A violência não apenas leva as espécies à extinção, mas também controla e mantém as próprias monoculturas. Monoculturas não são sustentáveis, são vulneráveis ao colapso ecológico. A uniformidade implica que a perturbação de uma parte do sistema redunda em perturbação de outras partes. Em vez de ser controlada, a desestabilização ecológica tende a ser amplificada. A sustentabilidade está ligada ecologicamente à diversidade, que fornece a autorregulação e a multiplicidade de interações capazes de sanar uma perturbação ecológica de qualquer parte de um sistema.

A vulnerabilidade das monoculturas está bem ilustrada na agricultura. Por exemplo, a Revolução Verde (RV) substituiu milhares de variedades locais de arroz por variedades uniformes do *Instituto Internacional de Pesquisa do Arroz (International Rice Research Institute,* IRRI). A variedade IR-8, lançada em 1966, foi atacada por uma bacteriose em 1968-69 e pelo *vírus timgro* em 1970-71. Em 1977, a variedade IR-36 foi cultivada selecionando-se a resistência para oito grandes doenças, incluindo a bacteriose e o *timgro.* Entretanto, sendo uma monocultura, foi suscetível ao ataque de dois novos vírus, o *ragged stunt* e o *wilted stunt* (que causam duas formas de nanismo na planta).[4]

As variedades milagrosas diminuíram a diversidade das culturas cultivadas tradicionalmente; com a redução da diversidade, as novas sementes transformaram-se em mecanismos para a introdução e propagação de pragas e doenças. Variedades nativas são resistentes a pragas e doenças locais. Mesmo que certas doenças ocorram, algumas das variedades serão susceptíveis, porém outras terão a resistência necessária para sobreviver.

O que acontece na natureza também acontece na sociedade. Quando a homogeneização é imposta a diversos sistemas sociais por meio da integração global, as regiões começam a desintegrar-se uma após a outra. A violência inerente à integração global centralizada, por sua vez, gera violência entre suas vítimas. As condições da vida diária passam a ser cada vez mais controladas por forças externas e os sistemas de governo local se deterioram; as pessoas apegam-se às suas várias identidades como fontes de segurança em um período de insegurança. Tragicamente, quando a causa dessa insegurança é tão distante que não se pode identificá-la, vários povos antes em convivência pacífica começam a observar-se com medo. As marcas da diversidade tornam-se fraturas; a diversidade passa a ser então a justificativa da violência e da guerra, como vimos no Líbano, na Índia, em Sri Lanka, na Iugoslávia, no Sudão, em Los Angeles, na Alemanha, na Itália e na França. À medida que os sistemas locais e nacionais de governo tornam-se inoperantes sob o impacto da globalização, as elites locais tentam agarrar-se ao poder manipulando os sentimentos étnicos e religiosos que surgem como reação.

“A globalização transforma a diversidade em doença e deficiência porque ela não se submete a um controle centralizado.”

Em um mundo caracterizado pela diversidade, a globalização somente pode efetuar-se rompendo a estrutura pluralista da sociedade juntamente com sua capacidade de auto-organização. No nível político e cultural, foi essa liberdade de auto-organização que Gandhi viu como a base da interação entre diferentes sociedades e culturas. “Quero as culturas de todas as terras correndo soltas o mais livremente possível, mas não quero ser pisoteado por nenhuma delas”, disse Gandhi.

A globalização não é a interação através das culturas de sociedades diversas; é a imposição de uma determinada cultura às outras. Nem é tampouco a busca por um equilíbrio ecológico em escala planetária. É a predação de todas as outras espécies por uma classe, uma raça, e frequentemente um gênero, de uma única espécie. O termo “global” no discurso dominante é o espaço político onde o dominante local busca o controle global, libertando-se da responsabilidade pelos limites que emergem dos imperativos da sustentabilidade ecológica e da justiça social. Nesse sentido, “global” não representa um interesse humano universal; representa um interesse e uma cultura locais e provincianos que foram globalizados por seu alcance e controle, pela sua irresponsabilidade e falta de reciprocidade.

A globalização ocorreu em três ondas. A primeira foi a colonização da América, da África, da Ásia e da Austrália pelos poderes europeus durante 1.500 anos. A segunda impôs a ideia ocidental do “desenvolvimento” durante a era pós-colonial das últimas cinco décadas. A terceira onda de globalização, desencadeada há aproximadamente cinco anos, é conhecida como a era do livre-comércio. Para alguns comentadores, isso implica o fim da história; para o Terceiro Mundo, é a repetição da história por meio da recolonização. O impacto de cada onda de globalização é cumulativo, mesmo enquanto cria descontinuidades nas metáforas e atores dominantes. Cada vez que a ordem global tentou eliminar diversidade e impor homogeneidade, a desordem e a desintegração foram fomentadas, não removidas.

Vandana Shiva é Ph.D. em filosofia e ativista pelo meio ambiente. É fundadora da ONG Navdanya, que promove a biodiversidade de sementes, bem como a prática de plantações orgânicas e os direitos de agricultores e agricultoras. Dentre os vários prêmios internacionais que já recebeu está o Right Livelihood Award (tido como o Prêmio Nobel Alternativo). Reconhecida internacionalmente como figura de destaque no movimento antiglobalização, Vandana Shiva tem se envolvido com atividades pela preservação de florestas, pela recuperação de saberes tradicionais e pelo desenvolvimento de programas sobre biodiversidade.

1 O ecofeminismo é um movimento surgido nos anos 1970 que conecta ecologia e feminismo, e busca liberar simultaneamente as mulheres e a natureza da violência do sistema patriarcal capitalista.
2 Vandana Shiva, *Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento*. Tradução de Laura Cardellini Barbosa de Oliveira. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
3 A Revolução Verde foi um conjunto de inovações tecnológicas de práticas agrícolas com a finalidade de aumentar a produtividade das plantações após a Segunda Guerra Mundial.
4 Vandana Shiva, *The Violence of Green Revolution*. Londres: Zed Books, 1991, p. 89.

*Agradecemos à autora pela cessão de seu texto e à Editora Vozes, pela tradução.

Aponte a câmera do seu celular para o código ou acesse bit.ly/paisagem-nossavoz

Marcelo Wasem grava os sons produzidos pela biodiversidade da agrofloresta no Sítio Paraíso Agroecológico, assentamento Sepé Tiaraju, região de Ribeirão Preto, São Paulo, 2016.

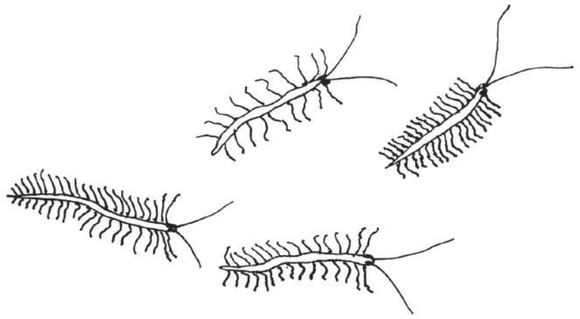
Paisagem sonora

por Jorgge Menna Barreto e Marcelo Wasem

Como uma proposta de diálogo e expansão das discussões levantadas pelo texto “Fazer as pazes com a diversidade”, de Vandana Shiva, incluímos nesta edição um link (via código QR) para escuta de uma peça sonora inédita. A peça é de autoria dos artistas Jorgge Menna Barreto e Marcelo Wasem e foi composta, em 2016, a partir da gravação de paisagens sonoras durante pesquisa para a obra *Restauro*, que integrou a 32ª Bienal de São Paulo. *Restauro* consistiu na criação, instalação e gestão de um restaurante que funcionou ao longo de todo o período de duração da bienal como um espaço de alimentação e mediação, cujas receitas eram baseadas exclusivamente em plantas. O projeto contou com a colaboração de agroflorestiros que forneciam frutas, verduras e legumes utilizados nas receitas. Em consonância com a ideia de restauro do corpo por meio da alimentação, proposta por Menna Barreto, as plantas que compunham os pratos eram cultivadas em sistemas agroflorestais que, por sua vez, têm como objetivo a restauração de solos e da biodiversidade das florestas. Durante os preparativos para este projeto, Menna Barreto e Wasem percorreram diferentes formas de agricultura, captando áudios tanto das agroflorestas e de entrevistas com agroflorestiros, quanto de monoculturas de cana-de-açúcar, de pinheiro, entre outras. Para esta edição do *Nossa Voz*, uma nova faixa foi criada a partir da edição do material coletado por Menna Barreto e Wasem. Este material forma uma espécie de paisagem sonora, permitindo a imersão sensorial e a ampliação da discussão em torno do universo dos distintos modos de agricultura e suas implicações. Este e outros áudios da pesquisa podem ser acessados por meio do código QR (que deve ser lido pela câmera de seu celular) ou pelo link bit.ly/paisagem-nossavoz

Jorgge Menna Barreto é artista e educador, cujas práticas e pesquisas têm se dedicado aos desdobramentos da arte site-specific a partir de uma perspectiva sul-americana e crítica. Em 2016, participou da 32ª Bienal de São Paulo com o projeto *Restauro*: um restaurante que operava a partir de uma rede complexa de regeneração ambiental em colaboração com agroflorestas do Movimento Sem Terra — MST do estado de São Paulo. Desde 2015, Menna Barreto é professor no Instituto de Artes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro — IA/UERJ, e em 2021 se tornará docente do departamento de arte e do mestrado em arte ambiental e prática social na Universidade da Califórnia Santa Cruz, EUA.

Marcelo Wasem é artista visual, músico e docente na Universidade Federal do Sul da Bahia — UFSB. Realizou residências artísticas no Museu da Maré e no Circuito Interações Estéticas. Está interessado em poéticas colaborativas, desenho, escultura, colagem, sonoridades e radiofonias no espaço público. Atualmente investiga as relações do pensamento amerindio e saberes afrodiaspóricos para outras bases do fazer arte no mundo.



PEDAGOGIAS DO PODRE

por Daniel Lie e Jonas Van

"Pedagogias do podre" [Rotten Pedagogies]* é o terceiro movimento de Daniel Lie e Jonas Van na Casa do Povo. Se, em 2019, es artistes foram convidades a pensar projetos para um jardim em expansão (fora, dentro e no subterrâneo da instituição), em 2020 o diálogo seguiu na Rádio Ânsia, plataforma de conversas sobre ecologias kuir.

Em seus projetos para o jardim em expansão da Casa do Povo, tanto Daniel Lie como o Universidad Desconocida — coletivo ao qual pertence Jonas — propuseram criar circuitos voltados a corpos e saberes invisibilizados presentes no prédio e no bairro. Daniel, com o trabalho Supremacia Humana: o Projeto Falido, estabeleceu uma relação com as entidades do prédio e com as espécies não humanas que o habitam, especialmente o Rainhado Funghi. No Cozinha Aberta — por que fazer arte se falta comida?, Jonas, com o Universidad Desconocida, usou a tecnologia da xepa e do recicle na feira de rua do Bom Retiro para fazer almoços abertos e gratuitos na calçada da Casa do Povo, criando outros circuitos de alimentação — a partir do lixo —, de relações no bairro e de corpos que passaram então a entrar na instituição.

Com a Rádio Ânsia, trabalhos que apareciam formalmente distantes no contexto do jardim da Casa do Povo criaram um diálogo estreito a partir de um assunto comum: a potência do podre e a importância vital dos organismos decompositores, tão frequentemente repelidos pela norma. Dessa conversa na rádio, surgiram também algumas das ideias que ganham forma mais explícita e aprofundada no texto que segue.

Os projetos de Daniel Lie e de Jonas Van foram particularmente desafiadores dentro de um contexto institucional, talvez, por lidar com partes da Casa e do bairro que não conhecíamos, e por criar situações abertas ao imprevisível. Sobretudo porque se acredita, em geral, que a instituição deve entender e controlar os processos de criação que abriga — e é possível mesmo que algumas sejam donas desse saber. A Casa do Povo não. Fazemos porque não sabemos — e ao acolher esses trabalhos mais uma vez relembramos isso. Desse fazer tateante que aprende no processo e em conjunto com es artistes, a Casa é não só o suporte para práticas experimentais, mas acaba transformando-se junto com elas.

Os gestos impressos pelas Pedagogias do Podre desde 2019 continuam reverberando na arquitetura do prédio, no pensamento/prática institucional do dia a dia, nos corpos de quem ali trabalha e também na coreografia bairro-Casa. Algo como se a Casa e todes suas habitantes, enquanto organismos vives, estivessem também em um processo de fermentação, procurando formas menos binárias de existir como corpo-instituição. É verdade que o mofo e os morcegos do TAIB, as pombas do terraço, as traças da biblioteca e os vermes que andam pelas colunas do prédio também nos ajudam nessa transmutação lenta e gradual.

ML / Nossa Voz

*O texto "Rotten Pedagogies" foi originalmente escrito para a revista *Usure Presse*, da instituição Urgent Paradise (Lausanne, Suíça), publicada em novembro de 2020.

Exercícios a partir de processos de transição da matéria

Prelúdio

1

JV

Eu me lembro de um sonho que tive quando era criança em que um homem cis comia feijão e depois vomitava o feijão nas próprias mãos. Ele comia o feijão ao mesmo tempo em que vomitava e, então, vomitava novamente. O processo se repetia: ele comia e vomitava e comia. Até que eu acordei. De alguma forma, esse sonho foi a primeira vez que duvidei do tempo linear, que as coisas não existiam segundo uma ordem com passado, presente e futuro, mas como acontecimentos que se prendem a uma repetição cíclica, na qual o fim e o começo são estados mutáveis da matéria. E esses estados se afetam de uma forma misteriosa, o que, justamente por ser um mistério, nos faz duvidar da sua veracidade.

DL

Aqui na Indonésia, a cada duas semanas retiro o lixo orgânico e enterro em um burraco no meu quintal. Aquela lata que contém as matérias em decomposição e também a companhia de animais: larvas (um tipo que nunca vi antes), cada uma com o tamanho de um centímetro e meio, roliça e bem alimentada. Ao despejar o conteúdo no buraco, tudo o que não considerei alimento nesses 14 dias passados mudou. Vejo parte do meu almoço da semana passada, o café da manhã de ontem — tudo úmido, com brilho e cor uniforme. Além de tudo isso, o cheiro está muito presente — cheiro de fezes, cheiro das minhas fezes. Se a matéria muda e apodrece pela ação de decompositores — bactérias, fungos, insetos etc. —, e há em comum o mesmo resultado desse apodrecimento — o cheiro —, a digestão que meu corpo faz tem um funcionamento parecido com o apodrecimento? Quando eu absorvo os nutrientes do alimento, meu aparelho digestório está realizando uma putrefação? A mesma pergunta faço do ponto de vista contrário: quando a putrefação do mundo age sobre os restos de alimento, o mundo está digerindo e se nutrindo disso?

JV

A decomposição da matéria orgânica é a evidência que estamos em movimento. Nossos intestinos têm um sistema nervoso independente do cérebro. Se ficássemos em absoluto silêncio poderíamos escutar as milhares de bactérias apodrecendo a comida no sistema digestivo, como podemos escutar as larvas comendo restos orgânicos e cagando a terra onde pisamos e cultivamos o alimento que vai apodrecer na nossa barriga. Isso se transforma em fezes: metade das nossas fezes são compostas de bactérias que vão pra terra de novo. É tão quente embaixo da terra que nascem cogumelos bioluminescentes. Entender a putrefação é refutar o tempo como o conhecemos. A morte e a vida, em sua estrutura ocidental. Por que o podre nos é abjeto? Por que nosso próprio corpo é abjeto? Fico obcecado com a ideia de que somos reféns da linguagem colonial, como se repetíssemos palavras anacrônicas, enquanto estamos em movimento.

“Entender a putrefação é refutar o tempo como o conhecemos. A morte e a vida, em sua estrutura ocidental. Por que o podre nos é abjeto? Por que nosso próprio corpo é abjeto?”

2

JV

Na primeira semana depois que me mudei do Brasil para Lausanne, na Suíça, encontrei um amigo e ele me perguntou: como você se sente agora que é um homem? E respondi que jamais ia ser um homem. A minha transição é uma recusa. Ao mesmo tempo, é como se fosse um fantasma, porque falhei em pertencer à norma; logo, sou invisível, as pessoas não falam comigo na rua. Aí, fico pensando que meu processo de transição culmina em ser um mistério. Porque é uma transição que rejeita a cisgeneridade enquanto referência de mundo, e essa cisgeneridade é o antropoceno branco, que pauta as relações de mundo por uma noção de superioridade a partir de uma lógica binária que vai além do gênero, que é o binômio “Humanidade x Natureza”, moral e imoral, começo e fim, opressor e oprimido. Transicionar me ensina a ser um mistério — o mesmo mistério que assombra o ocidentalismo e constrói o sentimento de abjeção à putrefação. Ou o ciclo da matéria viva que se decompõe para transmutar. A binariedade não permite a transmutação. Porque se a gente pensa nessa transição de um lugar pro outro, com começo e fim, que chega a algum lugar, de novo falamos de uma linearidade que é um paradoxo.

Imagens do projeto Cozinha Aberta: por que fazer arte se falta comida?, uma série de almoços abertos feitos com a xepa da feira do Bom Retiro pelo coletivo Universidad Desconocida, na Casa do Povo em 2019. Fotografias: Camila Svenson.

Acima: rolo de palha, detalhe da instalação *PODRERA*, de Daniel Lie, Kampnagel, Hamburgo/Alemanha, 2016. Fotografia: Daniel Lie.
Abaixo: parte da instalação site-specific *Supremacia Humana: O Projeto Falido*, de Daniel Lie, na Casa do Povo, 2019. Fotografia: Edouard Fraipont.

Cenas do jogo de video-game *The Last of Us*, no qual há uma infecção mundial por fungos, o que cria zumbis-cogumelos. Imagens apropriadas da internet.

JV Lembro que, na nossa conversa para a Rádio Ânsia da Universidad Desconocida, você falou que alguns grupos de pessoas e religiões não se permitem comer frutos do mar ou animais que se alimentam de seres em decomposição. Penso que, em paralelo a isso, existem muitas pessoas com dieta vegetariana que se permitem comer frutos do mar e peixes, como se não fossem animais, talvez por não achar nesses seres nada que se assemelhe ao corpo humano. Podemos então falar da relação narcísica dessa humanidade, que só nutre afetos a partir de um espelho. Os frutos do mar não têm um rosto reconhecível. As fungi não têm rosto. Então é fácil se distanciar delas ao ponto de serem dignos de violências. E assim também com tantos outros corpos com recorte de gênero e racialidade que não são entendidos como humanidade.

DL Isso que você falou da ausência de rosto ou do reconhecimento do rosto está totalmente colado à capacidade e à seleção de empatia. Com quem eu vou ter empatia para. E a empatia está também nesse lugar de espelho de narciso, né? Então a gente pode falar como a supremacia cis, hétero e branca cria a noção de que, se não for igual a ela ou a outra forma de ser que seja parecida com ela, qualquer expressão de gênero e racialidade é entendida como menor. Tem menos empatia. E aí, como a gente faz com os seres nesse mundo que não têm lugar nenhum identificável, nenhum traço de expressão emocional, sendo o rosto esse principal lugar? Se olharmos, por exemplo, o micélio das fungis, no começo é um pouco difícil de entender, porque a gente não sabe se é raiz ou não, porque também tem uma estrutura ramificada como a das raízes das plantas. O cogumelo também, assim como as próprias plantas, que não têm resquício antropomórfico, que não se parecem com o corpo humano, que não têm nada ali que a gente reconheça como um similar. E aí está o exercício interessante: a gente abolir essa empatia pelo rosto similar para poder entender que ali tem uma existência.

Essa é a busca da experiência de vida não binária: não só para o lugar de gênero, mas também para ampliar o olhar e lidar com a vida através de um ponto de vista não binário. Ou seja, olhar por pelo menos um terceiro caminho. Aí, a gente vai expandindo para um quarto, quinto, sexto, sétimo caminho. Como a gente pode criar afetividade em relação a questões que são muito importantes para existência da vida humana? Da mesma forma que outros seres, as fungis são extremamente importantes para existência de qualquer vida. São o micélio e as fungis que fazem a comunicação com as raízes das plantas, e que fazem com que elas consigam adquirir nutrientes que, sozinhas, não conseguiriam. Por aí a gente fala da existência de plantas pelos fungos, assim como quando a gente pensa que a nossa dieta — seja ela vegetariana, carnívora ou vegana — tem a base de fungos também. E aí, a gente já está falando diretamente da existência humana ou de qualquer outro ser vivo que existe graças ao rainhado fungi. Como a gente não vai cultuar, não vai honrar e desenvolver afeto por esse ser que absolutamente rege e permite a existência de vida?

DL Na minha experiência, foi muito forte entender que as fungis estão além da vida e morte. Esse conceito é bem pequeno pra essa entidade. Partindo da presença delas na vida humana, elas são cruciais para o alimento: na história da humanidade conseguimos sobreviver por meio de fermentações, como no pão, na cerveja, em muitos alimentos que ingerimos e também na cura de doenças. A penicilina é uma grande cura à base de fungos. E também o oposto: um dos grandes perigos do aquecimento global é a possibilidade de haver mais doenças causadas por fungos, porque esses esporos que estão no ar (esses fungos que a gente não consegue ver, mas que estão à nossa volta) não resistem a temperaturas acima de 36 graus, que é a temperatura média do corpo humano. Uma vez que há o aquecimento global, esses fungos começam a resistir a essas temperaturas, abrindo assim uma grande porta pandêmica, para nós, de doenças causadas por fungos. Fico pensando nas minhas experiências em que lidei com esses seres e no quanto dessa experiência elas me deram agência. Porque no meu convívio com elas, no meu trabalho, eu consegui ter alcance de outras perspectivas, entendendo isso como uma comunicação.

“Podemos então falar da relação narcísica dessa humanidade, que só nutre afetos a partir de um espelho. Os frutos do mar não têm um rosto reconhecível. As fungi não têm rosto. Então é fácil se distanciar delas ao ponto de serem dignos de violências. E assim também com tantos outros corpos com recorte de gênero e racialidade que não são entendidos como humanidade.”

JV

Volto a uma coisa que você disse: a possibilidade de vida além do binário. E penso na criação de percepções a partir dessa existência fungi, uma existência além da vida e da morte. Entender que somos energia em movimento.

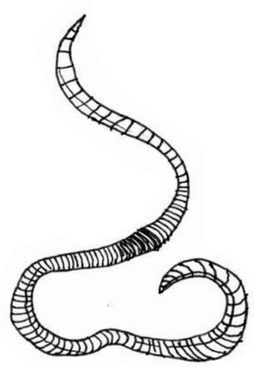
A decomposição da matéria orgânica, seja de vegetação ou de animais mortos, libera gases que pegam fogo espontaneamente, ao entrar em contato com o ar. As correntes de ar, causadas por pequenas movimentações, deslocam as chamas, criando o fogo-fátuo. O fogo-fátuo é uma explosão efêmera da putrefação que acontece no solo; se for vista por olhos humanos, podemos acreditar que estamos sendo perseguidos por uma serpente de fogo. Essa explosão é a própria transmutação da matéria orgânica. Manifestações de calor. Penso também no corpo de uma baleia morta que explode quando bate numa pedra na areia do mar, devido ao acúmulo de gases e energia. E que essa produção de energia também é mistério para a compreensão humana ocidental. O nosso corpo se comunica a partir de energias, mas fomos educados a não acreditar em energia, em feitiços, ou seja, nos mistérios. Porque acreditar em feitiços seria acreditar no nosso próprio corpo, e isso desestrutura a operação colonial, o projeto civilizatório que usa tecnologias de controle sobre nossas existências.

DL

Podemos olhar para a metodologia do nosso encontro por uma ótica do impacto e ação — isso tudo dentro do próprio movimento que a gente está observando da ação para além do humano, que chamamos de podre, de putrefação, de transição, transmutação. Fico pensando numa relação entre contenção e expansão. O quanto que o fogo-fátuo e a baleia são expansões. A baleia explode porque há uma expansão de gases, de tamanho, da matéria, uma transmutação, uma expansão de dimensão também. E as bactérias que fazem a digestão do nosso estômago, assim que a gente morre, elas começam a consumir o nosso corpo. Também acho que isso seja contenção e expansão. Talvez a contenção da vida, de manter vivo, e essa expansão como algo que não tem controle. E isso de alguma forma me remete a uma contenção a que a gente está sempre sendo submetides, enquanto pessoas não hegemônicas, cis-heteronormativas. Esse processo de expansão é um processo de libertação.

Fiquei pensando nisso de diversas maneiras, no bio-aquecedor que eu fiz num trabalho chamade Quing — palavra da língua inglesa relacionada à realeza, mas que não é rei (King) nem rainha (Queen) —, e no quanto, durante anos, eu pesquisei como essa matéria em putrefação também produz energia, assim como o fogo-fátuo, na sua pesquisa. Eu tinha feito uma instalação em que a gente estava utilizando um rolo enorme de palha — esses rolos são muito comuns na paisagem agrícola europeia.

Esse rolo estava num espaço fechado, onde precisávamos empurrá-lo pra ficar na posição correta. Em um esforço coletivo, movemos o rolo, e a parte que estava há dias encostada no chão, sem oxigenação, subiu. Tinha terra misturada com a palha, e tudo estava quente, um calor super agradável — devia estar uns 60 graus celsius. Foi um choque. E fiquei muito tempo pensando como aquilo aconteceu. Com a ajuda de micologistas, eu entendi que aquilo era uma reação de aquecimento causada por bactérias e fungos, e isso me levou a fazer um bio-aquecedor. Aquecer um espaço com a matéria em decomposição. A gente conseguiu realizar essa ação, e eu comecei a pensar esse calor como uma comunicação; uma possibilidade de esses seres além-de-humanos se comunicarem com a gente. Expansão como uma comunicação.



"(...) penso na criação de percepções a partir dessa existência fungi, uma existência além da vida e da morte. Entender que somos energia em movimento."

"(...) acreditar em feitiços seria acreditar no nosso próprio corpo, e isso desestrutura a operação colonial, o projeto civilizatório que usa tecnologias de controle sobre nossas existências."

No trabalho de Daniel Lie o tempo é o pilar central de sua reflexão. Desde a memória mais antiga e afetiva — trazendo histórias familiares e pessoais — até o tempo das coisas no mundo; o período de uma vida e a duração dos estados dos elementos. Por meio de instalações, objetos e hibridização de linguagens de arte, utiliza as coisas como elas são e baseia o trabalho em conceitos relacionados à arte da performance — uma arte baseada no tempo, efemeridade e presença. Para evidenciar essas três instâncias, elementos que possuem o tempo contido em si são utilizados como a matéria em decomposição, crescimento de plantas, fungos e o corpo. Em sua pesquisa, o olhar é voltado para tensões e tentativas de quebrar binaridades entre ciência e religião, ancestralidade e presente, morte e vida. Artista indonésiane-brasileire, transgênere, nasceu em São Paulo e atualmente vive um processo nômade.

Jonas Van (Fortaleza, 1989) é artista e cozinheiro transviado cearense. A sua prática é um exercício radical de questionamento de estruturas de poder normativas e criação de ecologias kuir, usando instalações e textos para criar referências estéticas e espirituais. Experimenta a narrativa ficcional e íntima, quebras linguísticas, tensões e transições anticoloniais a partir da perspectiva do alimento. Esteve em residência no México, Bolívia, Portugal, Espanha, Brasil e Suíça, recentemente participou de exposições no MAC Ceará, 71 Salão de Abril do Ceará, Instituto Tomie Ohtake em São Paulo, Arte Londrina 7, em *Urgent Paradise* em Lausanne, *Emergency* em Vevey, *Eeeeh!* em Nyon e acompanha o grupo de estudos Lastro desde 2017. Vive e trabalha em Genebra.

NA NOITE SERENA AS ROSAS SE ABREM

por Castiel Vitorino Brasileiro e Napê Rocha

Se eu te contasse meu segredo, o que você faria com ele? Tem coisa que não se explica, né?! Normal.

Você não está com calor?

Há quem diga que o trabalho dignifica o homem, mas eles não entendem nada do trabalho que a gente faz aqui. E o espírito tem dignidade? Tem dor que você sente e que não é sua, sabia? Pra isso tem jeito, e eu vou te contar.

Uma vez eu dei uma volta no tempo. Assim mesmo: eu vi o tempo perambulando por aí, montei nele e fui, como se fosse um cavalo, um bonde ou coisa assim. Mas isso é pra poucas, tá? Não é coisa sua, não. Quando a gente se preocupa demais com o tempo, a gente se esquece da vida. Você que não preste atenção na sua vida e no seu tempo, pra você ver onde você vai parar.

Hoje eu acordei com um som de uma risada que crescia. Será que riam de mim? Não era risada nem de homem, nem de mulher. Era uma risada de homem e de mulher. A risada de mulher e de homem me acompanhava em todos os cômodos e ria-se de mim. A cada refeição, eu ouvia a risada rindo de mim. A cada copo d'água, a cada gesto, risos. Vou ao espelho, encaro o reflexo, e a risada me encara de volta e ri de mim. Eu tô engraçada? É noite, deito e fecho os olhos. A risada ri mais uma última vez, me beija a face e me dorme.

Fechei meus olhos e quis abrir, mas não conseguia porque já não tinha olho nenhum. Enxerguei suas risadas com meus ouvidos e arrepios. Parecia que a risada era minha, mas eu já não sabia onde eu terminava para outra coisa começar em mim. Encontrei vocês nessa risadagem e meu corpo estava quente, disso eu tenho certeza. Vocês também sentiram? Nos tocamos e meu corpo continuou quente… eu havia me transformado em sua saia e queimava enquanto você me girava em seu corpo. Parece até que girar sem ficar tonta exige uma outra sabedoria.

Fechei os olhos e senti esse teu cheiro que me embrulhava o estômago — igual pano sujo torcido, sabe? Eu estava sendo lavada por não sei quem e, às vezes, parecia que era eu que estava lavando… também não sei o quê! Só sei que corremos de mãos dadas (molhadas ainda). Corríamos rápido, a passos largos, sem medo nenhum, em direção ao arco-íris. Enquanto corríamos, o vento encontrava a nossa pele, e o arrepio era o que nos localizava no tempo e no espaço, que era nosso próprio corpo. Nossa boca se abria, não sabia se era sorriso ou espanto… Às vezes eu me amedrontava com essa dúvida, mas continuava correndo de mãos dadas com você. Acordei de pé e ainda era escuridão.

O cansaço era como o de um dia inteiro de trabalho lavando roupa pra fora, mas ainda assim fui estender os lençóis no varal. Me assustei, parecia que ainda tinha alguém através de mim. Já não sabia se eu apertava ou não aquelas mãos… nem sabia se aquilo tinha mãos. E por que isso me amedrontava, se desde a nossa corrida de mãos dadas eu já não sabia mais dizer sobre meu corpo?

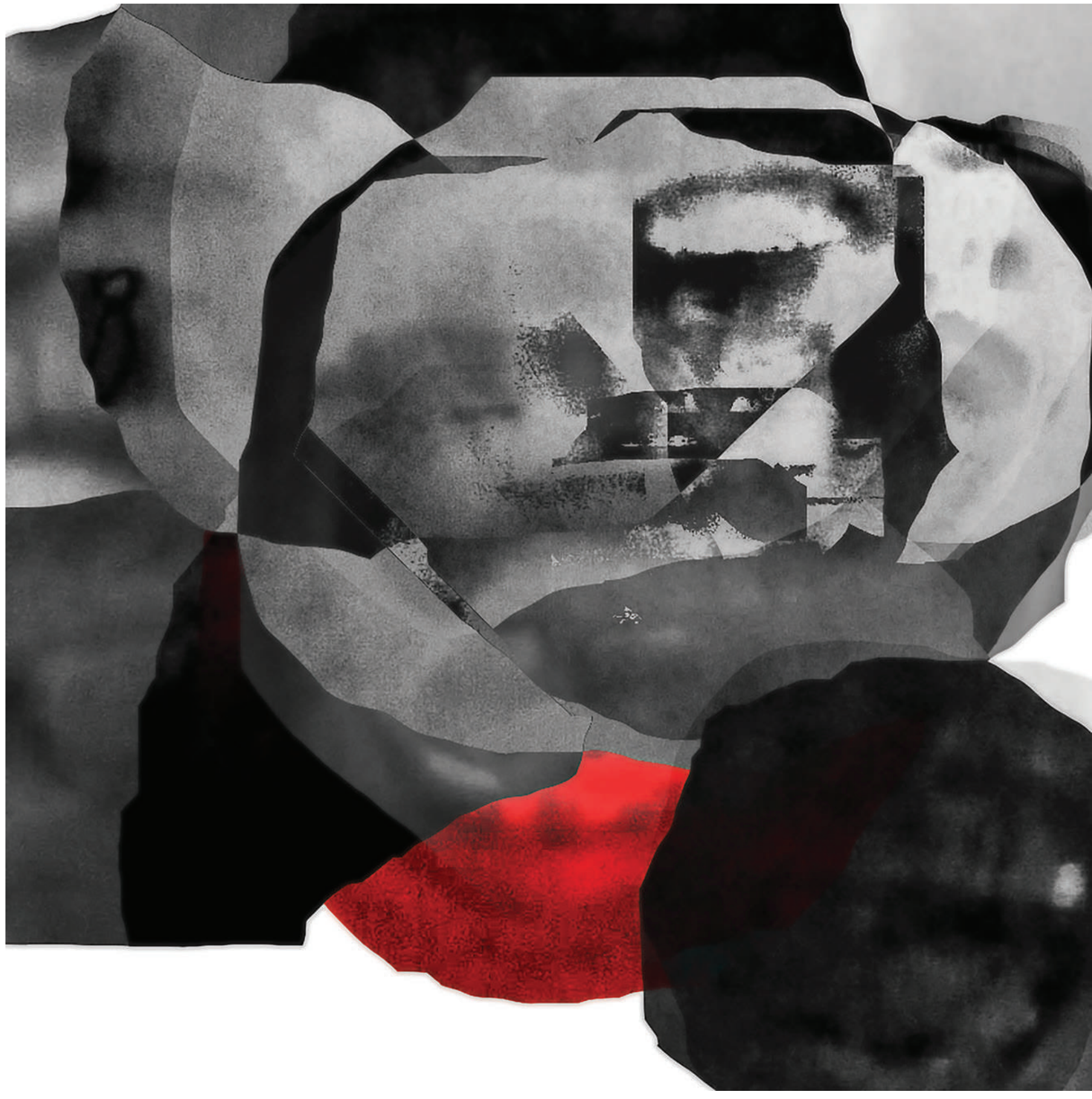
Reparou como a gente se parece? Tem coisa que não se explica, né?! Normal.

Eu vou te falar e você vai fazer assim: você pega uma bacia e bota um tanto d'água dentro. Nisso, você já coloca outro tanto de água pra esquentar e ferve um chá de camomila bem forte. Aí, quando estiver quente, você mistura com a água da bacia e coloca sete gotinhas de óleo de gerânio. Então você experimenta a água, bota um dedo pra ver se não tá queimando. Não é pra queimar, não! Se estiver bom, com a água quente-pra-morna, você coloca os dois pés de uma vez só. Vai doer, mas é pra doer mesmo, o que não pode é queimar. Aí, você fica ali, sentada, com os pés n'água. Se você fechar os olhos, você vai ver a água te pegando no colo e te embalando pra lá e pra cá. Mas não é pra virar água não, tá, meu amor? Ainda não é a hora, não.

Tá queimado!, minha avó me disse quando me viu fazendo aquilo. Ela se assustou com meus pés se diluindo em água de gerânio. Aí, eu disse: Amore, não tem nada queimado aqui. Ela parou, fechou os olhos pra sentir o cheiro de minha morte e disse: Misericórdia, esse pé tá podre. Tá repreendido! Taca sal dentro dessa água aí. "Água de mar", ela quis dizer isso? Ela me mandou mergulhar no fundo do mar, foi isso? Sei que até hoje ela não acredita que eu sei nadar, tem medo que eu me afogue nas profundezas, como já aconteceu com ela. Não coloquei sal nenhum, mas fechei os olhos e mergulhei novamente.

Você acredita? Acredita em mim? Acredita no que eu posso fazer e no que eu não te digo? Você acreditaria em mim se eu nunca tivesse falado com você, ou me mostrado pra você, ou contado meu segredo? De que vale saber o meu segredo se você não sabe o meu mistério? Se você não aprende o meu mistério? Você acredita? Melhor, você vê? Tá na cara. Você vê? Feche os olhos. Você vê, não vê? Você tá vendo? Você sabe que isso é aprendizado, né? Mas tem muito o que desaprender também. Tem muita coisa que te ensinaram errado. Tem muita coisa errada nesse mundo, mas eu vou te ajudar, se você quiser — mas tem que fechar os olhos. E agora, viu?

Ainda fria, me deitei, já sentindo que o fogaréu ia começar. Fechei os olhos e só vi fogo e fumaça. Achei o que estava procurando: o fogo. Quando tudo terminou, gozei e renasci. Ou gozei renascendo. Você não sabe, mas a minha vida foi toda choro; mas depois daquele dia, foi só risada.



Napê Rocha, Sem título, da série *Procedimentos para desenhar uma encruzilhada*, colagem digital, 2020.

Castiel Vitorino Brasileiro é artista visual, macumbeira e psicóloga (CRP 06 / 162518) formada pela Universidade Federal do Espírito Santo — UFES. Atualmente, é mestranda no programa de Psicologia Clínica da PUC-SP. Pesquisa e inventa relações em que corpos não humanos se desprendem das amarras da colonialidade. Compreende a macumbaria como um jeito de corpo necessário para que a fuga aconteça. Dribla, incorpora e mergulha na diáspora Bantu, assumindo a vida como um lugar perecível de liberdade. Atualmente, desenvolve estéticas macumbeiras de sua Espiritualidade e Ancestralidade Travesti. Nasceu em Vitória, Espírito Santo.

Napê Rocha é artista-educadora, crítica e curadora. Investiga práticas e poéticas de artistas negres, corporeidades negras e arte contemporânea a partir das vias prática+teórica e crítica nas artes visuais. A encruzilhada mobiliza seu trabalho orientado pela aspiração de refletir a respeito das posições ocupadas por pessoas negras no campo das artes visuais a partir de uma prática antirracista e anticolonial, bem como de inventariar sabedorias e tecnologias que possibilitem a continuidade das existências negras em meio à diáspora e no terreno da arte. Atualmente é doutoranda em Arte e Cultura Contemporânea pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro — PPGArtes/UERJ.

por Walmir Thomazi Cardoso e Armando Mudrik

Imagem
por Jaider Esbell

CADA CURVA DO RIO TEM UM CÉU DIFERENTE

Nesses últimos meses, muitos voltaram a olhar para o céu, ora porque as cidades ficaram menos poluídas (com a parada parcial da economia), ora para encontrar explicações ou presságios que pudessem nortear o confuso momento atual.

Convidamos dois especialistas em astronomia cultural — o antropólogo Armando Mudrik e o professor de física e astronomia, Walmir Thomazi Cardoso — para nos ajudar a escutar o que o céu (ou melhor, os céus) tem a nos dizer. Os dois textos apontam para lugares distintos, porém atravessados por dinâmicas semelhantes. Enquanto Walmir traz referências do Alto Rio Negro, Armando descreve Moisés Ville, uma das muitas colônias argentinas criadas pela *Jewish Colonization Association* [Associação de Colonização Judaica] do Barão Hirsch no final do século XIX. No encontro dos astros, das águas, dos ventos e dos relevos da terra, surgem então paisagens celestes, céus em disputa e uma multiplicidade de narrativas possíveis.

Para tornar o diálogo entre Walmir e Armando mais denso, cada autor foi chamado para comentar o texto do outro e o seu próprio, além de responder aos diversos comentários feitos. O resultado é um texto diagramado em muitas camadas, relembrando as páginas do Talmud, a Lei Oral judaica, onde comentários se sobrepõem a outros comentários em uma espiral hermenêutica. Para completar esse jogo dialógico, Jaider Esbell, artista visual Makuxi, acrescentou uma outra dimensão imagética, realizada a partir da leitura do texto. Do Alto Rio Negro à Pampa Argentina, da cosmogonia indígena ao calendário judaico, dos satélites de baixa altitude ao isolamento social, os textos originais tornam-se pretextos para uma conversa informal, entre a imagem e a palavra, que aproxima os céus do nosso horizonte. Enquanto as queimadas transformam os dias em noites, é necessário ampliar o alcance de nosso olhar para enxergar que os céus, fronteiras de uma nova colonização, também são bens comuns que precisam urgentemente ser preservados e cuidados.

BS / Nossa Voz

Jaider Esbell, *Espelho da alma*, A3 (29,7 x 42 cm), marcador Posca sobre papel Canson preto, 2020.

1)

por Walmir Thomazi Cardoso

Subir o Rio Negro e seus afluentes é uma experiência indescritível. A sua característica água escura lembra um chá preto. A cor resulta das contribuições de substâncias das folhas caídas no solo da floresta. No fundo é como um chá mesmo. Quando você mergulha o braço numa parte qualquer do rio, ele vai desaparecendo aos poucos até sumir por completo à visão. Há muitos lugares onde a água se acalma tanto que a superfície se assemelha a um espelho, refletindo o entorno. Um enorme espelho reproduz a imagem especular de tudo, como se existisse outro céu e outro rio, além de outra floresta. Um Universo paralelo ao nosso em outra dimensão. Será? A sensação da água do rio no banho também é impressionante porque, delicadamente, o fluxo te envolve. Acompanhado da diminuição da temperatura na sensação térmica local, o mergulho permite atravessar o espelho e frequentar outro mundo. Em alguns momentos, estar envolvido pela água do rio traz a sensação de plenitude, conforto e integração com o ambiente. Esta é a prova pessoal da veracidade da relação entre as populações indígenas e o legado de bem-estar e higiene dos banhos frequentes na cultura dessas sociedades tradicionais.

Perto do rio Negro, na cidade de São Gabriel da Cachoeira (1), escutam-se os sons de muitas cachoeiras pequenas e outras um pouco maiores. Entende-se a razão de todo aquele volume sonoro justificar o nome da cidade. O som causa admiração e espanto. Gera entusiasmo e respeito pela força das águas. Os demais sons da floresta cedem lugar ao rio que fala absoluto sob o testemunho distante da Serra de Curicuriari, também conhecida como “bela adormecida”. A linda formação, que pode muito bem ser vista da praia de São Gabriel da Cachoeira, serve de morada para um herói mítico chamado Wariró. Numa versão mais original para o aspecto das montanhas conta-se que elas lembram a imagem de uma das filhas de Wariró, dormindo. Prefiro essa narrativa à história da bela adormecida… (2)

A experiência do Rio Negro é, assim, intensa e reflexiva, ao mesmo tempo.

A água em movimento gera um tipo de vapor que se espalha pelo ar numa névoa úmida de odores. Alguns são agradáveis, apesar de desconhecidos ao repertório olfativo; outros parecem fortes e causam sensações que variam de acordo com a sensibilidade pessoal e com o conjunto de experiências anteriores. Dependendo da temperatura a névoa aumenta a sensação de peso sobre a respiração. Sente-se a umidade que estimula, mas mantém o suor no seu corpo quase todo o tempo. Isso pode ser desagradável se você resolver caminhar pela cidade no auge do dia. Salvo alguém aqui e ali, você se sentirá só nessa caminhada. Nos meus primeiros dias de Amazônia, eu fiz uma caminhada dessas e simplesmente não conseguia parar de transpirar, mesmo depois do segundo banho consecutivo. Você aprende rápido que Amazônia é água. Se água é vida, Amazônia é vida, por lógica formal básica. Senão pela lógica, a experiência amazônica marca profundamente a vida de uma pessoa e sua concepção sobre a relação entre vida e floresta. Ela é tão óbvia que custa crer que precisemos demonstrar isso, por meio da lógica e da argumentação científica. Já foi dito que é importante falar do óbvio... (3)

Quando subi no pequeno barco de alumínio com um motor de 40HP, eu pensei que íamos na direção oposta à das cachoeiras. Alguns minutos depois eu entendi a razão de precisarmos escolher bem o barqueiro. Ao ritmo do jongo, lambada, maracatu e mais a dança de anã (a jararaca), o barqueiro conduziu a *voadeira* (nome desse tipo de embarcação) literalmente entre as cachoeiras, ou apesar delas. Provavelmente são os dez minutos mais emocionantes do primeiro dia. Impossível precisar se são apenas dez minutos ou mesmo se são os mais emocionantes. Ao longo dos dias de viagem, você aprende muito com cada barqueiro. Num trabalho acadêmico, criei um paralelo entre a metodologia de pesquisa e a prática dos barqueiros. O que é metodologia senão o caminho dentro de parâmetros referenciais? Pois eles dão banho de metodologia — e se isso não acontece, o banho que você tomará será forçado, quando o barco virar...

1.1 BENJAMIN Entre as ameaças da COVID-19, as invasões de garimpeiros e as queimadas que tampam o céu, você pode nos contar como estão as voltas do Rio Negro?

1.2 WALMIR As notícias que recebi do Rio Negro não são as melhores. Havia um trânsito intenso de pessoas subindo e descendo os rios, mas a COVID-19 produziu efeitos na vida das comunidades. A morte do tuxaua Higino Tenório (ou Higino Tuyuka) foi muito assustadora e triste para todos. Ele era uma liderança, claro! Mas ele era mais do que isso. Você sentia a força da tradição Tuyuka quando ele falava. Quem teve o prazer de conhecê-lo ou de conviver com ele sabe muito bem do que estou falando. Era um educador com uma visão de escola que poucas vezes eu vi nos melhores educadores que conheci. Para ele, os estudantes tinham que produzir materiais educativos, orientados pelos professores indígenas que eram os conhecedores. A escola se dava em todos os lugares: na mata, no rio, na caçada, nos rituais, nas plantas, nos conhecimentos... E o material produzido ficava na escola para as gerações futuras olharem e alterarem, na medida em que os conhecimentos se reconstruíam. Tudo isso acontecia em classes multisseriadas! Era lindo de ver e participar. Eu fiquei pouco tempo na comunidade Tuyuka, mas era impressionante!

Essas condições se alteraram. Quando pessoas como Higino morrem, o mundo fica menor. Uma biblioteca pega fogo, perdem-se saberes e articulações. O restante, estamos vendo na batalha de narrativas e projetos para sociedade, no cenário atual. Não poderia fazer uma análise mais precisa porque as conexões não são fáceis, e o que sei, em grande parte, é o que circula nos meios de comunicação.

2.1 BENJAMIN Você poderia trazer algumas outras formações (ou constelações) que nos ajudem a descolonizar um pouco a maneira como costumamos olhar para essa paisagem?

2.2 WALMIR Penso que uma das constelações mais conhecidas dos Tukano, no noroeste amazônico, é Aña, a jararaca. Aña ocupa uma região do céu que corresponde à constelação ocidental do Escorpião e, possivelmente, parte da constelação de Sagitário e, talvez ainda, da Coroa Austral. Note que todo esse cuidado existe para dizer que a área da constelação de Aña é grande, e os termos “possivelmente” e “talvez” têm a ver com o fato de que essa descrição de região do céu decorre da pesquisa que fizemos, no médio Tiquié, na Escola Yupuri, em oficinas durante os anos de 2005 e 2007. Portanto, trata-se de uma pesquisa localizada no espaço e no tempo. Ela concorda, em parte, com os dados etnográficos presentes em fontes históricas como [Theodor] Koch-Grünberg, um etnógrafo alemão que, entre fins do século XIX e início do século XX, esteve em toda essa região. Descrições parecidas surgem num livro do Padre Alcionillio Bruzzi. O que importa para nós é que essa constelação parece corresponder ao que tradicionalmente se chama “jararaca” por parte desses grupos do alto Rio Negro.

A questão é que a imagem desse animal é descrita com uma bolsa de ovos que corresponderia àquela parte final da constelação ocidental do Escorpião, no apontamento feito pela maioria dos sabedores consultados por nós. Alguns pesquisadores afirmam que é um erro chamar essa constelação de jararaca porque esse animal é vivíparo, isto é, a jararaca (*Bothrops jararaca*) tem seus filhotes sem pôr ovos. Ao ter um saco de ovos representado, ela não corresponderia a esse animal. Sem ser ovovivípara, ela poderia ser representada com um saco de ovos? A discussão pode originar talvez um ou dois artigos cuja importância taxonômica suplanta, em muito, o tema etnoastronômico. Penso que as ideias de decolonialidade (sem “s”) são importantes para superarmos e transcendermos o processo colonial. Os subterfúgios do pensamento colonial estão impregnados em nossas ações e postura. O nome científico é um aspecto que pode ser pensado numa elaboração distinta daquela que se prende ao nome do réptil. Há que superar isso.

A constelação da jararaca se aproxima do horizonte no poente, logo após o por do Sol em novembro. Para algumas comunidades, o “ocaso helíaco” da cabeça de Anã marca um período de “enchentes”. Esse tempo é chamado de *Anã duhpoa poero* (enchente da cabeça da jararaca). O rio sobe de nível e os peixes ficam escassos. Hora de buscar outras fontes de proteínas, encontrar peixes em outros lugares... Coisa parecida acontece com o ocaso helíaco do corpo da jararaca, saco de ovos e rabo desse animal. A sucessão de elevações e descidas do nível do rio e as dinâmicas na disposição de fontes proteicas para a alimentação é suficientemente importante para originar um calendário. Outras constelações, como o tatu, o camarão e o peixe jacundá, a onça e o moquém, por exemplo, se relacionam com eventos do mundo Natural como florações, frutificações e do mundo Social como rituais e celebrações. Em suma, esse é um calendário. No caso do ocidente, por exemplo, o mês de abril marca o crescimento e floração da vegetação no Hemisfério Norte. Abril vem de “abrir” em latim, *aperire*. Na Amazônia, a abertura da vegetação não se dá em determinado mês com o nome do calendário que usamos. O calendário que usa as constelações faz mais sentido para essas populações e mostram que os ciclos e acontecimentos são locais; não estão sujeitos a um calendário imposto hegemonicamente. Ao mesmo tempo esse calendário ocidental serve para o relacionamento com os outros e, por isso mesmo, não há como descartá-lo. A consciência de usar as constelações e asterismos como marcadores temporais ainda continua sendo fundamental para esses povos. Essa paisagem só existe com as suas constelações.

3 ARMANDO É preciso falar do óbvio. E também investigar se essas suposições se vinculam à vida e ao bem-estar de diversos seres. Assim como a astronomia cultural torna clara a pluralidade de relações com o céu que existe neste planeta, é preciso colocar em evidência e falar dos múltiplos discursos que os humanos elaboram em relação ao mundo físico ou ao que se entende no ocidente por natureza.

Desnaturalizar suposições e obviedades que permeiam esses discursos é um exercício necessário para ir além do anedótico e pulverizar os cenários sociais em que essas construções se desenvolvem. Nesse sentido, aproximar-se dessa perspectiva nos permite observar como os discursos sobre o ambiente terrestre, o céu e outros espaços físicos e sociais são arena de disputas de diversos interesses e, portanto, são atravessados pelas diferenças de poder que caracterizam as relações entre grupos sociais distintos.

Cada curva de rio tem um céu diferente. Esta foi uma das conclusões a que cheguei depois de ter subido algumas vezes o Rio Negro, o Rio Uaupés e o Rio Tiquié. A frase continua sendo repetida muitas vezes na minha vida profissional, como se fosse um mantra... Ao mesmo tempo em que essa afirmação parece uma tautologia, ela carrega um significado oculto. No rigor da Geografia, a construção também é verdadeira *per se*. Se cada ponto sobre a Terra tem uma Longitude e uma Latitude, e se de cada lugar determinado tem-se um Horizonte único, cada céu acima de cada Horizonte é igualmente singular. No rigor da Matemática, cada pessoa tem seu próprio Horizonte, que muda de posição quando ela altera sua localização. O significado mais amplo da frase tem a ver com a alteração da paisagem ao seu redor. Ao se alterar a localização, necessariamente a paisagem se altera e, por isso mesmo, o céu como um todo torna-se diferente, porque faz parte dessa paisagem. (4)

Essa argumentação nos serve para dar a ideia de que seria impossível construir uma paisagem sem que o céu estivesse inserido nela. E a recíproca também é verdadeira: não faz sentido falar de um céu sem montanhas, planícies, vegetação ou prédios e viadutos. Uma área do céu pode ser isolada para ser estudada, fotografada ou representada, mas ela perde seu sentido e coesão com o todo (sua história e origem), se não está ligada a um horizonte ou a uma paisagem. As concepções acerca das constelações, dos movimentos dos astros como planetas, Sol e Lua, não aparecem de maneira separada do restante da paisagem. O elo narrativo que dá sentido à paisagem, incluindo o céu, surge com a presença humana. (5) Os seres humanos se espalharam pelo planeta a partir do continente africano, onde nasceu a nossa espécie. Desse berço comum, a ocupação do planeta foi revelando desafios distintos. Alguns lugares que pareciam agradáveis, seguros e com abundância de água e alimento foram se alterando. Inclusive porque outros grupos chegaram a esse lugar e tentaram ocupá-lo. As narrativas de grandes caçadas registradas graficamente nas cavernas e covas testemunham os feitos, os conflitos e a presença humana. Enquanto são atribuídos significados para os animais, para as plantas e para o mundo que os cerca, o tempo passa. O calor vira frio e calor de novo. Raios e descargas elétricas aparecem nas chuvas. A terra toda treme, os animais atacam, a água falta ou aparece em abundância, nem sempre como uma dádiva. Os eventos se sucedem, nem sempre benfazejos. Os deuses estariam bravos?

O Céu estrelado, como elemento da paisagem, está lá. O Sol implacável está lá, a Lua muda de fases e está lá. Ocorrem eclipses e aparecem “estrelas cadentes”. Essas narrativas também estão lá como os animais e as plantas, e tudo isso se torna presente em muitas narrativas registradas nas rochas, no registro das posições do Sol, no brilho variável dos planetas ou mesmo na pareidolia (reconhecimento de imagens de seres vivos, entidades míticas e objetos variados) das constelações. Elas se revelam em amontoados de estrelas e no fundo negro da Via Láctea, aquela faixa de aspecto leitoso que cruza o céu. As descrições e os testemunhos delinearam cosmovisões e ontologias presentes de maneira diversificada em muitas culturas. Todas essas narrativas são dependentes das experiências humanas compartilhadas em cada etnia, em cada conjunto de pessoas com elos e tradições comuns. Em cada curva de rio...

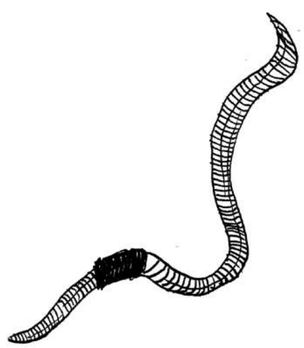
5.1 ARMANDO Como bem comenta o Walmir, diferentes grupos humanos entendem o céu em relação a diversos planos de sua vida social aqui, na Terra. Observar o céu com os pés sobre a terra e em contextos culturais diferentes gerou uma diversidade de céus ao longo da história. Nesse sentido, não deve parecer estranho que, nos dias de hoje, alguns descendentes de imigrantes italianos radicados no norte de Santa Fé afirmem que “a peste” (COVID-19) reduziria seus efeitos se tivesse mais tempestades com raios na região, para limpar o céu e o ar. Assim, guiados por formas tradicionais de entender os vínculos entre alguns fenômenos celestes e processos no âmbito terrestre, essas pessoas anseiam observar o firmamento e se deparar com sinais de tormentas que interrompam a “peste” e o longo período de seca vivido na região.

4 ARMANDO Ainda que a Astronomia Cultural e, no sentido que o Walmir afirma, a Astronomia Acadêmica ocidental evidenciem a diversidade dos céus que coexistem neste planeta, é interessante refletir antropologicamente sobre quais suposições e interesses são mobilizados no lema brandido pela União Astronômica Internacional em comemoração ao seu centenário: “100 anos debaixo de um mesmo céu”. Nesse sentido, é importante lembrar que há sociedades que, por diferentes motivos, se mostram interessadas na unificação de discursos vinculados ao céu, ao passo que em outras, sobretudo aquelas onde a oralidade continua desempenhando um papel importante na construção de seus sistemas simbólicos, a diversidade de discursos celestes acaba sendo uma vantagem e é funcionalmente operacional, no plano social. Nesses casos, ainda que seja certa a imposição de estruturas ou formas de classificar o céu, a flexibilidade que traz consigo o traço oral dessas tradições celestes imprime a coexistência de certa flexibilidade e diversidade de discursos.

5.2 WALMIR Eu gosto muito das associações com aquilo que classificamos como Meteorologia, e que muitos dos grupos humanos tradicionais as ligam ao céu, como um todo. Assim, do céu chegam dádivas, como as chuvas, e desgraças, como as tempestades ou os raios que podem matar as pessoas. Quando falamos de astronomia nas culturas e do papel da paisagem, estamos tocando em todos esses pontos.

Acho sensacional a história que me contou um motorista no centro-sul do Paraná, perto da localidade de Faxinal do Céu. Ele disse que havia escutado essa história de seu avô e que sempre funcionava, mas queria uma explicação sobre o tema porque eu, na condição de professor de astronomia, saberia responder… Era madrugada, e saíamos bem cedo para eu tomar um avião. Ele olhou o céu e disse que a Lua estava emborcada em forma de uma taça e que depois de alguns dias a água que estava saindo da “Lua-taça” chegaria aqui na Terra e teríamos chuvas abundantes. A Lua estava nos últimos dias do minguante e, bem pela manhã, parecia uma pequena taça mesmo. Sua posição relativa com a Terra fazia sentido no mito que o rapaz narrava. Ele, então, perguntou se estava certo e eu não soube responder... Dias depois choveu muito e, quando eu voltei ao Paraná, o rapaz que dirigia o carro me perguntou se estava certo o que havia escutado de seu avô, e como isso era possível. Eu continuei sem saber responder.

Anos depois, escutei narrativa parecida feita por pessoas com as quais o Armando trabalha. Achei a história o máximo! Como a paisagem pode ser descrita de muitas maneiras...



6.1 WALMIR Gostaria de inserir alguma reflexão sobre o isolamento social e nosso isolamento dentro de uma Galáxia. Algo como: estamos “solitariamente” reunidos num planeta. O que pensam disso? Seria uma ampliação da paisagem.

Algumas das imagens da paisagem, incluindo o céu, se veem representadas pelas pinturas rupestres, pelos alinhamentos de montanhas com as posições do Sol ou da Lua, com os brilhos de estrelas que se repetem anualmente num determinado pôr ou nascer do Sol. Se depois de determinada data chove, faz frio ou se é o momento mais adequado para plantar, ocorrem relações nos eventos e paisagens. Os calendários marcam a feliz concorrência de acontecimentos, em alguns casos. De outro modo, para nossos antepassados, determinadas incidências conjuntas ou coincidências podiam representar situações desvantajosas à luz de uma leitura simbólica. A etimologia da palavra “considerar”, isto é, examinar levando em conta as estrelas, é uma evidência da importância destinada à interpretação de configurações dos astros. Por mais que reconheçamos as limitações da astrologia no corpo dos conhecimentos científicos ocidentais da atualidade, ela desempenhou papel central na constituição das investigações astronômicas ao longo do tempo. Desprezar ou desconsiderar sua história e interpretações pode afastar a reconstrução de elos fundamentais da própria história da astronomia. Que se entenda que este não é um texto que favorece ou enaltece a astrologia e suas variadas práticas, mas que reconhece a importância de se compreender como essa forma de conhecimento também desempenha um papel importante na compreensão das paisagens descritas pelas várias culturas.

6.2 ARMANDO É uma metáfora muito interessante que você propõe, Walmir. Penso que grande parte da comunidade científica pode vir a concordar com você, no sentido de nos entendermos como seres intimamente ligados a este pedaço do universo que é a Terra. Mas considerando o contexto de disputa geopolítica e a fase atual do capitalismo global, vemos que grandes potências como EUA e China já estão desenvolvendo projetos de bases territoriais em outras regiões do sistema solar, como a Lua e Marte. Do mesmo modo, empresas privadas de tecnologia aeroespacial, como a *Space-X*, propõem serviços de turismo espacial, oferecendo viagens orbitais em volta da Terra e da Lua e projetando linhas de transporte para Marte. No fim, grande parte do desenvolvimento econômico capitalista e geopolítico que talvez tenha nos levado a esta pandemia entende que a vida na Terra é apenas uma etapa da história desta “humanidade”. Esse discurso que promove o destino “espacial” da “civilização” já está instalado. Vale lembrar algumas palavras do CEO da *Space-X*, Elon Musk, que afirma no site da empresa: “Você quer acordar de manhã e pensar que o futuro será grandioso, e é disso que se trata ser uma civilização espacial. Trata-se de acreditar no futuro e pensar que ele será melhor que o passado. E não posso pensar em nada mais emocionante do que sair e estar em meio às estrelas.”.

Vale se perguntar se essa é a direção do “progresso” que a humanidade quer ou busca. Cabe também se perguntar: à custa de quê? À custa de quem? Se é tão fácil pensar na humanidade ocupando o espaço, podemos imaginar a vida daqueles que ficarão na Terra?

É interessante também que, neste período de pandemia, muitas pessoas entusiastas da fotografia do céu noturno retrataram, em diferentes cidades do mundo, a passagem de novos “trenzinhos” de satélites Starlink que a empresa *Space-X* instala no espaço quase todo mês.

A *Space-X* tem como projeto colocar os satélites em órbita baixa (no início do ano, lançou 240 deles) com a missão de proporcionar internet de alta velocidade a usuários situados em diferentes pontos da Terra.

É possível que agora esse fenômeno seja apreciado como um evento celeste interessante, mas astrônomos já alertam a respeito das consequências que a instalação dos milhares de satélites que a empresa planeja colocar em órbita traria não só para a pesquisa, como também para a vida silvestre.

6.3 WALMIR Concordo, Armando! Impossível pensar cada momento e lugar da presença humana sem considerar as relações de poder, os interesses envolvidos na ocupação dos espaços terrestres e orbitais (para falar pouco!). Impensável olhar esses temas sem pensar nos interesses envolvidos. Esta é uma das razões pelas quais se tornam centrais as discussões sobre “decolonialidade” e “epistemologias do sul” — o último conceito presente em alguns pensadores e sociólogos como Boaventura de Sousa Santos. Acho que esses temas são como a própria paisagem: não podem ser pensados de maneira separada.

As culturas ao redor do planeta e ao longo dos tempos atribuem significados para a paisagem; criam, descrevem e modelam a paisagem. Adaptam-se ao que experienciam, mas também alteram os lugares onde estão. Dessa relação dialética entre sociedades e ambientes, nascem os estudos da Astronomia nas Culturas. Interpretar o que as culturas representam nesses complexos cenários compostos por céus e terras é uma parte da profissão de homens e mulheres que se autodenominam astrônomos e astrônomas culturais.

6.4 BENJAMIN Walmir pode, por favor, elaborar um pouco mais como você entende a “epistemologia do sul” e “decolonialidade”? Também queria aproveitar para pedir que comentasse a maneira como você tem usado a noção de “comum” para olhar o céu.

Cada curva de rio tem um céu diferente. Se você já esteve na Amazônia, sabe do que estou falando. Mas se você nunca foi até lá, também saberá. Basta ver uma foto aérea de um rio serpenteando a enorme planície que já foi braço de um Mar na história geológica do planeta. Distanciando-se dos espaços-tempos, talvez seja até fácil compreender a razão disso. Se a distância for maior ainda, a imagem do planeta mostrará de quantas curvas de rio se fazem as cosmovisões. (6)

6.5 WALMIR Tenho utilizado o conceito de “epistemologias do sul”, seguindo o referencial teórico do sociólogo Boaventura de Sousa Santos. Não se trata de uma epistemologia no sentido clássico do termo. Essa palavra foi empregada, grosso modo, para validação do que é científico, no passado. Há que se considerar o que nunca foi considerado sequer conhecimento — tanto do ponto de vista de sua consistência quanto de quem o produziu.

A questão não é geográfica apenas. Estamos falando do que é simbólico. O sul sempre representou majoritariamente esses grupos humanos cujas histórias, memórias e riquezas culturais tiveram que resistir à opressão hegemônica e à validação dos saberes estabelecidos.

Há uma sustentação teórica que tenho visitado para pensar todo esse processo de validação junto ao que podemos chamar de comum. Para uma primeira aproximação, o que chamo de comum nesse texto tem a ver com as tradições. Água é recurso, mas não é só isso. A água é usada no rito de batismo cristão. Não se fala da água como recurso natural nesse caso, mas trata-se de sua dimensão simbólica. Muitas divindades das religiões de matrizes africanas têm ligação com o que poderíamos chamar de forças ou elementos da Natureza. Água, chuva, tempestade estão relacionadas com ar e água, mas também com movimento e transformação. O comum aqui não é o recurso, mas o que há de concreto, material e simbólico na água, no ar e no céu. Existem elementos de discussão como a propriedade, os direitos de uso e a materialidade. Falo do imaterial que está na dimensão simbólica atribuída a cada um desses elementos comuns. As múltiplas dimensões do conhecimento me interessam e vão ao encontro do ato de trabalharmos para construir o processo de visibilidade para o que é invisível, ou de percepção do imperceptível, ou daquilo que, propositadamente, foi escondido da nossa percepção.

6.6 BENJAMIN Armando, relacionando o que Walmir escreveu acima, sobre o seu comentário anterior, queria saber se você acredita que estamos passando por uma privatização do céu e se isso é algo novo (comparado com as rotas dos aviões, por exemplo)?

6.7 ARMANDO Os céus escuros apresentam uma dimensão sociocultural de suma importância e, nesse sentido, podemos pensar no céu como um bem “patrimonial”. De alguma maneira, conscientes do valor social, cultural e científico do céu, bem como do papel relevante da ciência na cultura ocidental, no ano de 2003 a UNESCO e a União Astronômica Internacional (IAU) criaram a Iniciativa Temática “Astronomia e patrimônio” com a finalidade de reconhecer e valorizar de maneira patrimonial as relações com o céu desenvolvidas por diversos grupos humanos em todo o mundo e no decorrer do tempo. Assim, em 2007, a IAU e a UNESCO participaram da Conferência Internacional em Defesa da Qualidade do Céu Noturno e o Direito a Observar as Estrelas, celebrado na ilha de La Palma, no arquipélago canário (Espanha). Desse encontro internacional surgiu a Declaração sobre a Defesa do Céu Noturno e o Direito à Luz das Estrelas. Ao mesmo tempo, essa declaração da UNESCO propõe uma nova categoria de locais patrimoniais: as reservas *StarLight* (luz das estrelas, em inglês). Uma reserva *StarLight* é um espaço territorial onde se estabelece um compromisso pela defesa da qualidade do céu noturno e dos diferentes valores a ele associados, sejam eles tradicionais, científicos/astronômicos, paisagísticos ou naturais. Na América do Sul, até o momento, só existe um local declarado como reserva *StarLight*: o Parque Nacional de Fray Jorge, no Chile.

Nesse contexto, a superpopulação de satélites projetada impactará (e já impacta) não só a astronomia acadêmica, como também o plano cultural de outras sociedades contemporâneas. Por mais que a IAU tenha sentado para dialogar com empresas privadas de desenvolvimento aeroespacial como a *Space-X* para tentar reduzir o impacto nocivo dessa atividade, acredito que esse processo reflita algo estrutural.

Em certo sentido, estamos atravessando uma etapa de “privatização” do céu que tem a ver com uma nova fase de desenvolvimento do capitalismo global. Através de uma lógica colonial, esses empreendimentos entendem o céu, o espaço além da Terra, como um novo território/recurso “deserto”, ao qual é necessário levar a “civilização” para o bem de toda a humanidade.

2)

por Armando Mudrik

Uma vez ouvi dizer que a paisagem das amplas planícies do norte da província argentina de Santa Fé é o céu. Mas, pensando melhor, “os céus” são parte importante da paisagem daquela região. É o que confirmaríamos ao visitar o pequeno vilarejo e a zona rural de Moisés Ville, um povoado de 2.500 habitantes surgido como colônia agrícola em fins do século XIX, no contexto da expansão do Estado sobre a região sul do Gran Chaco.

Ali, colonos judeus trazidos do centro e do leste europeu pela *Jewish Colonization Association*, juntos com imigrantes não judeus provenientes do centro, leste e sul europeu, e também mestiços, fizeram convergir de maneira dinâmica diversos céus que hoje coexistem em Moisés Ville. São céus imigrantes que percorreram milhares de quilômetros, cruzaram-se uns com os outros e, ao mesmo tempo, também com os céus chaquenhos; céus que mudaram a partir de novas experiências vividas num novo solo e junto de novos “outros”; céus que vivem e se transformam junto com tarefas agropecuárias, manifestações religiosas e outros processos socioculturais; céus a partir dos quais é possível construir identidade, legitimidade e liderança no marco das complexas relações entre os diferentes grupos humanos que convivem em Moisés Ville e região.

Pouco tempo depois de constituída a colônia de Moisés Ville, os céus daqueles primeiros colonos judeus oriundos de *Kamianets-Podilskyi*, atual Ucrânia, começaram a ser atravessados pelas novas experiências nestas latitudes austrais. “Tudo aqui é ao contrário do que estamos acostumados…”, afirmava um desses primeiros migrantes judeus, adepto do hassidismo, em carta a seu rabino na Europa. Com o mesmo estranhamento, outro colono judeu vindo da Lituânia registrava em suas memórias: “O calor vem do norte, e o frio, do sul! A oração de ‘Orvalho e chuva’ é pronunciada no inverno, e a de ‘Fazer descer o orvalho’, no dia 10 do mês hebraico de *Tévet*, no qual, além disso, deve-se jejuar durante todo um dia longo de verão, ao passo que o dia 17 do mês de Tamuz calha de ser um dia curto de inverno, se é que isso pode ser chamado assim, pois não há neve nenhuma e os locais tampouco são aquecidos.” É que muitos aspectos religiosos da tradição judaica foram forjados com base na construção de vínculos entre ciclos celestes e terrestres vividos no hemisfério norte.

Nesse sentido, as festas de *Pessach* e *Shavuot*, de grande relevância para os colonos judeus, têm sua origem em festejos vinculados a ciclos produtivos e ambientais em Israel ou no hemisfério norte: a *Pessach* é ligada ao começo da primavera, e o Shavuot, ao período de colheitas, que ocorre no mês hebraico de Sivan, ou entre maio e junho do calendário gregoriano. Desse modo, ao chegar em Moisés Ville, os colonos judeus estranharam o fato de, pela primeira vez, celebrar *Pessach* no outono e de que, na Argentina, a época da colheita de trigo ocorrera entre os meses de *Kislev* e *Tevet* do calendário hebraico — entre dezembro e janeiro do calendário gregoriano. Dessa forma, a mudança de hemisfério causada pelo deslocamento dos colonos europeus ao chaco de Santa Fé acarretou experiências contrastantes entre as atividades produtivas que eles realizavam de fato em seus sítios e aquelas a que fazem referência o calendário hebraico e a exegese tradicional do sentido das festividades.

Mas aqueles céus trazidos pelos imigrantes judeus começariam a sofrer mudanças não apenas pelo vínculo com a vida religiosa, como também pelas novas experiências sociais desenvolvidas no plano de suas atividades agropecuárias. Novos vínculos celestes surgiriam a partir do momento em que imigrantes vindos de cidades ou povoados da Europa começaram a praticar agricultura e criação de gado (entre outras tarefas produtivas) em suas propriedades em Moisés Ville. Famílias de comerciantes, artesãos, profissionais, rabinos, *shokhets* [pessoa responsável pelo abate ritual dos animais] e *sofers* [escriba da Bíblia Hebraica] selecionados na Europa pela *Jewish Colonization Association* tiveram que aprender a lavrar a terra e a criar gado em novo solo. Alguns o fizeram com ajuda de mestiços e imigrantes europeus não judeus que faziam trabalhos rurais contratados pelas famílias dos colonos judeus para explorar suas propriedades. Nesse contexto, aprenderam formas tradicionais do “trabalho no campo” e, assim, começaram a observar certos ciclos e traços do céu importantes na hora de realizar determinadas tarefas agropecuárias. Desse modo, os colonos judeus foram se familiarizando com rotinas de trabalho em suas propriedades por meio das quais eram construídas novas relações com o céu. A observação dos ciclos da Lua passou a ser importante na hora do cultivo da alfafa (*Medicago sativa*), de cortar árvores para obter lenha, de semear a horta e de abater bovinos. Até mesmo outras atividades sociais, como as reuniões de direção de cooperativas agropecuárias, foram organizadas por regulamento em dias de lua cheia, para facilitar a volta dos colonos para as suas propriedades tarde da noite, depois das extensas reuniões. Assim, alguns processos no plano produtivo da vida social dos colonos se desenvolviam no ritmo de determinados fenômenos celestes.

Embora valorizados de outra forma, atualmente esses “pequenos costumes” ainda são importantes para alguns dos descendentes daqueles colonos judeus, mestiços e outros imigrantes que continuaram o trabalho em suas propriedades. Os prognósticos meteorológicos e a implementação de estratégias produtivas originadas em conhecimentos científicos e tecnológicos não substituíram por completo as tradições práticas dadas à observação de partes do céu no contexto das tarefas agropecuárias.

Por um lado, José, filho de colonos judeus russos, continua marcando no calendário pendurado na cozinha de sua casa que os dias posteriores à lua cheia, entre abril e março, são apropriados para semear alfafa em sua propriedade, que fica bem perto de Moisés Ville. Por outro lado, Benito, como fazia seu pai quando chegou muito jovem da Itália, ainda costuma observar a inclinação dos “chifrinhos” que a lua mostra nos primeiros dias do período crescente para saber se vai chover ou não naquele mês. Pois a crescente lunar assume diferentes inclinações em relação ao horizonte ao longo do ano. Como diz a tradição, se a Lua mostra seus “chifrinhos para o norte, espera-se que chova o mês todo”, mas se estão “para cima”, a Lua “não derrama água” e anuncia um mês “seco”, sem precipitações. Como se sabe, prognosticar chuvas ou secas é muito importante no contexto de planejar atividades ligadas à agricultura e à criação de gado. Com isso em mente, o pai e os avós de Benito já observavam na Itália a crescente lunar de cada mês, só que, ao chegar em Moisés Ville, aquele céu se reconfigurou meridionalmente. Aqui, em vez de esperar chuva ao avistar a crescente lunar orientada para o sul (como se observaria no hemisfério norte), o pai de Benito começou a vincular os períodos de chuva ao observar a crescente “apontando” para o norte.

7.1 ARMANDO O nandu foi uma das representações celestes mais interessantes que meus interlocutores me apontaram desde o primeiro dia de trabalho de campo nesta região, em março de 2010. O nandu é um asterismo de forma alongada, constituída pela união de áreas escuras que, em contraste com as áreas brilhantes, pode ser observada na Via Láctea. É uma espécie de constelação escura muito sugestiva. Para distingui-la, precisaríamos nos retirar até o campo ou até um ponto onde haja um céu escuro, já que, devido à contaminação lumínica, a Via Láctea está sendo apagada dos céus metropolitanos. A "cabeça" do nandu se encontra próxima do Cruzeiro do Sul. Ali, de acordo com o que as pessoas comentam, observa-se o "olhinho" do nandu, representado por uma estrela de cor vermelha. O restante do corpo se estende até a constelação de Scorpius, o antigo Escorpião.

Poderíamos até chegar a especular que essa representação celeste de uma ave chaquenha é uma produção própria dos imigrantes europeus e seus descendentes radicados nas colônias, mas é certo que perderíamos de vista as complexas relações que aqueles imigrantes e suas famílias estabeleceram com os grupos aborígenes da região.

Nesse sentido, é interessante reconhecer que, entre grupos chaquenhos como os mocovíes, os tobas e os tobas do oeste da província de Formosa, também existe a ideia de um "nandu" ou "suri" observado na mesma região da Via Láctea, naquelas mesmas zonas escuras, chamado de Mañik, um importante personagem de relatos míticos desses grupos aborígenes.

Certamente o Mañik chegou até os judeus e outros colonos europeus através de relatos de mestiços ou de aborígenes que trabalhavam como operários rurais em suas propriedades.

Esta não seria a única reestruturação experimentada pelos céus desses imigrantes radicados em Moisés Ville e região, visto que novos asterismos, novos traços do céu culturalmente relevantes, seriam a seguir incorporados. Assim, imigrantes europeus e seus descendentes chegam a representar nas manchas escuras observadas na Via Láctea um nandu. Trata-se de uma ave da região chaquenha (Rhea americana), importante em termos sociais e culturais não só para os colonos e seus descendentes, mas também para os grupos guaicurus, como os tobas e os mocovíes, originários do Chaco sul-americano, que tradicionalmente também veem o mítico nandu na mesma parte do céu. (7) Tal fato traz consigo o preceito de que os céus são construções dinâmicas e atravessam mudanças ligadas às complexas e variáveis relações entre os diferentes grupos sociais que se fazem presentes historicamente na região, como grupos aborígenes, mestiços e imigrantes europeus. (8)

O tempo passou em Moisés Ville. A colônia agrícola foi despovoada e o povoado vivenciou uma importante mudança demográfica. A comunidade judaica da região representa hoje apenas 8% do total da população, mas ainda podemos ver a heterogeneidade histórica desse coletivo, materializada, por exemplo, através das quatro sinagogas que irrompem na paisagem urbana dessa pequena localidade argentina. Elas são popularmente conhecidas com os nomes de "sinagoga operária", "sinagoga dos polacos" ou "dos religiosos", "sinagoga lituana" e "sinagoga dos ricos" ou "Barão Hirsch", e cada denominação denota as características associadas a uma determinada congregação à qual pertenciam os diferentes templos. Chega a sexta-feira e alguns daqueles descendentes de colonos e imigrantes judeus vindos do centro e do leste europeu se preparam para receber o *shabat* [dia do descanso semanal judaico que inicia no anoitecer de sexta-feira]. Antes de partir em direção à sinagoga Barão Hirsch (a única sinagoga onde ainda se oficia no povoado) para participar de um novo *kabalat shabat*, mulheres observam atentamente o céu de seus lugares, buscando sinais que lhes deem a indicação do momento adequado para acender as velas. Outros esperam vislumbrar no firmamento "a primeira estrela" ou "as três primeiras estrelas" que anunciam o começo do *shabat*. (9)

Os diversos céus de Moisés Ville vivem com sua gente e fazem parte da paisagem deste pedaço do sul da nossa América. (10)

7.2 WALMIR As regiões escuras da Via Láctea parecem chamar a atenção de populações tradicionais, principalmente aqui no hemisfério sul. Incas, aborígenes australianos e etnias africanas criaram representações nessas regiões como nos mostra o recente artigo "A Comparison of Dark Constellations of the Milky Way" [*Journal of Astronomical History and Heritage*, Vol. 23(2), 2020, pp. 390-440].

O mesmo animal descrito em seu texto é visto por muitas etnias que ocupam regiões distintas do Brasil. Trata-se da constelação da Ema, indicada pelos guarani. Muito curioso é o fato de que a constelação que representa o mesmo animal seja vista no céu, na mesma região, pelos aborígenes australianos. O relato de Claude D'Abbeville, "História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas", de 1614, trata dessa mesma constelação de fundo negro na Via Láctea. Em outras palavras, a imagem é mais comum do que imaginamos e, por razões diversas, é representada nesse fundo negro do céu em vários lugares com experiências culturais distintas.

8 ARMANDO Dizer que as relações entre os diferentes grupos sociais historicamente presentes na região foram complexas e variáveis talvez seja uma afirmação muito ampla e que, ao mesmo tempo, diz muito pouco especificamente.

Desde o início da colônia de Moisés Ville, as coisas nem sempre foram cordiais entre "nativos" e imigrantes judeus. Estamos falando de um contexto de relações coloniais, atravessado por fortes diferenças de poder. O panorama de relações entre judeus e alguns imigrantes eslavos não foi muito diferente. Eles chegaram à colônia vindos das mesmas regiões do leste europeu, e, em sua maioria, tal como os nativos e imigrantes italianos, eram contratados como trabalhadores rurais nas propriedades dos colonos.

A mesma coisa acontece dentro da comunidade judaica heterogênea de Moisés Ville e região. As mudanças demográficas registradas desde a segunda metade do século XX trouxeram consigo o incremento na taxa de matrimônios exogâmicos, entre "judeus" e não judeus, fato que há décadas dá origem a um importante conflito no seio da direção comunitária, ligado ao desejo de muitos desses casais de serem ambos enterrados em cemitério judaico.

Mas tem ainda um fato discursivamente interessante ligado às relações entre os diferentes grupos humanos que convergiram na região. Desde 2004, a cada ano é celebrada em Moisés Ville a "Festa Provincial da Integração Cultural", um evento que tenta colocar em relevo a ideia de uma sociedade moisesvillense segundo a qual aqueles judeus do leste europeu conviveram em total harmonia com outros imigrantes europeus e nativos da região. Mas o "quem é quem" desse discurso que tenta contar uma determinada história local ainda gera tensões entre aqueles que são ou não representados por ele.

9.1 WALMIR Armando, seria muito bom inserir um pouco da sua reflexão sobre a pandemia e as questões que envolvem as relações humanas e as questões dos calendários. Como isso altera a pesquisa? O que você acha disso?

9.2 ARMANDO Com o contexto de isolamento social imposto pela situação de pandemia, as experiências do sagrado também passaram por algumas mudanças. Desde fins de março de 2020, as relações sociais e algumas manifestações simbólicas, como é o caso das manifestações religiosas, foram mobilizadas para esses "não lugares" ou espaços virtuais gerados pelas novas tecnologias de comunicação e informação. Nesse sentido, toda sexta-feira à tarde, membros da comunidade judaica de Moisés Ville se somam a transmissões em streaming de ofícios oferecidos abertamente por outras comunidades da Argentina através de diferentes meios online. Outros se reúnem por Zoom para orar em diferentes momentos do dia com judeus religiosos de outras partes do país. Outros ainda se juntam a conversas conduzidas por rabinos reformistas que nunca puderam visitar Moisés Ville, mas que, por meio da internet, podem se aproximar de qualquer judeu no mundo. Surgem assim novas experiências, novas formas de viver o religioso ou o espiritual. Práticas tradicionalmente ligadas a ciclos celestes, como o pôr do sol no caso do início do ofício de *kabalat shabat* [serviço religioso celebrado ao anoitecer de sexta-feira], podem ser revividas a qualquer momento do dia no ciberespaço. Ocorre assim um interessante processo de ressignificação de manifestações do sagrado. Novas formas de se unir em comunidade, de imaginar a comunidade. Outras maneiras de pensar o corpo neste contexto.

Ao mesmo tempo, tudo isso marca um desafio na pesquisa dos vínculos construídos com o espaço celeste no contexto religioso que agora se expressa nesses marcos de relações virtuais impostos pela pandemia e facilitados pelas novas tecnologias de comunicação. Novos horizontes nos quais as pessoas vivem, fazem intercâmbios e geram relações que, embora tenham uma natureza particular, não podem ser interpretadas como superficiais ou de pouco impacto real.

10.1 WALMIR Seria interessante também falar de outras colônias desse tipo, ao redor do mundo. Você tem notícias delas? Alguém fez algum trabalho como o seu nesse sentido?

10.2 ARMANDO Embora a experiência da colonização agrícola judaica na América tenha se iniciado na Argentina — com Moisés Ville compondo parte importante dela —, a *Jewish Colonization Association* fundou colônias nos Estados Unidos, no Uruguai e também no Brasil. Quatro Irmãos é um pequeno vilarejo que surgiu como colônia judaica em pleno Rio Grande do Sul, na região de Erechim.

Ela foi constituída entre os anos de 1911 e 1912, com grupos de colonos provenientes de diferentes colônias da JCA na Argentina (entre eles, colonos de Moisés Ville) e também a da região russa da Bessarábia.

Mesmo que, hoje em dia, já não vivam mais famílias judaicas na região, sua passagem deixou registros materiais por meio de uma sinagoga e de um cemitério judaico.

Também é interessante notar que, mesmo que o processo de colonização agrícola judaica na América tenha sido estudado a partir de diferentes perspectivas, pouco foi dito sobre o interessante tema das relações com o céu que os imigrantes judeus desenvolveram nesse contexto histórico e social. Como comentei, no meu caso, venho desenvolvendo pesquisas sobre o tema na região de Moisés Ville desde 2009, e acho que seria de grande interesse realizar um estudo comparativo das relações que colonos judeus de outras regiões da América do Sul mantiveram com o céu. Sem dúvida seria uma contribuição aos estudos sobre os processos de construção de conhecimento do entorno de imigrantes europeus que chegaram a essas latitudes.

Armando Mudrik (1985, Santa Fe, Argentina) é astrônomo e mestrando em antropologia pela Universidad Nacional de Córdoba. Desde 2010 estuda as relações entre o céu dos colonos imigrantes e seus descendentes no norte da província argentina de Santa Fe. É membro da Sociedade Interamericana da Astronomia na Cultura.

Jaider Esbell (1979, Normandia-RR). Indígena da etnia Makuxi da Terra indígena Raposa Serra do Sol em Roraima. Inicia sua trajetória artística em 2009 quando recebe a Bolsa Funarte de Criação Literária. Em 2011, realiza a sua primeira exposição individual. Nos anos seguintes organiza o Encontro de todos os povos, evento multiétnico de artistas indígenas. Em 2013 e 2014, vive nos Estados Unidos como professor convidado no Pitzer College. De volta ao Brasil, intensifica seu trabalho realizando obras em diversas plataformas - do cinema ao teatro para se firmar como um dos principais expoente de uma nova geração de artistas indígenas. Ganhou prêmios de literatura, cinema e artes visuais. Vive em Boa Vista-RR onde mantém a Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea.

Walmir T. Cardoso é bacharel e licenciado em física pela PUC-SP, onde é professor da Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia. Especialista em história da ciência pela ÚNICAMP, mestre em história da ciência e doutor em educação matemática, ambos títulos na PUC-SP. Apresentou séries televisivas de difusão da astronomia — *Olhando para o Céu* (1994, TV Cultura, SP) e *ABC da Astronomia* (2012). Pesquisa na área de astronomia nas culturas. É membro da diretoria da Sociedade Interamericana de Astronomia na Cultura (SIAC).

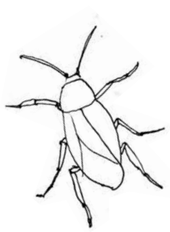
Fotografia: abigail Campos Leal

obversar: sobre-vivência y transmu-tação nas inscrições de Octavia Butler

por
abigail Campos Leal

Os seus professores
Estão à sua volta.
Tudo o que você percebe,
Tudo o que você experiencia,
Tudo que lhe é dado
Ou tirado de você,
Tudo o que você ama ou odeia
Irá te ensinar —
Se você aprender (...)

- SEMENTE DA TERRA: O LIVRO DOS VIVOS, Octavia Butler, (2007 [1993], p. 279)



inscrevendo a mudança além da letra

através de inúmeras formas, nas suas infinitas marcas es*face*ladas, nos seus movimentos singularmente errantes, nas suas *desfeituras ~~originárias~~*, no mais insignificante dos detalhes, esse *mundo* está a escrever. Podemos, então, caso tenhamos a sensibilidade, tentar *ler* com o corpo, na pessoalidade mais alienígena y na despersonalização mais íntima, o que esse mundo grafa. A complexidade desse mundo, aliás, nos demanda como condição de atravessamento do ~~fim~~, agora mais do que nunca, que nos reconectemos — que nos *impliquemos*, para dialogarmos com Denise Ferreira da Silva (2019) — com essas esferas do mundo que foram amaldiçoadas pela ontometafísica eurocolonial. y por isso mesmo já não tememos mais sermos chamadas de místicas, obscurantistas y subjetivistas pelos detratores da complexidade incapturável desse mundo, ainda que nossas posições não possam ser reduzidas a esses termos. sei que isso é *bem m/eu*, mas sei também que muitas outras, que caminham para outras direções, às vezes análogas, também bombeiam esses *desejos de abolição* y *implicações selvagens*! esse movimento não deixa de ser a transformação de uma *época*. Uma época que Octavia E. Butler, como tantas outras ***forças*** pretas femininas, ajudou a abrir. Essa *abertura epocal*, que aparece como uma mera transformação no texto autobiográfico e/ou literário, de forma grandiosa y caótica, anuncia nada menos do que *uma outra forma de ler y inscrever o mundo*; y está, aí mesmo, a *desfeitura anticolonial desse mundo* que precisa acabar!

~~me~~ arrisco
em caminhos misteriosos (((o
abertos por outras forças...
uma sobrancelha arqueando,
um cometa riscando o *~~céu~~*,
s
é
r
a
a subida das *m*,
um *esgoto* a céu aberto,
a mudança dos *ventos* y da **pressão** atmosférica,
a cor do nosso mijo,
a textura de uma fruta,
a eleição de um presidente,
uma pessoa entrando num banheiro,
a carcaça de um animal morto,
o aumento das ***enchentes*** numa cidade,
uma pessoa trocando de calçada ao ver a aproximação de **outra**...
todas essas *inscrições*, que já estão se desfazendo,
carregam y comunicam inúmeras *forças*.
isso se lê! sentindo, *e/u* aprendi.

trilha sonora para o fim do mundo: desabrochar

26/07/2020: era uma manhã nublada de domingo, aqui, próximo às margens do Rio Tamanduateí. Entrávamos no quinto mês da quarentena. Uma leve brisa soprava: o céu estava com nuvens acinzentadas que deslizavam rápido y, hora ou outra, o sol saía. A sensação era boa: o sol batia na pele, esquentando-a, dissipando o friozinho nos arredores, mas ainda deixando um clima agradável. tomei um longo banho gelado pela manhã. Estávamos, nós quatro (às vezes éramos sete, contando com as gatinhas), no quintal, nos fundos da casa. Esticamos um edredom velho no chão do quintal. Tocava uma *playlist* maravilhosa que preparamos na noite anterior (mas que seguia sendo transformada ao longo do dia), especialmente para este dia. Estávamos dançando, conversando y rindo, no edredom; podíamos ouvir o canto dos passarinhos empoleirados na pitangueira que já dava frutos. Era a mesma paisagem de sempre, mas, de alguma forma, tudo estava diferente. Era como se o mundo estivesse mais colorido, musicado, como se a pele y todos os sentidos estivessem mais sensíveis aos estímulos do mundo; ao mesmo tempo, também parecia que era o próprio mundo que estava mais estimulado ou estimulante.

num determinado momento, me deitei de costas, olhando pro céu y ouvindo as músicas junto das conversas ensorrisadas y de alguns momentos de silêncio. os passarinhos cantavam. Lembro-me de ter ficado reparando nos movimentos y nas formas das nuvens enquanto ouvia uma música que já me esqueci. Os passarinhos estavam cantando muito y seus cantos somados aos sons da música y das conversas pareciam criar uma trilha sonora para o mundo, se encaixando perfeitamente numa harmonia estranha y tranquilizante. De repente, comecei a ouvir umas vozes vindo de fora, da rua: pareciam vozes de homens cis exaltados, brigando. As vozes continuaram; eles deviam ter se ajeitado num cantinho arborizado que tem ali do lado de fora da casa em que moro de aluguel. Ali, geralmente algumas pessoas se juntam para ficar chapadas (álcool, crack y cocaína, principalmente), depois de comprarem numa biqueira que fica a oitocentos metros daqui. A confusão escalonava a cada minuto y algumas vezes eles pareciam estar caindo na porrada. Fiquei preocupada com eles, mas também me peguei sentindo um medo diferente. Olhei para o meu lado, y ninguém parecia ter ouvido nada — pelo menos não demonstravam ter ouvido. “Será que tô viajando?” — me perguntava. “Não!”. A confusão seguia. Olhei para o céu novamente y vi os raios entrando pela tela (tela para impedir os gatos de fugirem, que a moradora anterior havia colocado). Senti um *sufocamento imediato*. Um tempo depois, ainda em meio ao falatório exaltado lá fora, vejo aquelas luzes inconfundíveis: luzes vermelhas que giram y avisam que os assassinos chegaram. Fiquei *muito preocupada* com aquelas pessoas, com medo de a polícia ser polícia ali, no fundo da minha casa, com aqueles homens provavelmente pobres y pretos, com medo de aquilo tudo virar tiro y sangue ou algema y prisão. Tentava ouvir o que acontecia, ora virando meu ouvido para o muro, ora olhando fixamente pra ele, como se tentasse ver o que acontecia do outro lado. Nessas, *e/u* reparei que o meu **/muro/** era um muro cercado. Já havia reparado isso antes, sim, mas de alguma forma, de uma forma estranha, dessa vez, com tamanha intensidade, *era como se visse pela primeira vez aqueles espinhos de ferro sobre o muro de cimento*. Além disso, reparei que não era só isso: não eram só a tela “dos gatos” y os espinhos “do muro”; também vi que tinha um *arame farpado* na parte interna do muro que cobria a casa toda y ia até os muros das vizinhas da direita y da esquerda; no lado esquerdo, ainda tinha, na parte interna, mais uma fileira de *arame farpado* y uma *cerca elétrica farpada* em cima do muro; no lado direito, uma *cerca com vergões de ferro* com mais de trinta centímetros.

nesse *momento* estranho, que deve ter durado alguns segundos mas que também durou uma hora, numa posicionalidade temporal que não era mais *nem linear nem estática*, *e/u* fui atravessada por uma mistura de sentimentos y sensações desnorteadoras, extemporâneas. me sentia estranha, como se tivesse tomado uma porrada no corpo, como se tivesse sido atingida por um golpe de pura pressão. Nesse momento, cuja duração me escapa, *e/u* me vi transportada para as redondezas de Robledo em 2024. Em 1993, Octavia E. Butler publicou o primeiro volume da série *A Semente da Terra*, chamada *A Parábola do Semeador* (Butler, 2007), cuja narrativa gira em torno da adolescente preta de 15 anos Lauren Oya Olamina, que vivia em 2024, no bairro murado de Robledo, na costa leste dos EUA, onde todo o país era assolado por uma série de problemas: desdobramentos do aquecimento global; avanço da intolerância religiosa y do racismo religioso cristão; divisão terr/itorial entre /bairros/ murados y o resto; surgimento de novas drogas; aumento das desigualdades socioeconômicas; avanço do supremacismo branco; aumento da fome, miséria extrema y violência; retorno da escravidão; aumento das milícias armadas; privatização de tudo etc. *e/u* estava ali, numa casa murada, numa casa cercada que nem é lá essas coisas (mas já é mais do que muitos podem ter), onde, do outro lado, do lado de fora, havia pessoas pobres y miseráveis, famintas, vagando, à mercê da violência y da brutalidade racista y anti-pobre desse mundo colonial vivo-morto. e/u senti muito medo, raiva y tristeza. Nessa época, e/u já havia terminado o *Semeador*, y já estava no meio da sua continuação, *A Parábola dos Talentos* (Butler, 2019 [1998]); retornei de imediato ao livro.

essa porrada me gerou uma espécie de *desabrochar*. *desabrochar* que é, como um solavanco, desorientador. Como quando o caos invadiu a minha casa no início de março de 2020, em forma de enchente, baratas y a notícia de que o Brasil entraria em quarentena; Isso me fez ser levada a ler *A Parábola do Semeador* — aí me encontrei com Jota Mombaça nas lembranças, quando ela, há muito, já me *alertava* sobre importância de Butler para atrav/essar a quebra do mundo. *desabrochar*, portanto, não é um acontecimento singular, fixo, mas uma *gradação* sem fim, y, por isso, sem início certo. *desabrochares* que vibraram nas linhas do meu *~~ser~~* y riscaram em *m/im* uma transformação... *e,u* havia mudado. é Octavia Butler que *possibilitou* isso, através da sua *escrita* que, a essa altura, já se *percebe* como algo maior do que uma escrita meramente literária. Ela move mais do que palavras, ou melhor, *ao mover palavras, ela move algo mais*. A sua *escrita*, portanto, não comunica apenas signos, mas *forças*. Esse *desabrochar* que essa escrita possibilita é apenas uma outra forma de experienciar o mundo. Se deixar afetar, na grandeza transbordante, delirante y biocósmica, pelo mais insignificante dos acontecimentos. Olamina é atravessada desde sempre por esse *desabrochar* contínuo, *aparentemente* singelo. Enquanto as pessoas do seu bairro seguem levando suas vidas decadentes dentro dos casulos-murados, Olamina *percebe* que essa casca não será o suficiente para conter as ameaças que estão por vir, pois, *vendo* pequenos acontecimentos que passam despercebidos ou semipercebidos — a matilha de cães carniceiros que aumenta (Butler, 2007, p. 40), o aumento da seca (p. 48), a intensificação dos tiroteios (p. 50), o ressurgimento da cólera (p. 53), o surgimento da droga incendiária (p. 54), o cadáver próximo da sua casa (p. 89), o assassinato de Keith (p. 112) etc. —, ela *prevê* que as *coisas* vão piorar (porque *já estão piorando*), que a *cas/ca* vai quebrar (porque *já está quebrando*), y começa a se preparar!

a mensagem estelar

Olamina possui “síndrome de hiperempatia” (Butler, 2007, p. 11), uma condição que a faz sentir a dor y o prazer que outros corpos sentem. Isso certamente pesa (muitas vezes como um fardo) sobre sua sensibilidade histórico-política, mas aí podemos aprender com essa sensibilidade de Olamina a criar um contínuo exercício de *se permitir sentir* aquilo que, por todos os lados, esse mundo inscreve. *É Butler quem mobiliza* isso tudo criando Olamina, mas, certamente, sendo recriada de volta — por algo que já se percebe não sendo mais um mero personagem. Elas exercitam y possibilitam essa outra forma, não de ler y escrever o texto, meramente, mas de *sentir y inscrever o mundo. A Semente da Terra*, tanto no volume 1 (Butler, 2007), quanto no volume 2 (Butler, 2019), é muito mais que um livro! O que Butler *faz aí* é maquinar a ***imaginação*** preta feminina, através da escrita ficcional, para produzir novas formas de atravessar o fim do mundo como o conhecemos.[1] E ela somente pôde fazer isso porque soube, através de uma sensibilidade agudíssima, *captar* as *partículas do fim do mundo* que já vibravam no seu presente (a década de 1990, período em que ambas as criações foram gestadas y paridas) y transformar isso em matéria-prima de uma criação político-artística que se maquina através de mãos que dançam; y é por isso também que sua escrita, em particular nessa série, é fortemente visionária.

Butler sente a vibração de certas tendências contemporâneas (desvalorização da educação pública y do saber, aumento da intolerância religiosa y do supremacismo branco, aumento das desigualdades sociais y desemprego, acentuação de problemas sócio-ambientais em função de problemas causados pelo capitalismo industrial; perseguição a grupos que desertam o binarismo de gênero y a heterossexualidade compulsória, reatualização do colonialismo etc.) y projeta a sua intensificação no futuro, antecipando-as, portanto. Ao ler as primeiras descrições do Presidente Jerret, sobretudo na *Parábola dos Talentos* (Butler, 2019), *me* peguei arrebatada, pensando como Butler pôde, *ainda* nos anos 1990, *pre*ver o surgimento de uma tendência que iria parir políticos como Donald Trump, Jair Bolsonaro y Marcelo Crivella. Também *fui* arrebatada por tudo que se passou em Bolota: as cruzes, os vermes... (Butler, 2019, p. 244), com os seus sete vermes. Como, depois dessa leitura, não *s/er* lançada novamente aos desalojos criminosos que já vivi quando morava em Niterói y atuava como apoio ao movimento das ocupações da zona portuária do Rio de Janeiro? Como não ler sobre os Cruzados y não ser arrastada pelas imagens das Milícias cariocas e/ou do fanatismo Neopentecostal? A escrita de Butler *faz* isso, ou *pode* fazer isso, ao menos fez isso *comigo*. Porque a sua escrita é como uma ____ __ ____: são blocos de forças cifradas, em tinta sobre papel, maquinadas por ***mãos*** pretas femininas, que inscreveram, através de uma imaginação banhada em diagnósticos hipersensíveis, ***o fim do mundo que vem porque já chegou***. y aí, a explode junto com a sua imaginação y você começa a perceber que as *mensagens* estão por toda parte, inclusive nas *estrelas*.

Butler fala através de ***Olamina***, mas deixando aí mesmo de ser quem é, sendo num feixe de instante ~~puro~~ y no *continuum* do infinito, uma força ancestral feminina preta que sopra o caminho da *transmutação*, que é outro nome para a vida. mas aí também é preciso ter cuidado, pois essas conexões mostram mais as fragilidades y contradições que ambas compartilham, do que um pretenso heroísmo triunfal que um olhar apressado tende a captar. “Nós precisamos nos preparar. É o que nós precisamos fazer agora. Nos preparar para o que acontecerá, nos preparar para sobreviver, nos preparar para termos uma vida no após.” (Butler, 2007, p. 55). Para Butler, o mundo está mudando, numa mudança cuja tendência é a decadência y a destruição. Assim, sua escrita é, portanto, um *alerta*. Precisamos nos preparar, mudar y adaptar para prosperar, vingar para evitar a tendência da aniquilação branca. “**Tudo que você toca/ Você muda./ Tudo que você muda/ Muda você./ A única verdade duradoura é a mudança./ Deus/ É mudança.**”/ A SEMENTE DA TERRA: O LIVRO DOS VIVOS” Octavia Butler (2007, p. 3).

mas como comunicar esse alerta? Num determinado momento d’*A Parábola dos Talentos*, Larkin/Asha escreve sobre Olamina: “[Olamina] sempre notava e mencionava as coisas assim. Às vezes, ela organizava suas observações em versos da Semente da Terra.” (Butler, 2019, p. 113). Olamina, portanto, tinha sensibilidade para *observar* as mudanças da sua época y também para inscrevê-las em *versos*. *captar* as mudanças dessa época, trans*formá-las* em poesia, parece um dos seus primeiros movimentos para moldar de volta a sua época. Depois de presenciada a destruição da sua comunidade, de ter visto seus amigos serem assassinados, de ter sido estuprada y escravizada, Olamina diz: “somos sobreviventes” (Butler, 2019, p. 451). Olamina é uma sobrevivente, alguém que, por ter exercitado a sensibilidade para antecipar a escalada do caos, se preparou, y atravessou... y aí, ela nos ensina também — se tivermos sensibilidade para aprender — a sobre*viver*. y ao nos ensinar a sobreviver ao fim do mundo (colonial), ela nos ensina a mudança como superação da condição Humana. “***O Destino da Semente da Terra É criar raízes entre as estrelas.***” (Butler, 2007, p. 84 — marcas de Butler). O *Destino* cósmico, como re-inscrição da mudança em si, já está em marcha quando Olamina começa a rascunhar os versos da *Semente da Terra*, misteriosamente, através das mãos de Butler escrevendo (pesquisando, maquinando, moldando...) as *Parábolas*. Olamina/Butler, então, vasculhavam, talhavam, selecionavam y construíam as palavras de ensinamentos sobre viver, mudança y destinos exorbitantes, em blocos de prosa y colunas de poesia. “As pessoas pareciam gostar de fragmentos de poesia ou de versos ritmados porque esses são mais fáceis de memorizar” (Butler, 2019, p. 388). Octavia Butler maquina, através da movimentação de *palavras* carregadas de forças misteriosas, o trilhar de caminhos inomináveis que podem ser a possibilidade de sobreviver *a um mundo que tem que acabar* y de, aí mesmo, criar mudanças estelares. Palavras que ativam *desabroches* de mudanças, de travessias... *atraversar* o fim do mundo. Mas o *desabrochar não possui* garantias... é apenas uma nova abertura, incerta... “foi quando ouvi um grito: ‘*CORRAM, SEUS IDIOTAS!!!’ — ‘eu preciso ir*!’”. *precisamos nos prep...*

1 Sobre o uso da imaginação em Butler como ferramenta para atravessar o fim do mundo como o conhecemos (y sua articulação com gênero y raça) ver Denise Ferreira da Silva (2019, pp. 84-118) y Jota Mombaça (2019, 111-13).

(o))))))))))

me vejo lançada naquela manhã/tarde/noite do dia 26/07/2020.
aí me peguei, des-locada, vagando-com-Olamina,
pelas mãos de Butler, nos limites de /Robledo/
com um trecho canalizado do Rio Tamanduateí.
nesse dia, *e,u* vi uma barca virar um *verme rastejante* pequeno y branco,
um *verme rastejante* enferrujado podre
y mais assassino do que a
mais sangrenta das
imaginações.

me vi /e,umesma/
pequena cercada-murada-engradada-telada
no fim-do-mundo-Brasil que ainda:
“não acabooooooou, tem que acabaaaaaaar, e,u quero o fiiiiiiim...”.
aí me senti pequena, desejando o fim, do mundo, de mim!
rasgada de angústia, rodopiando entre imagens-mortes.

o *me/do* é aquilo que vem antes da quebra da casca-dura,
senti isso quando comi o fungo-terroso y fui parar
láááááááá nas estrelas da semente aterrada;
vi isso quando li “VEIO O TEMPO...” y quando vi Mombaça y Olamina nos Portões;
senti isso quando te dei o cu ou quando você me mostrou seus desenhos;
onde quebrar é um passo pra nascer ou pra
estremecer/desabar/fazercairaporratoda.

acordei na av. P. Vargas (2013) quando fiz-ajuntada um **CAVEIRÃO-VERME** dar ré
sob uma chuva de pedras y de garrafas que cuspiam fogo y revolta
y *e,u* vi também, rachando o chão duro de ~~*fim*~~ cinza
murado-vergado-cercado-farpado-acismentado
o **o**lho mole de vida-marrom-tigrado
que vira minhoca-verde-folha
buscando a vida-amarela
estrelada-redonda-raio
brotando também
dentro de mim
a vida que
vinga
.

e,u, abigail Campos Leal, movimento meu pensar y minha criação artística através da poesia y da filosofia. atualmente faço doutorado em filosofia pela PUC-SP. componho a organização do Slam Marginália. inscrevo, às vezes com a mão, para semear a diferença *esfacelada* y para ceifar esse mundo colonial que precisa acabar.

- Butler, O. E. *The Parable of The Sower*. New York: Grand Central Publishing, 2007 [1993].
- _____ *A Parábola dos Talentos*; Tradução: Carolina C. Coelho - São Paulo: Editora Morro Branco, 2019.
- Ferreira da Silva, D. *A Dívida Impagável*. Trad. Amilcar Packer e Pedro Daher. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.
- Mombaça, J. *Não vão nos matar agora*. Lisboa: Galerias Municipais / EGEAC, 2019.

PARA ONDE VAMOS, SE SEGUIRMOS AS MULHERES NEGRAS?

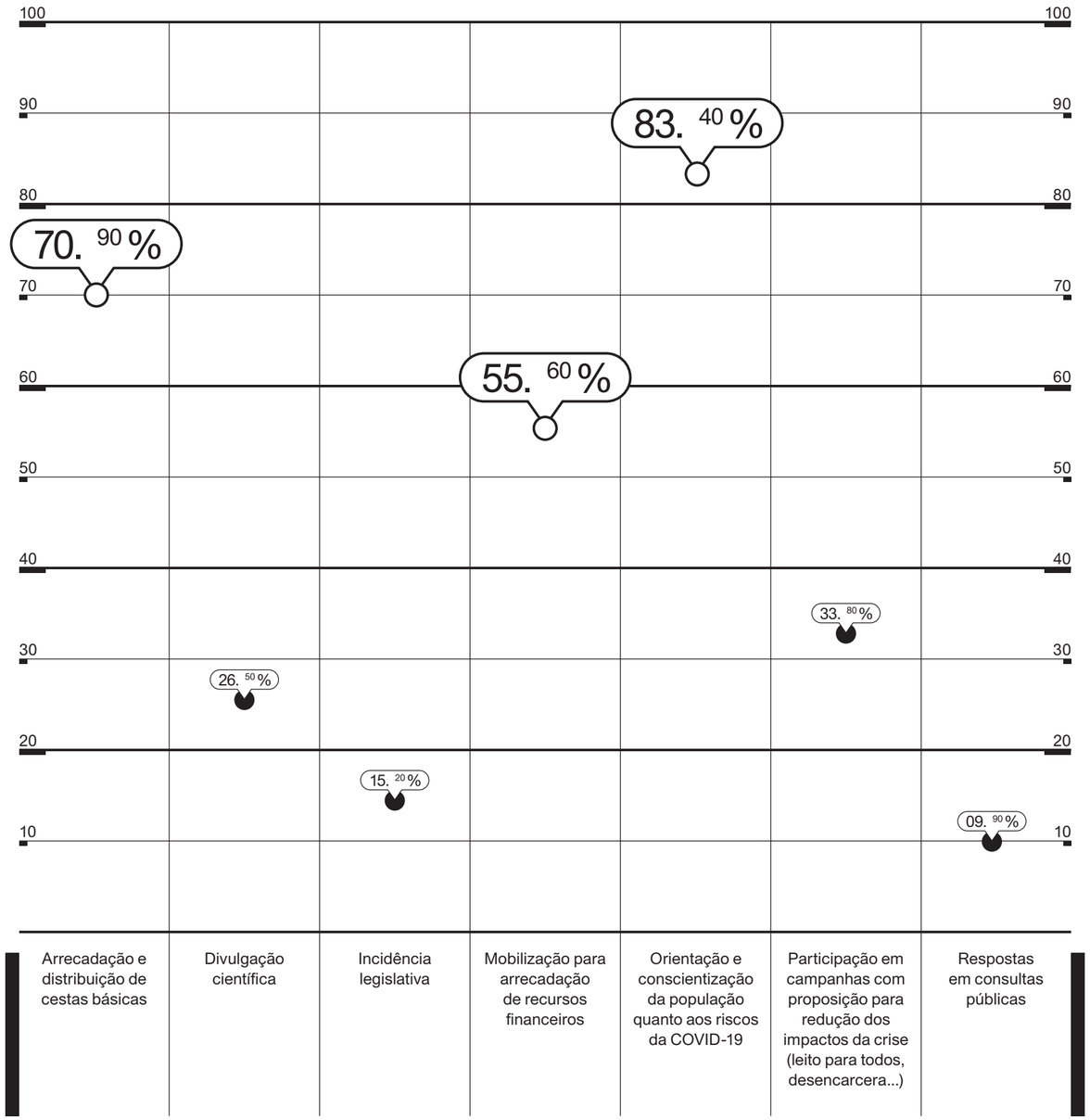
por
Mulheres
Negras
Decidem

As consequências da pandemia da COVID-19 para os grupos minoritários do país e do mundo são incalculáveis. As desigualdades se acentuaram, milhões de trabalhadores e trabalhadoras ficaram desempregados e a fome chegou para mais pessoas. Não é uma novidade que as mulheres negras — que representam 28% da população brasileira, o maior grupo demográfico do país — estão mais expostas às situações de violência no país, e durante a pandemia não seria diferente. Mas as ativistas negras olharam para além disso. Apesar do contexto desfavorável, elas são a força e a resiliência das comunidades diretamente afetadas pelo coronavírus.

Ao perceber a movimentação das mulheres negras nesse contexto, o movimento Mulheres Negras Decidem e o Instituto Marielle Franco realizaram uma pesquisa para documentar os desafios enfrentados pelas ativistas negras durante pandemia e, mais do que isso, para entender o caminho que essas mulheres apontam para o futuro. A pesquisa, apresentada no relatório "Para onde vamos", teve acesso a mais de duzentos e cinquenta ativistas negras de idades variadas, residentes em todas as regiões e estados brasileiros. As entrevistas foram feitas entre os dias 15 e 25 de maio de 2020. A maioria (62% das entrevistadas) atua diretamente em alguma ação de combate à COVID-19 e seus impactos.

Ações de combate a COVID-19 e seus impactos

(% em relação ao total de respostas por categoria)



No contato com as ativistas negras, percebemos que um conjunto delas, que liderava a disputa política em diversas áreas, apressou-se para qualificar o debate em torno da pandemia. Elas trouxeram todo o arcabouço que dominavam a respeito da desigualdade racial e da desigualdade de gênero, mobilizaram e gritaram por mais atenção no território.

As atuações das entrevistadas estão voltadas sobretudo para orientação e conscientização da população (83,4%), arrecadação e distribuição de cestas básica (70,9%) e mobilização para arrecadação de recurso (55,6%). Ao entrarmos em contato com a descrição das iniciativas relacionadas ao combate à COVID-19 e seus impactos, percebemos que essas mulheres fundaram rapidamente novos grupos, a grande maioria composta também por mulheres, a fim de enfrentar os problemas causados pela pandemia. Dentre as diversas ações, elas criaram coletivos para organizar as doações e a entrega dos alimentos, fiscalizam a saúde pública, além de estarem à frente da divulgação científica em seus respectivos territórios.

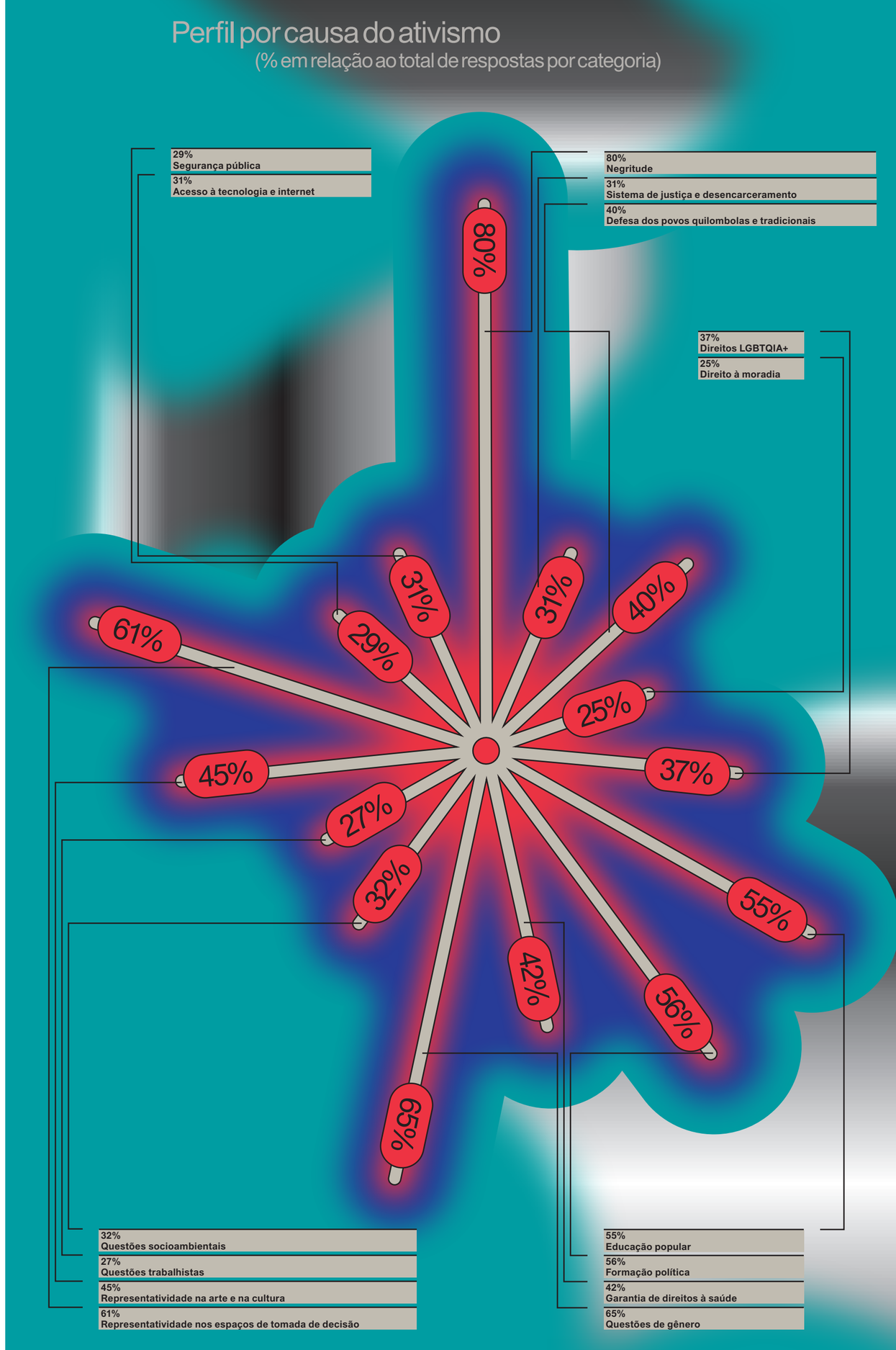
A mobilização das mulheres negras neste contexto não é uma novidade; ela faz parte de seu histórico de participação política na sociedade. Jurema Werneck, no artigo "De Ialodês e Feministas — Reflexões sobre a ação política das mulheres negras na América Latina e Caribe"[1], usa para o retrato das ações políticas das mulheres negras as ialodês, lideranças políticas femininas negras. Ialodê é um dos títulos dados a Oxum e também se refere à representante das mulheres, "a alguns tipos de mulheres emblemáticas, lideranças políticas femininas de ação fundamentalmente urbana". Werneck destaca ainda que no Brasil este comportamento das ialodês pode ser visto em mulheres das comunidades negras, que assumem papéis de liderança ou de responsabilidade coletiva e desenvolvem ações de afirmação de um futuro para todo o grupo subordinado: "Isto através das lutas por melhorias nas condições materiais de vida, bem como no desenvolvimento de condutas e atividades que visam afirmar a pertinência e atualidade da perspectiva imaterial".

No artigo, Werneck escreve a respeito do papel das diversas organizações de mulheres negras, da atuação das mulheres negras nas associações de moradores de favelas e bairros pobres, dos grupos de mães na luta pela qualidade da educação pública, das organizações de trabalhadoras e trabalhadores rurais e urbanos, dos movimentos pela reforma e melhoria do sistema de saúde pública, além das articulações religiosas tanto de matriz africana quanto de matriz cristã, entre outras. Diz a autora: "E, inclusive, nos movimentos políticos de confronto com regimes ditatoriais e na constituição nos movimentos de luta homossexual". Dito de outra forma, a atuação das mulheres negras para o bem viver de suas comunidades é histórica.

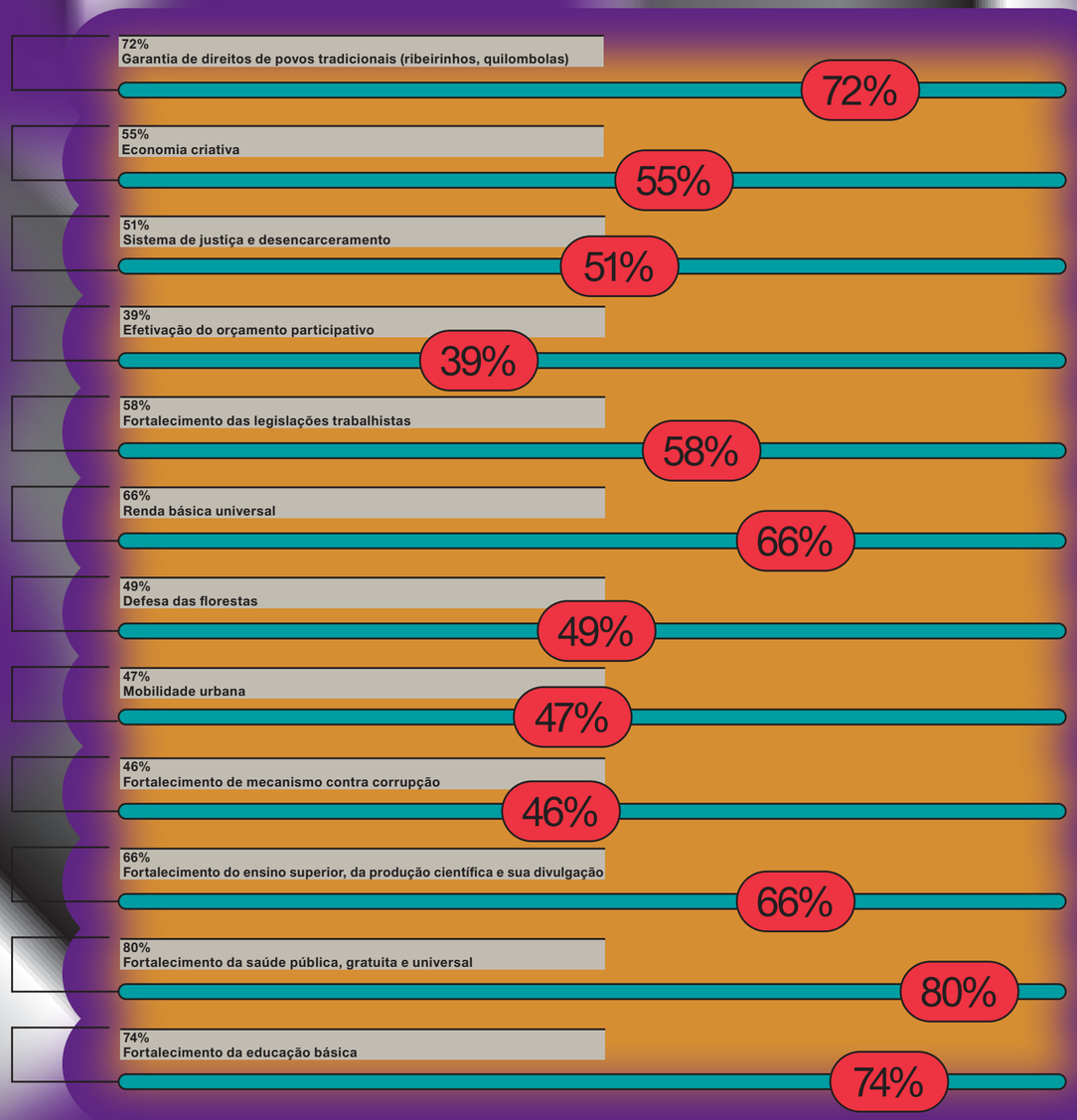
Os casos das ativistas participantes da pesquisa nos mostraram situações que reforçam um ponto em comum: o projeto de mundo das mulheres negras ativistas está baseado no *bem viver*. A filosofia, presente em diversos povos originários da América Latina, se refere a ideias sobre o bem viver em comunidade, uma forma de vida em harmonia, uma busca por equilíbrio nas relações entre as pessoas e o meio ambiente, compreendendo-o igualmente como um ser vivo e ativo. Além disso, propõe-se outra forma de organização social e prática política. A filosofia foi tema central na Marcha das Mulheres Negras de 2015 e em outras marchas estaduais de mulheres negras. Rosane Borges argumenta que o termo vai além de estratégia retórica: "é uma forma de incidir no projeto de nação (...). As experiências e os exemplos de nossas formas de resistência são múltiplos e atestam inequivocamente o lugar marginal a que fomos inseridas. Desse lugar, reivindicamos a vida plena, reivindicamos por saúde, educação, arte, lazer, moradia, em lutas infatigáveis. Das práticas dos terreiros, dos laços comunitários entre famílias negras, das manifestações culturais e religiosas, dos investimentos em educação — ações revestidas de caráter político —, extrai-se um expressivo repertório de estratégias para o governo de si e dos pares"[2], escreve Rosane Borges.

Em meio a uma crise iniciada na saúde pública global e fortalecida pela política nacional, olhar para as experiências das mulheres que estão moldando todos os setores sociais é essencial para responder à questão principal: para onde vamos se seguirmos as mulheres negras? Com o que deveríamos nos preocupar no período pós-pandêmico se assumirmos a perspectiva das ativistas negras? E quais deveriam ser as nossas prioridades na reconstrução do mundo pós-pandêmico?

"Em meio a uma crise iniciada na saúde pública global e fortalecida pela política nacional, olhar para as experiências das mulheres que estão moldando todos os setores sociais é essencial para responder à questão principal: para onde vamos se seguirmos as mulheres negras?"



Prioridades de incidência do pós-pandemia
(% de classificação "muito prioritário" em relação ao total de respostas)



Em um momento tão decisivo da sociedade, as mulheres negras desenham uma mudança completa, não só do sistema político, como também alterando o pensamento a respeito da organização da vida coletiva. Em um contexto histórico em que a desigualdade e o modo de produção causam ainda mais desastres, mulheres negras estão no front, pautando uma sociedade que tem como centralidade o bem viver coletivo. As ativistas negras entrevistadas pela pesquisa pontuaram como prioridades de incidência no período pós-pandêmico pautas que vão desde o fortalecimento da saúde pública e da educação básica, passando pela renda básica universal e defesa das florestas, até chegar à efetivação do orçamento participativo.

As mulheres negras não só protagonizam medidas de entrega de alimentos e mobilização de recursos, como também acreditam que este é um momento de atualizar as pautas, tal como as crises geralmente indicam. As respostas dadas à pesquisa demonstram um nível alto de reflexividade: a atual crise não é uma crise momentânea, mas antes um momento de estruturar um projeto para o Brasil. As mulheres negras podem e devem liderar esse processo de redefinição do futuro. As ativistas negras rejeitam um modelo de Estado que apenas remedeia problemas ou um modelo de sociedade que abra mão de valorizar o que é essencial para vida. Elas apontam que o que deve ser priorizado é aquilo que garante a existência.

> "Já que as mulheres negras são beneficiárias potenciais dos programas sociais emergenciais, por que não olhar para elas como idealizadoras e implementadoras das políticas públicas?"

Dado o atual momento de agitação e de angústias sem precedentes, as ativistas negras são a chave para recuperar a ética na política. Elas devem ser as agentes de um verdadeiro processo de renovação e reconstrução da sociedade brasileira, pois são capazes de vincular o Brasil aos debates mais avançados em torno dos gastos sociais essenciais (saúde e educação), não importando o seu custo. Elas conseguem conectar os setores urbanos ao debate da proteção das florestas a partir da proteção dos povos tradicionais e de seus territórios. Elas podem finalmente redefinir o debate da reprodução da vida ao liderarem as discussões sobre o futuro do trabalho e sobre uma renda universal.

As comunidades diretamente afetadas pelos efeitos mais perversos de uma democracia falha, de um estado produtor de violências, de políticas públicas racionalmente ineficazes, em geral, são portadoras das principais respostas para enfrentar os efeitos dessa organização social. Já que as mulheres negras são beneficiárias potenciais dos programas sociais emergenciais, por que não olhar para elas como idealizadoras e implementadoras das políticas públicas? Elas apontam o caminho que devemos seguir no período pós-pandêmico. Há um momento decisivo em nossa sociedade em que as experiências das mulheres negras devem ser reconhecidas e valorizadas.

Leia o relatório "Para onde vamos" na íntegra
Aponte a câmera do seu celular para o código
ou acesse mulheresnegrasdecidem.org.

Mulheres Negras Decidem é um movimento que busca fortalecer a democracia brasileira usando como estratégia a superação da sub-representação de mulheres negras nas instâncias de poder.

1 Jurema Werneck, "De Ialodês e Feministas — Reflexões sobre a ação política das mulheres negras na América Latina e Caribe". *Nouvelles questions féministes — Revue Internationale Francophone*, vol. 24, n. 2, Lausanne, 2005.

2 Rosane Borges, "Marcha das Mulheres Negras: contra o racismo e pelo bem viver!". *Portal Gueledés*, 05/07/2015. Disponível em: https://www.geledes.org.br/marcha-das-mulheres--negras-contra-o-racismo-e-pelo-bem-viver/. Acesso em: 16/10/2020.

SAÚDE, EM TEMPOS PANDÊMICOS

LVS: Lia Vainer Schucman
MGM: Mônica Gonçalves Mendes

BRANQUITUDE E RACISMO ESTRUTURAL

LVS **Mônica, você tem estudado muito saúde em sua perspectiva social. Nos fale a respeito da relação entre as desigualdades raciais e a saúde: como uma afeta a outra?**

MGM Bom, para entender este processo, é preciso entender o que é a saúde. Para isso, compartilho aqui meu entendimento sobre os processos que estão envolvidos no que habitualmente chamamos de saúde e sobre como a saúde acontece (ou deixa de acontecer) para as pessoas e grupos sociais.

Aproximadamente duas décadas atrás, surgiu um bordão que dizia que cada um é o que come. É verdade, somos mesmo o que comemos; mas somos também o lugar onde nascemos, as condições desse lugar (saneamento, acesso à água potável, etc). Da mesma forma, somos o tempo que demoramos para chegar ao trabalho e quantas horas podemos dormir. Nós somos também as ofertas que nosso país, estado ou cidade nos oferece, desde as tecnologias de saúde às de lazer. Somos ainda a possibilidade de ingressar no mercado de trabalho aos 8, 18 ou 28 anos de idade, de acordo com o horizonte da nossa família e o momento histórico em que vivemos.

A saúde trata exatamente disto: como os processos sociais ficam impregnados nos nossos corpos, no corpo das pessoas, conformando esses corpos. Tem um exemplo bacana que ouvi certa vez numa aula de antropologia: numa determinada ocasião em que estava presente a rainha da Inglaterra, ocorreu um disparo. Enquanto todos da guarda real se abaixaram rapidamente, respondendo a um instinto que entendemos como algo natural, biológico e geneticamente programado em todo o grupo humano, a rainha se manteve de pé. Como alguns devem saber, no sistema monárquico, um rei ou uma rainha deve estar sempre à frente e acima de todos; nunca atrás, nunca abaixo. E é esse lugar social — com suas exigências, normas e padrões sobre como comportar-se e existir — que gera uma determinada configuração de corpo (no exemplo dado acima, a resposta corporal que mantém a rainha de pé, mesmo diante de um disparo). Neste ponto, caberia perguntar: e não teria ela instintos? O referido exemplo mostra como o lugar social ocupado e as normas que esse lugar nos ensina conformam nosso corpo e modela as suas respostas, até mesmo as instintivas. O corpo da rainha está configurado de modo a nunca abaixar. A partir desse exemplo, podemos questionar: o que se inscreve no corpo de uma mulher que dançou balé dos 3 aos 40 anos de idade, ou de um homem que demora duas horas para chegar a uma fábrica onde exerce o ofício de operário por 12 horas seguidas e em pé? São exemplos de como os lugares sociais moldam, conformam ou configuram respostas biológicas.

Muitas vezes, quando estou formulando este raciocínio, as pessoas perguntam: mas, Mônica, então o biológico não existe, você não acredita no biológico? Eu acredito sim, pois ele está aí. Na medida em que temos um corpo, o aspecto biológico existe. Quando a bailarina tem problemas ósseos ou o operário tem um quadro agudo de estresse, é no corpo, no biológico, que isso se manifesta. A questão é a subordinação e determinação a que o biológico está submetido na sua relação com o social.

A situação da saúde das populações negras no Brasil não deixa nenhuma dúvida quanto à veracidade deste processo: nós vivemos menos e morremos mais cedo por causas evitáveis. Morremos pela violência policial, pela negligência nos serviços de saúde. A população negra está em desvantagem mesmo quando pensamos em eventos relacionados à saúde que não envolvem adoecimento, como o parto: entre as mulheres negras é que estão os maiores índices de mortalidade materna. Também a mortalidade infantil é maior entre os bebês nascidos de mulheres negras.

Esses dados não estão relacionados a uma conformação biológica, uterina, a uma condição orgânica diferente entre as mulheres negras e brancas; isso se refere ao fato de elas terem menos condições de acessarem os serviços de saúde e, quando isso acontece, de sofrerem com o racismo. Elas recebem menos consultas ao longo do pré-natal, recebem alta mais cedo diante de agravos. O entendimento de que a razão pela qual as medicações contra hipertensão são menos eficazes para as pessoas negras não se trata de uma condição biológica particular — como a conformação das artérias, a compleição muscular, ou algo próprio da estrutura física — ainda é uma "descoberta" entre os médicos e muitos estudiosos do campo da saúde. Somente há pouco tempo passou-se a entender que isso acontece porque esta população tem menos instrução; trabalha em condições mais precárias, o que dificulta aplicar maior atenção aos cuidados necessários e regularidade no tratamento; e recebe menos orientações nos atendimentos em saúde, fatores que dificultam o uso adequado da medicação, com consequências biológicas adaptativas que fazem com que a resposta seja menos eficaz para elas em comparação às pessoas brancas.

É duramente emblemático que o único grupo de doenças prevalentes entre brancos, em comparação aos negros, seja o grupo das demências. É uma condição de saúde a que só pode chegar quem envelhece, uma possibilidade muito rara entre os negros, diante das condições em que vivemos: estudamos menos, ocupamos os piores postos no mercado de trabalho, estamos em maior porcentagem no trabalho informal, não ocupamos os cargos de direção, gerência e decisão nas empresas ou na cena política. As casas chefiadas por famílias — e mulheres — negras são as que têm menos acesso a saneamento e água encanada. É a população negra que está concentrada nos bairros mais afastados das médias e grandes cidades, onde não há aparatos de lazer, cultura, nem serviços essenciais muitas vezes; onde também estão os pântanos alimentares, ou seja, os lugares onde comida de verdade e alimentos não industrializados, que favorecem uma melhor saúde, não chegam.

Os negros vivem materialmente em outro país, e isso se revela nas pesquisas que demonstram que o conjunto e a articulação dessas condições precárias nos colocariam num IDH inferior em sessenta posições ao ocupado pela população branca. Fica evidente assim como nada que vivemos ou fazemos está fora do conjunto das relações sociais? E que são essas coisas que fazemos e vivemos que determinam nossa saúde? Nossa saúde não é outra coisa senão a corporificação dessas vivências, o acúmulo das experiências vividas, o que acontece sempre dentro de uma condição que é social e também socialmente determinada. Saúde não é outra coisa senão a manifestação ou o resultado do processo social de incorporação, de inscrição dos sistemas sociais em nossos corpos.

LVS **Mônica, o que a pandemia causada pelo novo coronavírus nos revela sobre o processo que você acabou de nos descrever?**

MMG A pandemia evidencia, com muita perspicácia e precisão, o fato de a saúde ser a corporificação do conjunto de processos sociais em que os grupos e os indivíduos estão imersos, isto é, as condições de vida a que as pessoas estão submetidas. A pandemia nos tem mostrado a radicalidade dessa dinâmica, na medida em que tanto o contágio como a possibilidade de recuperação pouco se liga a fatores biológicos; são aspectos essencialmente relacionados ao bairro onde se mora, ao número de pessoas com quem se divide a casa, ao tipo de trabalho que se exerce ou ao fato de ter ou não acesso à assistência médica. Veja, o que determina que pessoas negras morram mais não é possuir uma genética diferenciada ou qualquer outro aspecto biológico; antes se trata de pessoas com trabalhos precarizados, com menos direitos assegurados, se trata de um contingente que vive majoritariamente do trabalho informal e, por isso, não tem a possibilidade de se isolar e de se proteger como o momento impõe.

Há aqueles que dizem que essa situação mundial de calamidade em que a pandemia nos colocou mostra como somos todos humanos, iguais, todos vulneráveis à mesma medida, todos impotentes frente à situação de interdependência e imprevisibilidade que a transmissibilidade do vírus nos impõe. Isto, que não deixa de ser verdade, tem na mesma medida a sua outra face, o seu inverso: a doença mostra como somos diferentes, como indubitavelmente estamos em contextos diferentes, condições de vida, cuidado e saúde diferentes, às vezes opostos mesmo. Nunca ficou tão evidente que ter ou não melhores condições de emprego, direitos trabalhistas assegurados, saúde pública universal e efetivamente de qualidade, tudo isso é uma questão de vida ou morte, ou seja, pode determinar a vida e o destino das pessoas de maneira cabal e atroz. Também nunca ficou manifesto quem tem isso e quem não, e qual a cor desse contingente. A pandemia, nesse sentido, não mudou a ordem das coisas; é apenas um catalisador que tem tornado impossível adiar o debate sobre a universalização dos direitos, a extensão da cidadania para todos e sobre como conseguir isso de maneira substancial, material, especialmente aos que estão menos assegurados.

LVS **Sua dissertação de mestrado tratou da relação entre branquitude e saúde. Fale um pouco como a branquitude se inscreve no processo de estruturação das desigualdades na saúde.**

MMG Se falamos como o racismo produz diferenças nas condições de vida entre pessoas negras e brancas, se falamos como as pessoas negras são prejudicadas na totalidade das suas vidas — portanto, também na sua saúde — por sofrerem processos de discriminação, então estamos falando de um grupo favorecido, sim? O processo de favorecimento dos brancos ocorre, no campo da saúde, fundamentalmente de três formas.

Uma primeira forma é a social, mais ampla, que envolve o conjunto de processos de vida, de maneiras como a sociedade, o trabalho, a vida estão organizados e como isso tudo favorece a saúde das pessoas brancas. Se elas vivem melhor, possuem melhores condições de saúde. Neste aspecto, que é mais estrutural, tudo o que foi mencionado em relação ao negro pode ser pensado para os brancos, mas de forma inversa: falamos de uma estrutura de vantagens, que é o mesmo processo de corporificação que opera não pela precariedade ou pela falta, mas antes pelo privilégio. A boa saúde das pessoas brancas, os anos que vivem a mais e em melhores condições, a menor taxa de doenças, a menor taxa de mortalidade frente aos mesmos diagnósticos, os melhores índices de saúde, todos esses indicadores dizem respeito aos privilégios sociais que lhes são garantidos, assegurados, a partir da espoliação que o racismo impõe aos negros.

"Saúde não é outra coisa senão a manifestação ou o resultado do processo social de incorporação, de inscrição dos sistemas sociais em nossos corpos."

“(...) as desigualdades raciais são criadas, produzidas, reiteradas, alimentadas; elas não acontecem por si só.”

A segunda forma pela qual a branquitude se inscreve no processo de estruturação das desigualdades em saúde se dá através do desenho institucional que os serviços e organizações dessa área ganham. Em outras palavras, através da forma como o conjunto de serviços está institucionalmente organizado, pelas normas, regras e códigos que regem seu funcionamento. Vamos pensar num exemplo prático: a assistência à saúde dada pelo SUS, nosso sistema público de saúde, é ofertada a partir de serviços e aparelhos que obedecem a uma lógica territorial. Ou seja, a implementação e distribuição geográfica dos dispositivos deve acontecer de modo a atender os princípios do SUS: garantir o direito de acesso à saúde a todos com equidade, ou seja, a partir das particularidades ou das necessidades de cada pessoa, das demandas de cada grupo populacional. O SUS deve fazer isso considerando o ser humano em sua totalidade, abrangendo todos os processos de vida, considerando desde os problemas e agravos em saúde mais simples aos mais complexos.

Porém, as Unidades Básicas de Saúde — que ficam nos bairros mais periféricos e devem ser a primeira porta de acesso a todo e qualquer cidadão, bem como devem dar cobertura em saúde a todo o território nacional satisfatoriamente — funcionam em horário comercial, um entrave ao seu proveito por parte da classe trabalhadora. Os grandes hospitais, por sua vez, estão sempre concentrados nas regiões centrais das grandes cidades. Isso dificulta que a população que mora mais longe, mais pobre — e majoritariamente negra —, chegue até lá. Ou seja, esse tipo de desenho organizacional, que é uma escolha política, cria entraves para que a população mais necessitada destes serviços usufrua deles. Isso atrapalha, inclusive, as possibilidades de fazer valer as diretrizes que o próprio SUS estabelece para si. Eu fico pensando como pode ter passado desapercebido, durante a pandemia do novo COVID-19, o fato de que todos os hospitais de campanha da cidade de São Paulo estivessem em regiões centrais, algumas delas riquíssimas, cuja população do entorno não utiliza os serviços públicos de saúde e até onde a população periférica tem dificuldade de chegar. É quase risível imaginar que um hospital de campanha tenha sido implantado em meio a mansões, casas com mais de 400 metros quadrados, com três salas, onde moram quatro pessoas, no mesmo momento em que a COVID-19 incide de maneira brutal sobre aqueles que vivem em sete pessoas amontoadas em cubículos, dividindo um único quarto — e por vezes a mesma cama. Seria risível, não fosse a forma institucionalizada de operar uma tragédia.

Vale ainda ressaltar que o debate aqui não trata de defender uma saúde pública exclusiva para os necessitados, para os pobres. O SUS deve ser universal — muito além do que hoje tem conseguido ser. A questão é que quem opera e executa a política na esfera da tomada de decisões considera absolutamente viável que um jovem preto e pobre se desloque de Parelheiros para se tratar no Hospital de Clínicas, mas certamente não pensa sob a mesma óptica o deslocamento de um idoso que vive em Pinheiros e vai até o Grajaú. Como quem organizou e organiza esses serviços desconsiderou essas questões? Como esses dados e evidências, a partir dos quais uma política de saúde deve ser programada, podem ser negligenciados na execução de um serviço de tamanha envergadura? É nesse sentido que vemos a branquitude em ação, isto é, no momento em que ela se coloca como um dispositivo de poder: na produção de uma política sob o prisma dissimulado de universalidade, que opera um corte racial de exclusão invisível nas instituições. Invisível na medida em que não há uma obstrução direta ao direito dessas pessoas; afinal, ninguém diz que negros não podem se tratar. No entanto, a inviabilidade se torna bastante concreta quando refletida nas efetivas possibilidades de acesso e nos destinos em saúde dessas gentes.

Há ainda uma terceira inscrição da branquitude nos serviços de saúde, geradora e mantenedora das desigualdades que observamos entre negros e brancos. Trata-se da discriminação positiva operada pelos executores de saúde que estão na ponta dos serviços, elegendo pessoas brancas para passarem por tratamentos em detrimento de pessoas pretas. Um dado interessante mostra exatamente isso aqui no Brasil: ainda que a população com maior incidência de doenças cardíacas seja a negra, o grupo mais contemplado por transplante coronário é de homens brancos. Algo ocorre neste meio de caminho que faz com que a população que mais adoece não seja a mais contemplada pela cura. Por que esta gente não é eleita para ser transplantada?

Na minha pesquisa de mestrado, apareceu um relato que é alegórico de como a branquitude opera nas instituições por meio da discriminação positiva: uma médica, que compôs a amostra dos meus entrevistados, partilhou a história de um homem branco em situação de rua que, por cinco meses, esteve em recuperação de uma cirurgia de hérnia, cuja fila de espera no SUS tem média de dois anos. É ela mesma que assevera que a população de rua é oitenta por cento negra em São Paulo. Vale dizer que este relato veio diante da seguinte pergunta: “Você acredita que a raça do paciente influenciou a conduta?”. Curiosamente, esta foi a única ocasião em que essa mesma pergunta foi respondida afirmativamente, considerando todos os entrevistados — incluindo a médica citada acima, que negou que raça teria influenciado na conduta adotada para as pessoas negras. No exemplo descrito, porém, além de responder afirmativamente — sim, a raça do paciente influenciou a conduta —, a entrevistada ainda conta que a equipe ficou muito indignada de ver uma pessoa branca naquela circunstância, e que o sujeito ganhou a simpatia de todos por ter as seguintes características: ser branco e estar em situação de rua. Diante desse quadro, foram feitas reuniões com a gestão, discussões de caso, articulações com outros serviços, culminando na cirurgia feita pelo médico responsável fora da agenda.

Eu entendo esse exemplo como um símbolo máximo de como o racismo e a discriminação racial se inscrevem negativamente nos serviços, dentro de lógica fundamentada na branquitude, na qual é possível excluir o negro, mesmo sem mencioná-lo, a partir da eleição de pessoas brancas para fruir de benefícios no cuidado que deveriam se estender igualitariamente a todos. O exemplo denuncia, ainda, um cenário bastante perverso e indigno a que os negros estão submetidos na área da saúde: quando não adoecem pelos fatores estruturais, pela condição de vida sistematicamente danosa; quando são capazes de superar os entraves colocados pelo racismo institucional e acessar os serviços, ainda assim encontrarão a exclusão.

O contraponto a esse caso está na história de um jovem negro que chega aos dezoito anos pedindo ajuda a uma UBS por sentir-se triste, estar com dificuldades pra dormir. Ele contou para enfermeira que o acolheu que usou drogas em uma única ocasião e entendia que isso se devia à tristeza que sentia. Esta enfermeira propôs reuniões de equipe, conversas com outros serviços, diálogos com outros profissionais. No caso do jovem, porém, a psicóloga da unidade disse não poder atendê-lo, pois, segundo ela, o paciente era muito “sedutor”; a psiquiatra também se recusou, pois “não atende drogado”. Encaminhado ao serviço de saúde mental, que é referência para casos de adição, ele é novamente recusado, pois a equipe entende que ele está deprimido. No serviço de saúde mental que é referência para transtornos mentais em geral, há recusa de atendimento com a alegação de que se tratava de um caso de drogadição. Cinco anos depois desta primeira consulta, aos 23 anos de idade, o jovem se suicida. Este é um suicídio “matado”, e o desdobramento deste caso, tão excepcional quanto o do homem branco, ensina que se o racismo não adoeceu o paciente pelo caminho, não o excluiu na entrada, ele o matou na saída. É importante enfatizar: as desigualdades raciais são criadas, produzidas, reiteradas, alimentadas; elas não acontecem por si só. Tais casos expõem como a discriminação, que acontece hoje, agora, neste tempo presente, nos serviços de saúde, é das principais responsáveis pela produção da desigualdade abissal nas condições de saúde entre negros e brancos.

LVS Como nós, enquanto sociedade, e, principalmente, como os gestores de saúde, podemos agir sobre esta estrutura?

MMG Parto do que está proposto na pergunta: é preciso agir, fundamentalmente, sobre a estrutura. Fazer saúde é criar políticas de emprego, garantir direitos trabalhistas; é garantir e fiscalizar a implementação das políticas de cotas nas universidades, nos cargos públicos, nas empresas privadas e nos parlamentos; é investir em saneamento e na educação infantil e primária; é assegurar o direito à alimentação; é intervir sobre a questão do espaço urbano e da moraria. É preciso criar políticas a partir de um conjunto de ações programáticas que envolvam diferentes setores e que incidam positivamente sobre as condições de vida das pessoas negras marginalizadas: o direito de quem mais precisa deve estar ainda mais assegurado. Assim, me parece um caminho possível que os gestores invistam massivamente nas políticas de saúde de caráter intersetorial que englobem a área da educação, do trabalho e do desenvolvimento urbano. Pensando na própria saúde, é necessário e urgente que os serviços se organizem institucionalmente a partir das demandas das populações mais vulnerabilizadas. É fundamental que elas sejam o centro orçamentário, geográfico e programático a partir do qual deve acontecer a alocação de verbas, dos recursos materiais e humanos, e das melhores e mais desenvolvidas tecnologias em saúde. Essas demandas devem orientar a estruturação da rotina dos serviços e os fluxos institucionais.

Embora a pergunta se dirija principalmente aos gestores, há uma defesa da saúde coletiva e um chamado para que todo mundo participe da gestão. Nenhum direito jamais foi adquirido sem ser reclamado, reivindicado e disputado. O próprio SUS não foi criado sem luta. E nele existem os conselhos de saúde, que são espaços onde decisões importantes são pensadas e pactuadas, e que se pretendem horizontais e de prática democrática, dos quais qualquer cidadão pode participar. Mas isso não pode acontecer sem que cada pessoa, como sujeito histórico, se apropriе disso. É preciso ir às ruas, reivindicar direitos, fiscalizar a consecução deles. E estar ao lado dos que na política defendem a reforma agrária, a taxação de grandes fortunas, a seguridade social, a defesa, a proteção e a preservação das terras e territórios indígenas e quilombolas, assim como daqueles que lá vivem; enfim, ao lado dos que defendem os direitos trabalhistas e a universalização irrestrita do SUS. Esta, que é a tarefa de defesa da vida, não deve ser pleiteada apenas pelos gestores; ela deve estar no horizonte de toda e qualquer pessoa humana que acredita radicalmente na igualdade, que aposta em outro marco civilizatório, sob o qual toda vida humana é igual e digna, merecendo respeito e proteção. Esta é também a tarefa que cabe a todos que entendem que o mundo pode ser mudado, mas que isso só possível a partir da ação humana. Só ela — a ação humana — pode ser capaz de subverter um mundo ordenado pela desigualdade, opressão, discriminação, miséria de tantos para inventar um outro mundo, onde as possibilidades e as formas de existir e viver com saúde não sejam expressão de privilégio e vantagens, mas antes um destino de todos.

“(...) a doença mostra como somos diferentes, como indubitavelmente estamos em contextos diferentes, condições de vida, cuidado e saúde diferentes, às vezes opostos mesmo.”

■

Mônica Gonçalves Mendes é doutoranda na Faculdade de Saúde Pública da USP, pesquisando os engendramentos entre as formações raciais brasileiras e o campo da saúde pública. Possui graduação em psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2008). Realizou aprimoramento em psicologia da saúde na Faculdade de Medicina de Botucatu — UNESP (2011). Atuou como psicóloga em Oncologia Clínica pelo Hospital das clínicas de Ribeirão Preto — USP e no Programa de Saúde da Família em UBS na cidade de São Bernardo do Campo. Em 2017, concluiu mestrado em Ciências pela Faculdade de Saúde Pública da USP, tendo desenvolvido com o auxílio do CNPQ a pesquisa “Raça e Saúde: Concepções, Antíteses e Antinomia na Atenção Básica”.

Lia Vainer Schucman é doutora em psicologia social pela Universidade de São Paulo com estágio de doutoramento no Centro de Novos Estudos Raciais pela Universidade da Califórnia. Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC. Autora dos livros *Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo: Branquitude, Hierarquia e Poder na Cidade de São Paulo* (Veneta 2020) e *Famílias Interraciais: tensões entre cor e amor* (EDUFBA, 2018).

Mariluz cuando niña leía muchas fotonovelas.

Algunas divertidas, otras no tanto... pero entre todas ellas había algo en común:

no tenían nada que ver con la realidad.

1980

Cuando Mariluz era niña, en un pueblo chico cerca del Lago Poopó, enseñó a su hermana Mercedes a leer con las fotonovelas que la regalaban cuando iba a la ciudad. En este tiempo, no tenía idea de cuán lejos viajaría para buscar sus sueños.

Y su mamá, ya muy enferma, trabajaba duro en el campo.

Su papá trabajaba, como muchos, en la minería…

del Altiplano a los Sueños

Una historia de luchadoras

El papá perdió la cabeza y se fue con otra mujer hacia el norte, a probar suerte. Y así se quedaron solas las dos hermanas huérfanas, Mariluz y Mercedes, entregadas a su propia suerte.

Después de dos años sobreviviendo como podían gracias a los pocos campesinos que las ayudaban, Mariluz y Mercedes encontraron un destino un poco más confortable, pero igualmente duro: una monja había escuchado la historia de las hermanas y cuidó para que fueran adoptadas... ¡pero no por la misma família, ni siquiera en la misma província!

Mercedes y Mariluz, sin poder más de tanto hambre y dificultades, aceptaron la separación y con un fuerte abrazo, lleno de lágrimas y la esperanza de un reencuentro, siguieron cada una su camino

1997

El Alto

Linda se veía La Paz del mirador Sallahumani

Para Mercedes, aunque con mucho trabajo, ¡la adolescencia llegó llena de descubrimientos!

Con el tiempo había hecho amistades y se había acostumbrado a la vida fuera del pueblo... ahora era una joven mujer y tenía bellos hijos.

... ¡a ella le encanta las luces y la movida de la ciudad!

¡Todo el sufrimiento de la infancia y la vida humilde no le dejaron tantas marcas, ¡y así seguía con fuerza hacia sus objetivos!

Mientras tanto, en Santa Cruz.

Buenos días a todas y todos los que escuchan la radio Meteoro FM, 101.1! Aquí empezamos un día más con mucho amor y cariño. Yo soy Mariluz y les traigo lo mejor de la música boliviana, con sus grandes éxitos! Por eso a cantar y a bailar mi gente linda!

Con 20 años, de las 5 a las 7 de la mañana, entre vender pantalones y cuidar su Karaoke, Mariluz entretenía a los oyentes con su dulce voz invitando a todos de una Santa Cruz que no duerme a dejarse llevar por la música.

¡Y hasta fue cantante en un grupo de cumbia!

Y una vida tan movida por supuesto viene acompañada de un gran amor…

… a ella igual le encanta las luces de la ciudad.

¿Cómo estás, mi amor?

Bien, cariño, pero muy cansada. Cada vez suben más los precios y los pagos todavía siguen en la misma

Sí se nota tu cansancio... aparte que rato más vamos a tener otro hijito

Pero viste que la Stef con su pareja se fueron a San Pablo? ¡Parece que por allá no falta trabajo y se gana muy bien! Aparte que la familia de Cláudio y mi cuñada están todos por allá.

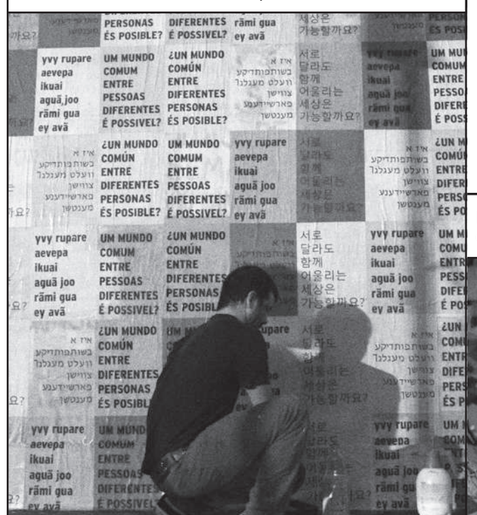
¿Sabes qué, mi amor? ¡Vayamos a San Pablo! siempre quise conocerla.

Santa Cruz de la Sierra

San Paolo

Y en la primera semana ya había conocido a varios de sus compatriotas y sus lugares.

Había gente de todos lados, comida de distintos países, hasta grupos de Danielza típicos del altiplano, pero sin el duro frío de la montaña. Parecía perfecto.

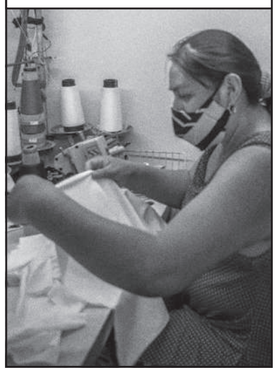


Todavía la realidad del día a día se alejaba mucho a los dulces sueños de éxito y las bellas fotos de la avenida Paulista.

Muchos de los que llegan se iban directo a oficinas super-explotadoras, sin tener tiempo de descanso o los derechos mínimos.

Los papeles tardan en salir, los pagos son bajos y los acuerdos ni siempre se cumplen.

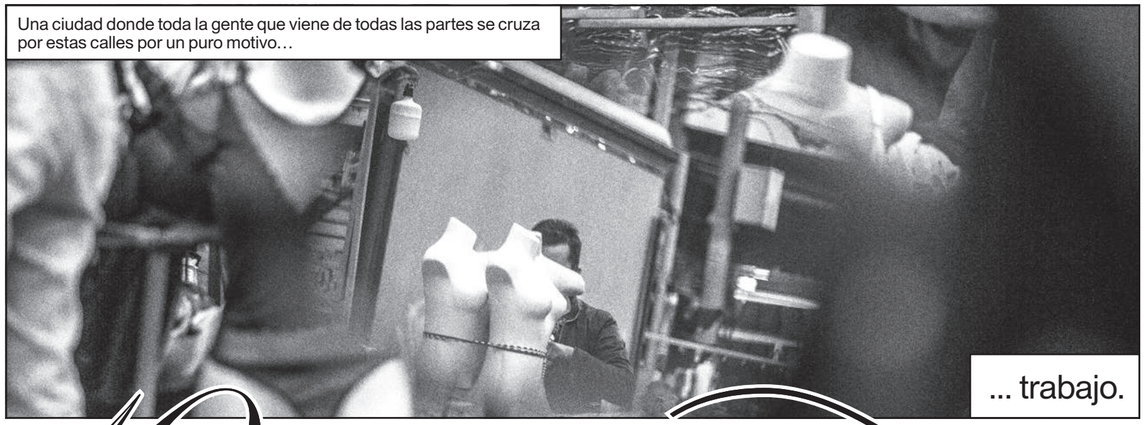
Se trabaja desde las siete de la mañana...



... hasta las diez de la noche...

...a veces para sacar siquiera un sueldo mínimo que, en $ão Paulo, no te alcanza para nada.

Una ciudad donde toda la gente que viene de todas las partes se cruza por estas calles por un puro motivo…



10 años después...

Mariluz y su vitalidad no se dejan avasallar por los problemas.

Ahora con los niños ya en el colegio, no deja de cuidar cada fiesta, cada juguete.

Mira atenta para cada desafío del día a día y encuentra mágicamente espacio para cosas nuevas.

Y también para las antiguas, que se extraña...

Hasta que un día se da cuenta que ahí viene otro cambio difícil.

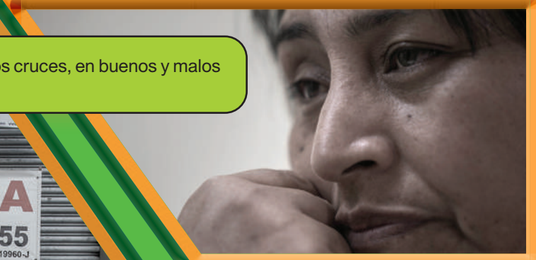
De un momento al otro algo que se escuchaba hablar sobre, pero que parecía tan lejano, llegó como una pesadilla transformada en realidad: el virus trajo no solamente el miedo a la muerte y la enfermedad, pero la completa falta de perspectiva si iba haber trabajo, si se iba a tener para comer al otro día!

Caminando por las calles desiertas se veía todo cerrado, todo vacío.

Las placas de *aluga-se* se multiplicaban como el virus y formaban la decoración del nuevo escenario triste que ahora nos quedaba.

En este nuevo escenario, una vez más se cruzan nuestros caminos…

Pero con tantos cruces, en buenos y malos momentos...



uno sigue solo como una isla…

Casi ya no había trabajo, pero cuando había se pagaba terrible mal.

Hubo días en que se costuraba desde las 3 de la mañana hasta las doce de la noche, con el miedo de quedarse sin nada.

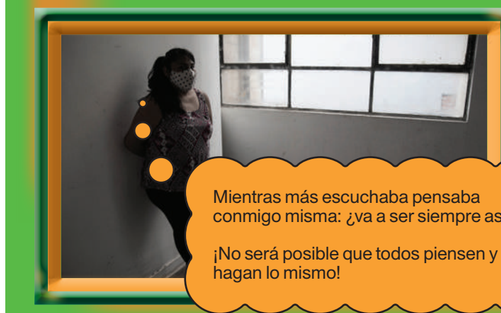
Y hubieron días en que aparte del trabajo más que duro, perdíamos nuestros familiares queridos, allá lejos, y ni siquiera podríamos despedirnos o tener un abrazo de consuelo.

¡La crisis que se agrandaba como un monstruo desenmascaró otros más monstruos que habíamos convivido sin entender y las historias eran terribles!

Yo me sentí muy mal un día pues fui ahí a ese lugar y estaba de verdad necesitado mucho, y me dieron unos tantos barbijos y me iban a pagar a R$ 0,40 cada uno… le contesté que muy poco era, no me alcanzaba, pero me dijo que era eso o nada, pues nadie me iba a pagar más que eso. Lo acepté. Y luego vi que en la esquina te pagaban el doble… ellos te manipulan y te explotan sin la menor vergüenza! Nunca antes me había sentido tan sola.

¡El problema de nuestra comunidad es que no hay unión! Si tú vas ahí y le dices a uno: te dejo a R$ 0,80 la mascarilla, ya después viene tu vecino y dice "que lo hagas conmigo, te lo hago a setenta". Y ahí los precios van bajando.

Ya, pero no hay que dejarse llevar por eso… ¡Hay que mirar cómo la gente igual se ha apoyado y compartido, y seguir en este mismo camino!



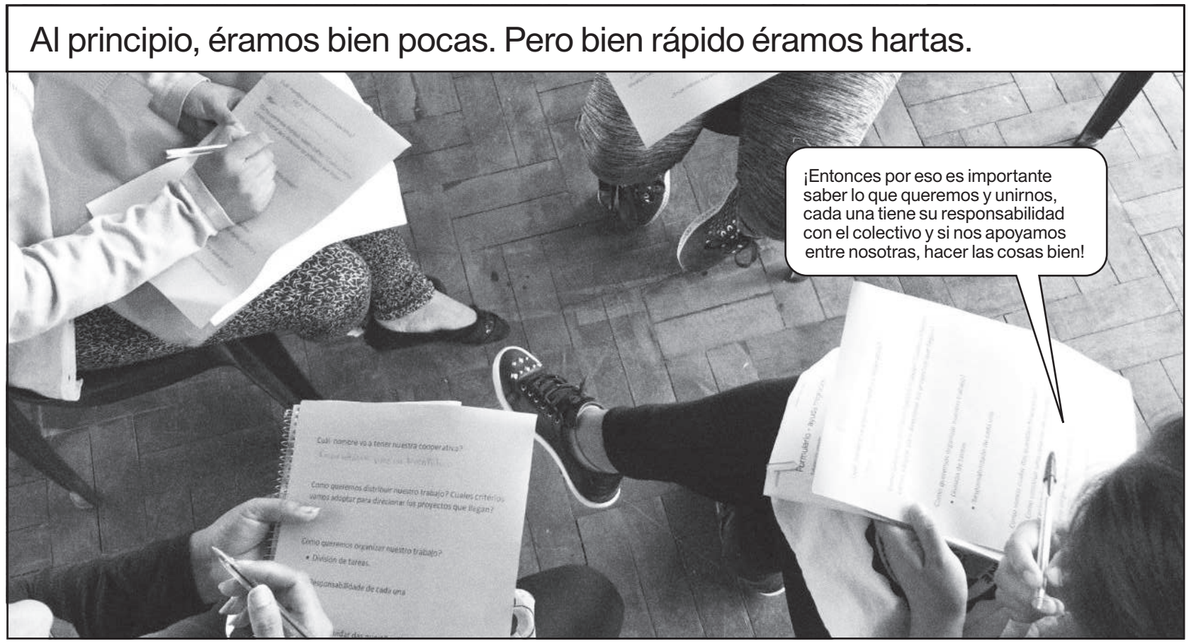
Mientras más escuchaba pensaba conmigo misma: ¿va a ser siempre así?

¡No será posible que todos piensen y hagan lo mismo!

Dormir ya era imposible...

... de a poco venían las pesadillas.

El desespero alucinante de saber que no es solo uno el que está con miedo del futuro… Pero todo una comunidad.
¿Pero como cambiar algo que está más allá de nosotras mismas?
¿Cómo?
¡Algunas personas andaban acceptando hasta R$0,10 por varvijo, eso ni siquiera alcanza pa la comida!
¿Pero qué se saca algo con eso?
¡Pero yo no accepté!
Algo sí, o sea... uno tiene que trabajar desde la madrugada hasta la noche, y con esto no se alcanza siquiera para las cuentas…
¿La gente no piensa que tenemos un cuerpo qué se acaba de a poquito mientras trabajamos así, 15, 16 horas para siquiera se alimentar bien con lo que se recibe? ¿A ellos no se los ocurre que un día viene la vejez y como va a estar nuestra salud si nos sujetamos a eso? como van a estar nuestros niños, si van a crescier viendo a los papas trabajando día y noche para nada?
Yo escogí quedarme parada y por lo menos vivir por mientras, más que nada... hasta que todo esto se pase…
De a poquito se fueron juntando unas tantas mujeres que pensaban parecido, y que veían la necesidad de moverse para salir adelante!


Al principio, éramos bien pocas. Pero bien rápido éramos hartas.
¡Entonces por eso es importante saber lo que queremos y unirnos, cada una tiene su responsabilidad con el colectivo y si nos apoyamos entre nosotras, hacer las cosas bien!

Los caminos una vez más se cruzan…

¿Pero de donde será que la conozco? Un rostro tan familiar..

¡Hola, mucho gusto! Qué bueno que hay algo de unión en estos tiempos tan difíciles... ¿tú hace tiempo estás acá? ¿De donde
Yo llevo diez años acá, me vine de El Alto, pero nací en un pueblito cerca de Oruro.
eres? ¿En serio? Yo vengo de Santa Cruz, pero igual me vine chica desde un pueblito, Popoo se llamaba, también cerca de Oruro.
¡No lo puedo creer! ¿Y como llamaba tu mama?
Maxima, si murió cuando éramos niñas yo y mi hermana.. nos separaron en seguida... desde ahí no sé nada de ella…
¡Entonces ahora ya lo sabes: soy Mercedes!

Sin

Bety Poquechoque Quispe como *Mariluz*

Sonia Limachi Quispe como *Mercedes*

Bety Poquechoque Quispe como Mariluz
Sonia Limachi Quispe como Mercedes
Yenny Marlene Rodriguez Cruz como Mariluz joven
Rosa Machaca Quispe como Mercedes jóven
Elisabeth Cuaremayta como madre y 'espíritu de la comunidad'
Celia Callisaya Mamani como participante de la cooperativa
Gonzalo Murga Loza como pololo de Mariluz jóven
Jorge Gutierrez como marido de Mariluz

Les niñes:
Iara Micaelly, Vania Lara Choque como Mariluz y Mercedes, Sara Camila Limachi Quispe y Valeria Ivet Choque (niñas)
Esmael Nina Choque como hijo de Mariluz, Ádrian Machaca como hijo de Mercedes (guagua)

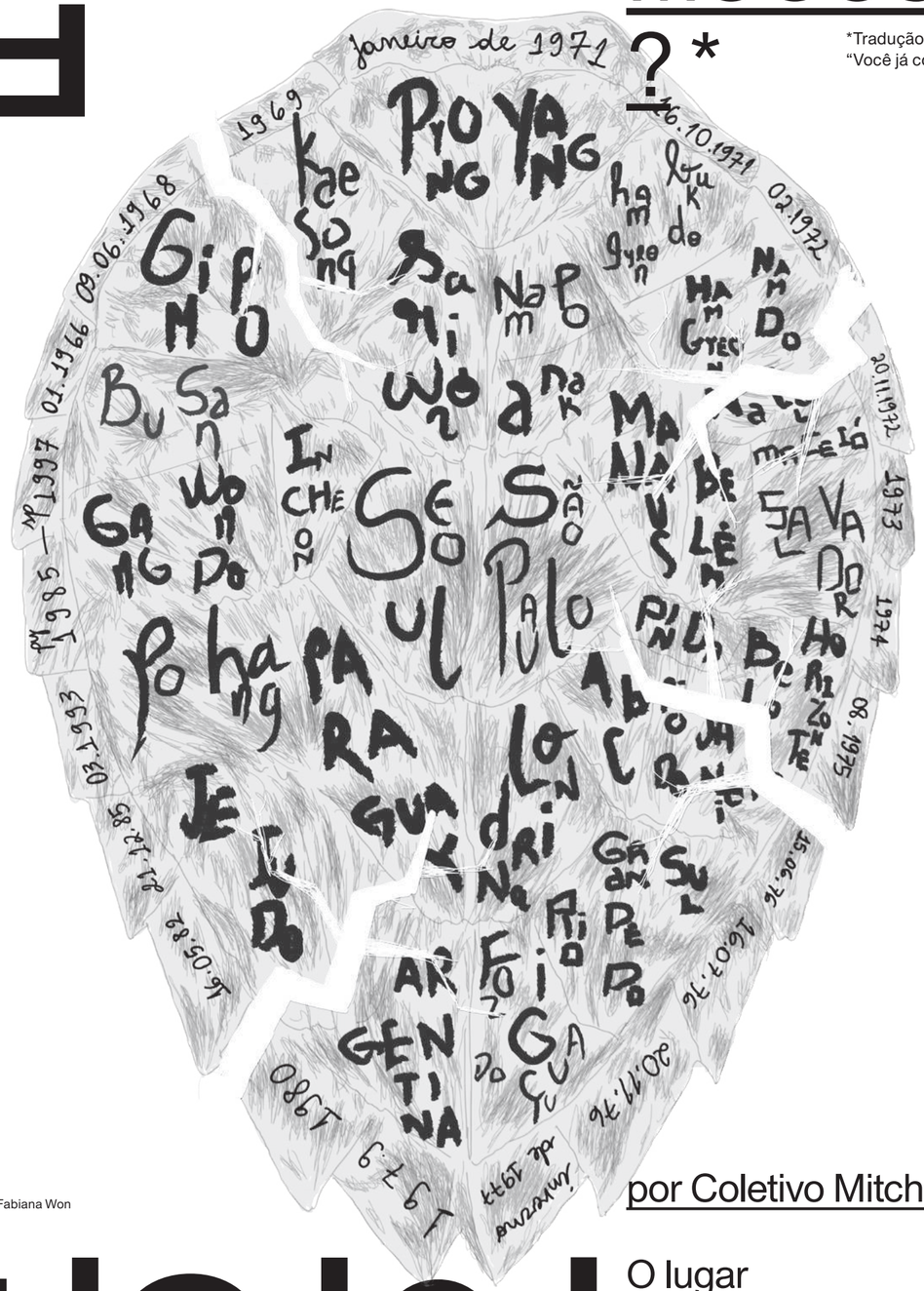
Fotos: Marlene Bergamo

Roteiro: Mayara Vivian

Foto de apoio (49): Ana Carolina Santos
Elizabeth viste ropa típica de chola (8) y ropa típica de la danza thinku (45)
Agradecemos o restaurante Rincón Guaqueño, no Bom Retiro, pela gentileza em ceder o espaço.
Livremente inspirado na vida de Bety Pochechoque e de outras mulheres da Cooperativa Empreendedoras Sin Fronteras (CESF)

BAP MOGOSSÓ ?*

*Tradução para o português: "Você já comeu?".



Casco imigrante, por Fabiana Won

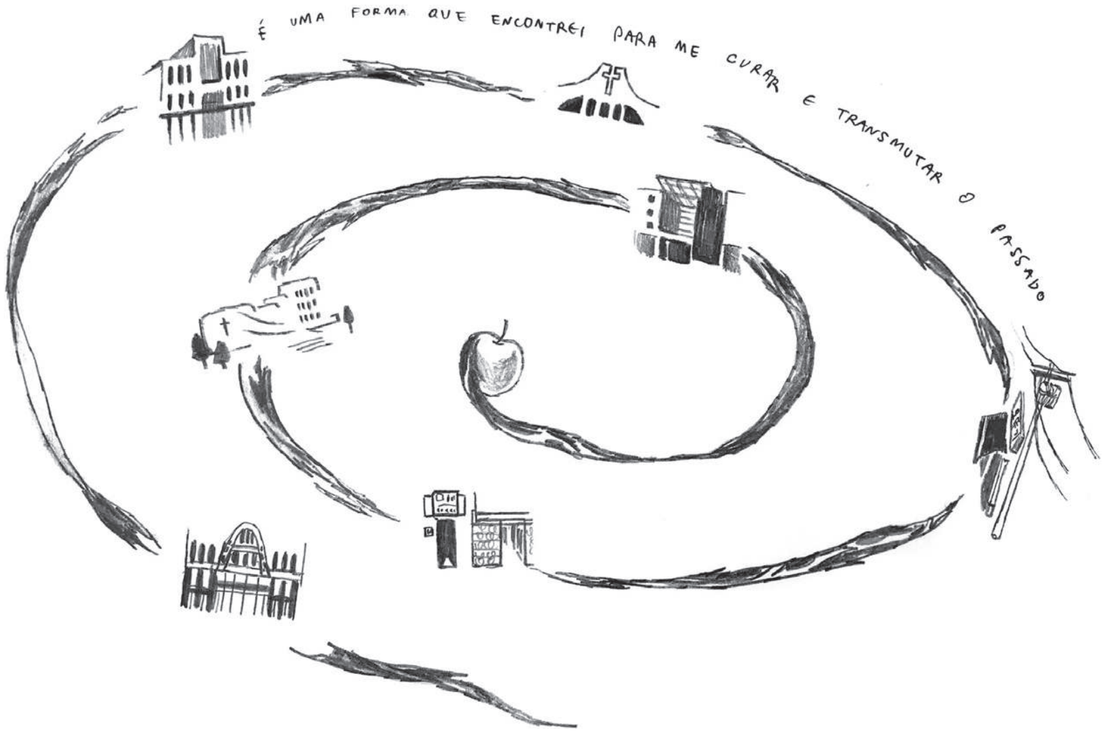
por Coletivo Mitchossó

먹었어

O lugar que se sai é o lugar para o qual se volta

?

Mapa afetivo, por Patricia Baik



A história dos imigrantes coreanos é marcada por traumas que podem ser separados em três tipos: pré-migracional, migracional e pós-migracional.[1] O trauma pré-migracional decorre da violência, fome e perdas que acometeram a península coreana durante a Guerra da Coreia (1950-1953). As consequências desse conflito, sentidas até hoje, levaram nossos avós e pais a deixarem forçosamente a sua terra natal. Tal movimento de fuga, em que estão implícitos o abandono do local de pertencimento e o deslocamento em busca de um novo lar, configura outra etapa do processo: o trauma migracional. Já o trauma pós-migracional consiste na renúncia de costumes e de tradições, na assimilação cultural imposta em um ambiente normativo distinto e, por fim, no mergulho dos imigrados no campo das incertezas.

Em meio a essas incertezas (tanto subjetivas quanto materiais) em relação à adaptação em um novo país, os coreanos que fixaram residência em São Paulo começaram a se agrupar em torno de suas famílias, a princípio nas regiões da Baixada do Glicério, Brás, Aclimação para finalmente se consolidarem no bairro do Bom Retiro, a partir dos anos noventa. Nesse contexto, as igrejas foram essenciais para proteger o espírito e, principalmente, para cultivar o senso de comunidade que havia sido trazido junto de nossas *rarmoni* (할머니, avós) e de nossos *rarabodji* (할아버지, avôs). Além de se reunirem em missas e cultos, os coreanos se ajudaram para estabelecer suas confecções, mercearias e restaurantes. No entanto, para sobreviver às rachaduras causadas pela experiência da guerra seguida da imigração, o casco da comunidade se endureceu — tanto, que começou a rachar por dentro.

Não é uma lembrança específica, mas é uma rotina muito gostosa: almoços no Asawon do Brás, passar na esquina para comprar hotteok, ir a uma locadora de VHS que ficava na Rua Paraíba. Até meus 9/10 anos, achava que quando a gente pegava a Avenida 23 de Maio, estávamos indo para outra cidade. Só quando comecei a estudar no Colégio Bandeirantes eu entendi que tudo isso era São Paulo. Antes, minha percepção da cidade era muito limitada ao Brás, Bom Retiro, Mooca, Bresser e Vila Guilherme.

É uma questão muito forte pra mim ir atrás da história da minha família, enquanto pessoa birracial e crescida totalmente alheia ao contexto sociocultural coreano-brasileiro. Então, é uma busca que parte justamente dessa falta, tornando-se um resgate por uma autonomia sobre minha própria ancestralidade e história.

Nós, descendentes dessa diáspora, convivemos com as rachaduras causadas pelo conservadorismo, pela dureza das instituições que impuseram uma significância para o amor e para o pertencimento. As igrejas, a fé, a culpa e a moralidade cristã; a família, o respeito aos anacrônicos costumes e tradições coreanos. Nesse contexto, ser diferente era inaceitável e nossas individualidades foram, por muito tempo, suprimidas pelo medo do julgamento.

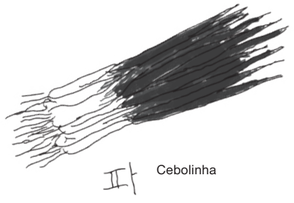
Ingredientes, por Fabiana Won. Acima: óleo de gergelim.

Então, lembro que gostava de comer e aprendia hangeul (한글, idioma coreano) no salão de testemunha de jeová. Me afastei da comunidade coreana a partir do momento em que parei de frequentar igrejas. Quando tinha uns 12 anos, algumas meninas do meu ano me chamaram para uma sala de aula vazia e, uma por uma, foram falando que não queriam mais ser minhas amigas porque eu parecia um menino, que eu tinha que agir feito menina ou só ia incomodar os outros. Lembro da minha mãe sempre reclamar da comunidade de ajummas que ficavam julgando seu modo de vestir, o fato dela criar os filhos sozinhos, coisas do tipo. Entendi que não me identificava mais com muitas funcionalidades da comunidade e, ao mesmo tempo, passei por situações em que senti "rejeição", "fofoca", "preconceito". Antes, por mais que não concordasse com alguns "aspectos" característicos da colônia, achei ter meu espaço de conforto lá dentro. A partir do momento em que meu pai saiu de casa (e meus irmãos também), as pessoas começaram a falar muito mal da minha mãe e da incapacidade dela como esposa e mãe. Esse julgamento me afetou muito, pois, a todo momento, eu sentia a necessidade de provar que minha mãe não falhava como mãe, que eu era uma filha muito boa (em termos de comunidade coreana). Foi na igreja que comecei o hábito de ir ao banheiro chorar de raiva e também a lidar com ataque de pânico.

Nossas especificidades seriam também questionadas fora da comunidade coreana e, de forma conflituosa, também assimilamos mais aspectos culturais do país onde crescemos. Assim, embora algumes de nós os tenhamos grafados na certidão, gradualmente perdemos nossos nomes étnicos e passamos a atender pelos nomes "brasileiros". Nas escolas, aprendemos uma história em que nossos antepassados não existem, e os conflitos modernos que assolaram a península coreana são mera citação.

Nunca consegui me encaixar direito. Não sinto que faço parte da comunidade brasileira. Apesar de ter nascido aqui sinto que sou estrangeira. Cresci numa cidade interiorana onde não tem muitos descendentes de imigrantes leste-asiáticos, então sempre fui tratada diferente. Tanto zombada pelos meus "olhos puxados" mas sempre elogiada pelos meus professores por causa do meu comportamento exemplar.

Entretanto, muites de nós deixamos de aprender o idioma coreano — não por termos aprendido o português, mas porque o afastamento nos parecia ser o único meio para que não rachássemos. Mal sabíamos que essas rachaduras, muitas vezes internalizadas na forma de raiva e solidão, estavam dentro de nós desde o nascimento, e que delas nasceriam frutos, além das flores e outros desenhos que tatuamos em nossa pele.

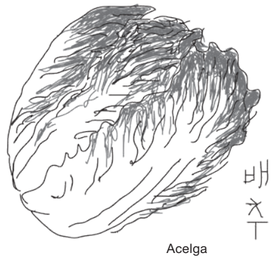


Cebolinha

Alga

Pimenta do reino

Folha de gergelim



Acelga

Tinha curiosidade em saber sobre minhas raízes, principalmente por causa da minha mãe, porque alguns comportamentos dela eram difíceis de serem entendidos por mim.

Em 2018, surgiu a proposta de um encontro entre coreano-brasileires sobre autonomia corporal — ou a falta dela —, sendo a tatuagem um meio de externalização de um grito interno e uma maneira de nos reconhecer em meio às pressões contraditórias da assimilação cultural brasileira e à preservação das nossas tradições coreanas. Queríamos, desde então, reivindicar uma narrativa própria.

O encontro se deu através de um ensaio fotográfico para celebrar nossas individualidades e fluiu para o compartilhamento de nossas dores. Compreendemos mais do que nunca a importância de nos reunir, trocar experiências de vida, encontrar em outres os mesmos questionamentos e inquietações. Aprendemos que "ser coreane" e "ser brasileire" não eram características incompatíveis e reconhecemos a ambivalência da nossa identidade diaspórica, ou coreano-brasileira. As fotos e as reflexões geradas pelo encontro foram publicadas na *zine* "Mitchossó: Mulheres Coreanas Tatuadas", (미쳤어, "você enlouqueceu?"). Assim foi nomeado o recém-nascido coletivo.

Junto do Mitchossó, vislumbramos a potência contida em partilhar as mesmas histórias que nos disseram ser imaturas, específicas, incompreensíveis. Compreendemos, então, o significado de pertencer ao encontrarmos tradução para os silêncios por meio da investigação poética e nos deparamos, na prática artística, com a possibilidade de cura. A zine seria apenas o primeiro exemplo disso.

Aos poucos, a negação foi substituída pela afirmação e decidimos traçar novos caminhos: retornamos ao bairro do Bom Retiro. Fizemos da Casa do Povo a nossa morada e a ocupamos com discussões e aulas para re-aprender nossa história, assim como entender seus embates contemporâneos. Em solo fértil, pudemos reafirmar nossas raízes e de todas aquelas que vieram antes de nós. Propusemos novos encontros, agora com LGBTQI+ coreano-brasileires. A ideia de criar um espaço livre de pressões sobre como deveríamos nos portar, tanto de fora quanto de dentro do Bom Retiro, aos poucos transformava este lugar antes constituído pelo medo do julgamento e da rejeição em um campo de novas possibilidades. Novamente, os retratos desenhados por nós mesmes se tornaram uma forma de expressar e documentar o reconhecimento da nossa existência no bairro e na comunidade coreano-brasileira.

Em 2019, em homenagem a nossas mães, realizamos a performance *Omoni* (어머니, mãe). Ao crescermos como filhes de imigrantes coreanos, foi inevitável questionar o porquê de nossas mães não nos darem abraços, beijos ou palavras gentis. A apresentação traduziu este pequeno gesto — o descascar da maçã — como linguagem de cuidado e afeto. A tradução, realizada pela mediação da arte, nos ensinou algo: a reunião em torno da comida coreana é uma maneira de retornar às raízes, de nos conectar com entes queridos, de celebrar a vida e os encontros. Sendo a alimentação um dos momentos de comunhão, não se trata simplesmente de encher o corpo com nutrientes, mas antes de preencher a alma através do cuidado intergeracional. *Bap mogossó*? "Você já comeu?" É esta a pergunta que nossos pais fazem para saber se estamos bem.

Incorporamos a mesma linguagem de afeto aos nossos rituais como coletivo ou como comunidade: os *jumeokbap* (주먹밥, uma bola de arroz do tamanho de um punho) servidos na fala da Binna Choi — durante o Estudos do comum, evento organizado pela Casa do Povo, e nas mesas dos *pojang* (포장, boteco), o *bantchan* (반찬, acompanhamentos) é o termo utilizado para denominar uma pluralidade de porções que acompanham as refeições coreanas, dispostas em pequenos pratinhos. Cada um desses acompanhamentos possui características particulares e é compartilhado por todes à mesa, formando uma grande e única refeição.

1 Sobre o assunto, consultar: http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v18n1/v18n1a10.pdf.

Lembro que no restaurante Lua Palace não tinham cadeiras e a gente sentava no chão em almofadas. Achava isso o máximo e muito mais confortável. E porque os espaços eram divididos em biombos e não paredes, sentia que era tudo uma família só, e ficava invadindo as outras mesas quando pequena kkkk

De maneira semelhante, o presente ensaio foi escrito a partir de diferentes contribuições, diretas ou indiretas, que compõem essa escrita coletiva. Trazemos à nossa mesa uma forma de documentar diferentes individualidades: cada ume traz um bantchan à mesa, de que todes podem se servir.

Não tendo tias no Brasil, meu pai me fazia conviver muito com as mulheres da comunidade no Recife para aprender a cozinhar. Inclusive agendava visitas estratégicas na casa das tias que tinham as melhores receitas, assim eu aprenderia a fazer aquele que considerava como "o melhor kimchi". Haha. Quando as ajummas compartilhavam as receitas completas delas comigo, sentia que era um abraço apertado. Agora, quando comem minha comida e dizem que tem gosto de comida de vó, sinto uma gratidão imensa a esse tipo de experiência que recebi.

No processo de autogestão e construção do conhecimento, fora dos muros da Academia — que agora toma forma de ensaio —, as tradições são ressignificadas. A mulher coreana não só prepara a comida e serve a todos, mas também cuida e prepara a herança cultural de seus descendentes. A comida que nossas mães prepararam também carrega memórias, desde as lembranças ligadas aos momentos de refeição como aos modos de preparo que se transformam ao longo do tempo e são passados de geração em geração. Logo, o preparo da comida, antes de um ritual de abnegação e submissão, é um gesto de amor e cuidado, de cultivo e preservação da nossa história.

Todos esses eventos e encontros (e reencontros) do Mitchossó foram atraindo cada vez mais coreano-brasileires com diferentes perspectivas, orientações sexuais, identidades de gênero e ideias. Antes da pandemia, havia muitos projetos, eventos e parcerias. Mas, de repente, tivemos que interromper tudo e voltar nosso olhar para dentro. Quem somos nós, afinal?

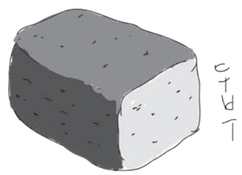
Somos um grupo de mulheres, não-bináries, LGBTQI+ e heterossexuais, descendentes de uma imigração consideravelmente recente. Se antes não existia a pretensão de refletir com base em discussões "fora" da comunidade coreana, tornou-se então urgente refletir a respeito de nossa relação com o bairro e com nosses vizinhes. Afinal, a pandemia não apenas lembrou, antes escancarou cruamente as falhas do sistema em que vivemos.

Qual o nosso impacto político e social em tempos de crise? Qual o nosso papel social como membros da comunidade coreana, que, por sua vez, faz parte da sociedade brasileira? Muitos questionamentos surgiram, gerando discussões acaloradas, e entramos em "reforma". Antes de agir no mundo, sentimos a necessidade de olhar novamente para dentro, com um olhar mais amadurecido. Assim, temos nos dedicado à criação de um espaço em que experiências e visões individuais não apenas sejam ouvidas, mas também potencializadas.

Aos poucos as reuniões virtuais em prol da reestruturação do coletivo começaram a gerar frutos. Além de uma reorganização operacional — horizontalização das tomadas de decisão —, as próprias reuniões virtuais possibilitaram a conexão e a participação de coreano-brasileires distantes do que chamamos de comunidade coreana restrita ao bairro do Bom Retiro. Junto dessas pessoas, começamos um novo ciclo de aprofundamento e investigação de nossas histórias. O novo ciclo de conversas — ainda em curso — evidenciou que, apesar da origem comum de muitas de nossas dores, herdadas da história coreana e da ancestralidade compartilhada por todes, cada ume de nós está empreendendo uma busca interna e singular. Aliás, cada ume tem a sua trajetória única. E é na ancestralidade e na história de imigração coreana para o Brasil que esses diversos caminhos se cruzam, sendo o Bom Retiro apenas um desses pontos de convergência.

Pretendemos criar pontes para dialogar e transpor as barreiras, dissolvendo limites entre o interno e o externo. Nós, enquanto coletivo, enxergarmos um futuro possível para essas diferentes trajetórias, não mais através de apagamento e esquecimento, mas por outra lógica relacional entre o espaço e o tempo: a nossa experiência de reaproximação e ressignificação é apenas uma das formas de imaginar um futuro diferente a partir do resgate da história. Experiência essa que transforma as práticas dentro de nossas próprias famílias, quebrando a lógica do silêncio e da reprodução de comportamentos provenientes de traumas, os quais nos levaram ao afastamento. Ao compreender a linguagem não verbal do afeto e do cuidado, podemos nomear aquilo que nos cerca e o que sentimos, ter agência para trazer nossas narrativas e entender como elas se relacionam com outras.

Alho



Tofu

É importante lembrar que as diversas narrativas diaspóricas são invisibilizadas e relegadas ao ostracismo quando os discursos hegemônicos de um determinado padrão pretendem ser universais, únicos e lineares. Trata-se de um processo lento que requer o devido cuidado para não sermos engolides por dinâmicas preestabelecidas em um mundo repleto de preceitos imperialistas e coloniais. Se, por um lado, temos a influência de discussões diaspóricas ocorridas nos Estados Unidos, por outro, temos discussões de movimentos asiáticos brasileiros que ainda são nipo-centradas. Sem mencionar a identidade cultural vendida massivamente a partir da Coreia do Sul e disseminada por meio do *Hallyu* (한류, Onda Coreana).[2]

Finalmente, entendemos o bairro do Bom Retiro como um lugar de encontros e trocas onde reside parte da nossa história de imigração, inclusive a de coreanos-brasileires que não cresceram ali. A compreensão de que o futuro é construído e transformado coletivamente se torna essencial para vislumbramos uma solução de retomada do espaço e de retorno à ideia de comunidade, cuja ressignificação se dá por meio da experimentação coletiva e artística. É fazer as pazes com os traumas intergeracionais e individuais. É gestar conhecimento e transmiti-lo às futuras gerações; retomar a ideia de imigração não como fuga, antes como imaginação de um futuro possível.

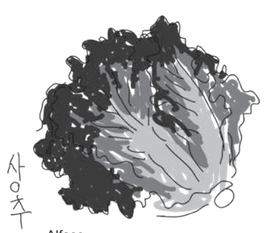
Pimenta

2 A Onda Coreana (Hangul: 한류; hanja: 韓流; RR: Hallyu; MR: Hallyu) é um neologismo referente a popularização da cultura sul-coreana a partir dos anos 1990. O termo foi originado pelos jornalistas de Pequim, que se surpreenderam com a crescente popularidade da cultura sul-coreana na China.

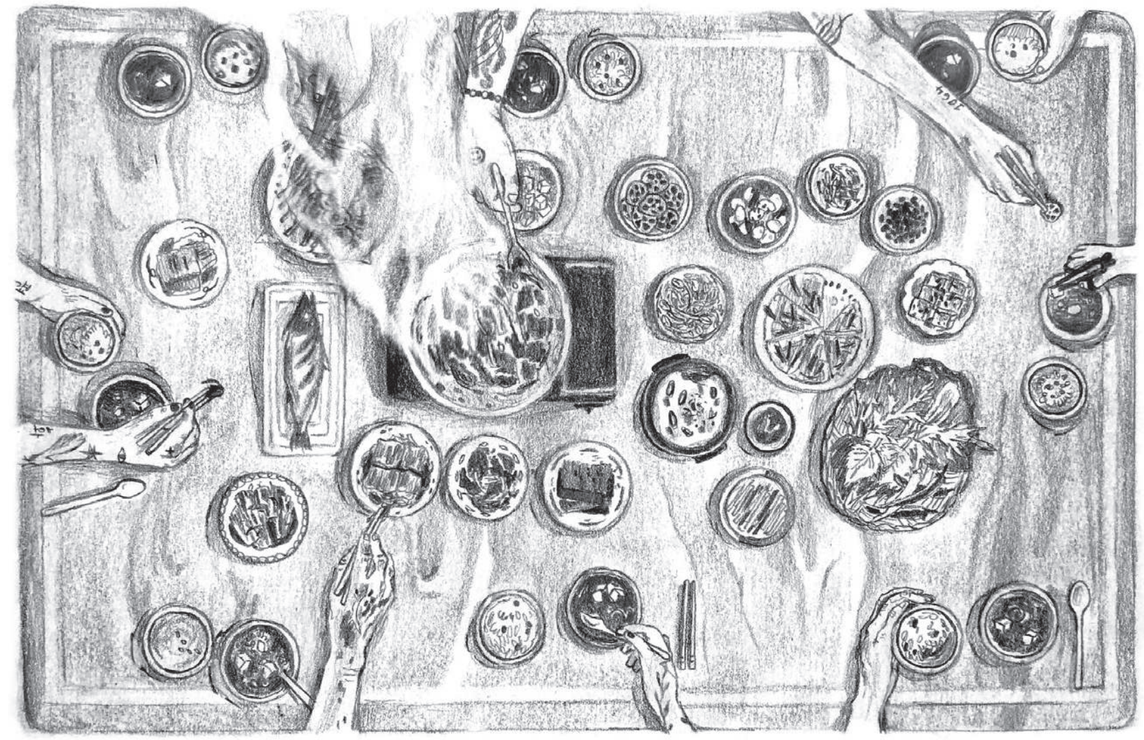
Nirá

Espinafre

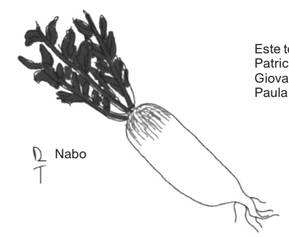
Broto de soja



Alface

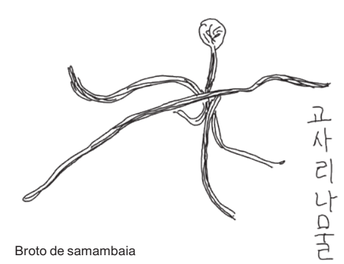


Gengibre



Nabo

Este texto foi escrito coletivamente por Bia Hong, Claudia Kim, Fabiana Won, Julia Park, Lira Kim, Patricia Baik, Paulina Cho, e conta com depoimentos de Agatha Kim, Ga Eun Kim, Giovana Tak, Giovanna Joo, Ingrid Lee, Isabel Kwon, Jenis Oh, Ana Jo, Kamila Kim, Naomi Jang, Paulina Cho, Paula Chang, Pomy Kim, Sara Hong, Tatiana Choi, Terrila Kim, Yara Hwang.



Broto de samambaia

O Coletivo Mitchossó é um grupo de mulheres e não-bináries coreano-brasileires LGBTQIA+ e heterossexuais, filhes de imigrantes coreanos, que questiona o conservadorismo da cultura coreana no Brasil. Busca fazer as pazes com alguns laços da tradição, através de pesquisas sobre a história da imigração, dos costumes ancestrais e da memória afetiva-culinária, bem como da expressão artística. Na medida em que enfrentamos o desafio de estabelecer um diálogo com a nossa comunidade coreano-brasileira, também questionamos o nosso papel sócio-político no contexto brasileiro.

- Alex Ratts, *Eu sou atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto, 2006.
- bell Hooks, *All About Love*. Nova York: Harper Perennial, 2000.
- Bruce Lee, *Artist of Life*. North Clarendon: Tuttle Publishing, 1999.
- Le Monde Diplomatique Brasil, "Vozes da Floresta | Ailton Krenak". Disponível em: <https://youtu.be/KRTJlh1os4w>. Acesso em: 24.08.2020.
- Lindsay C. Gibson, *Adult Children of Emotionally Immature Parents, How to Heal from Distant, Rejecting, or Self-Involved Parents*. Oakland: New Harbinger Publications Inc., 2015.
- SangYil Park, *Korean Preaching, Han, and Narrative*. New York: Peter Lang Publishing Inc., 2008.

por
Rogério e Ricardo Teperman

LEMBRAR É SONHAR

Algumas histórias de família são repetidas tantas vezes que, mesmo não sendo verdadeiras, se etabelecem como se assim fossem. Outras permanecem adormecidas por décadas, até que alguma lembrança, algum acaso, algum ato falho as traga para a superfície da memória.

Talvez nos lembremos sobretudo daquilo que queremos lembrar. Se o desejo é algo que nos move adiante, às vezes ele nos leva a olhar para o passado e procurar nele os sentidos do que nos trouxe até aqui.

Nesse texto, escrito a quatro mãos, pai e filho revisitam a história familiar a partir de um episódio singular, que diz muito dos caminhos ao mesmo tempo fortuitos e estranhamente bem tramados da memória. Nos últimos anos, Rogério vem pesquisando intensamente a história da família. No mesmo período, Ricardo se aproximou da Casa do Povo, o que disparou um processo de reelaboração identitária.

Em 2019, conhecendo os interesses dos dois, um dos editores do *Nossa Voz* enviou a Ricardo uma foto da primeira edição do jornal, dizendo: “seu pai vai gostar de ver isso”. A mensagem, despretensiosa, trouxe uma informação desconhecida para a família: Josaphat Teperman, pai de Rogério e avô de Ricardo, dividiu com Henrique Mendes a direção do *Nossa Voz*, desde a primeira edição, em 1947, até a de número 106, publicada abril de 1949. Qual exatamente terá sido a função dele no jornal? O que o levou a aceitar a responsabilidade? O que essa história diz sobre tradições familiares, memória e esquecimento?

Zalman Teperman tinha 42 anos quando partiu do vilarejo onde havia nascido — Britchon, na Bessarábia — para Amsterdam, a 1800 quilômetros de distância. Essa foi só a primeira parte de uma longa viagem. No porto holandês, munido do bilhete de número 40 da 3ª classe, ele embarcou no vapor Zeelander com destino a Santos.

Em 28 de junho de 1914, dias depois da partida, o cabo telegráfico transatlântico traria a notícia do assassinato do herdeiro presuntivo do império Austro-Húngaro, o arquiduque Franz Ferdinand, e de sua esposa, a duquesa Sofia de Hohenberg, fato que seria o estopim para a Primeira Guerra Mundial. Saber disso foi terrível para Zalman, que deixara sua esposa Guite e os cinco filhos em Britchon, não muito longe da fronteira leste do império. O plano era trazer a família logo, mas a guerra complicaria tudo.

Em 20 de julho, Salomão — como Zalman foi registrado aqui — desembarcou no Brasil, onde reencontrou seus irmãos Francisco e José, que haviam chegado dois anos antes. Instalou-se em São Paulo e passou a trabalhar com José em seu comércio de móveis, localizado na avenida Rangel Pestana, no Brás. O negócio prosperou e teria longa e frutífera existência.

Apesar de ter reunido rapidamente as condições financeiras necessárias para trazer sua família, Salomão só voltaria a ver sua mulher e filhos seis anos depois. Foi um período dramático na Europa. Josaphat, o caçula, era apenas bebê quando o pai partiu. Isaac, o mais velho dos rapazes, fabricava vodca em casa e a vendia para os soldados. Ao fim da Guerra, veio a gripe espanhola, junto de mais sofrimento. No início de 1920, Guite e os filhos se deslocaram para Trieste, de onde finalmente embarcaram para o Brasil, num navio que levava o nome da duquesa assassinada em 1914, o SS Sofia Hohenberg.

Os funcionários da imigração dificilmente saberiam grafar os nomes da maior parte dos passageiros que desembarcaram no Rio de Janeiro naquele 17 de abril. Os Teperman foram registrados como Pepermame, na grafia escolhida pelo funcionário que os recebeu. Muitas imprecisões, como também são imprecisas as idades indicadas para cada um dos filhos de Augusta, nome que Guite passou a usar no Brasil; não necessariamente eram consistentes as datas de nascimento que constam nos documentos que cada um passaria a usar no país.

Algumas informações são mais transparentes. O formulário de imigração trazia o item “religião”, para o qual havia apenas duas opções: “catholico” ou “acatholico”; a família Teperman foi registrada na segunda. O documento também indicava quem sabia e quem não sabia ler, e o caçula Josaphat era o único que ainda não conhecia as letras.

Na família, Josaphat era, desde bebê, chamado de Eife — o melhor que sua irmã Antonietta, ainda pequena quando ele nasceu, conseguia pronunciar. O apelido o acompanharia a vida toda.

Não se sabe exatamente qual foi o expediente empregado por Augusta e Salomão para driblar as autoridades brasileiras; o fato é que, enquanto seus irmãos precisavam regularmente renovar seus registros de imigrante, Eife passou a carregar um RG que o identificava como nascido em São Paulo, em 28 de julho de 1910. Foi alfabetizado em português e conseguiu se desvencilhar do sotaque com mais facilidade que os demais — talvez por isso os pais tenham se permitido “adaptar” seu local de nascimento.

A condição de único brasileiro da família lhe traria um pacote singular de vantagens e obrigações. Diferentemente dos irmãos Julio e Isaac, que em sua chegada ao Brasil trabalharam como *klientelschik* [“mascate”, em ídiche], o caçula poderia estudar. Seria médico e atenderia gratuitamente a colônia — assim sonhava Salomão e assim a profecia se cumpriu.

Em 1929, Eife ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, em Niterói, onde morou durante seus estudos. Foi no município vizinho de São Gonçalo que conheceu Petronia Chapira, com quem viria a se casar. Pepa nasceu em Buenos Aires, destino inicial de seus pais quando emigraram da Rússia; daí o apelido pelo qual ela seria conhecida a vida toda. Foi normalista e pianista diplomada pelo Conservatório de Música do Estado do Rio de Janeiro. Casaram-se em 1935, em Niterói, e celebraram com uma grande recepção em São Paulo, onde fixaram residência, no bairro da Aclimação.

Como brasileiro, Eife teve que servir no exército e foi nomeado 2º Tenente Médico da Reserva, tendo sua carta patente assinada pelo então presidente Getúlio Vargas. Em seguida, o jovem médico abriu sua clínica e teve que se equilibrar numa contradição: realizar o sonho de Salomão, de que atendesse gratuitamente a comunidade judaica, e a necessidade de ganhar o sustento de sua família, que cresceria com os nascimentos de Sergio, em 1937, Rogério, em 1941, e Isac, em 1945.

A colônia era relativamente pequena, as famílias se conheciam — e a Bessarábia era um dos pontos de convergência. Não surpreende que a turma de Eife fosse formada justamente por médicos judeus, como Febus Gikovate, David Rosenberg, Raul Karacik, Hirsh Schor e Henrique Mendes. Além da profissão e da origem em comum, os amigos também compartilhavam certa visão de mundo.

Gikovate foi um dos fundadores do Partido Operário Leninista, em 1936, junto de Mario Pedrosa, e, em 1947, também participaria da fundação do Partido Socialista Brasileiro. Ele e Karacik estiveram presos com Graciliano Ramos e são personagens de suas *Memórias do cárcere*. Rosenberg, médico reconhecido internacionalmente e comunista destacado, foi um dos fundadores do Centro de Cultura e Progresso, uma das associações que deu origem à Casa do Povo. Hirsch Schor e, sobretudo, sua esposa Tuba eram militantes muito ativos — basta dizer que hospedaram Luis Carlos Prestes no dia do grande comício do Partido Comunista no estádio do Pacaembu, em 1945.

Formatura de Josaphat "Eife" Teperman, Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, Niterói, c. 1934. Arquivo particular.

O amigo mais próximo de Eife era Henrique Mendes, homem de esquerda, ainda que sem o nível de envolvimento que caracterizava o resto da turma. Ele morava no Rio, mas vinha frequentemente a São Paulo para participar das reuniões do grupo de candidatos aceitos para constituir o primeiro núcleo psicanalítico da América Latina. Dois atributos do Dr. Henrique marcaram os filhos de Eife: ele tinha uma enorme cicatriz na testa, cuja origem permanece um mistério; e foi quem lhes deu o primeiro tabuleiro de xadrez e os ensinou as regras do jogo, que se tornou uma febre entre os irmãos. Em 1952, os três participaram do Campeonato Popular de Xadrez da Gazeta Esportiva. Isac, então com sete anos, se destacou e deu até manchete do jornal.

Em que Eife acreditava? Com quê sonhava? Como via o mundo e como se via nele? Não se falava de política em casa. Se teve inclinações comunistas, nunca foram acentuadas.

Na lembrança do primogênito Sergio, Eife foi candidato a vereador pelo PST, em 1947, no mesmo ano em que Elisa Kauffman Abramovich se tornou a primeira mulher a se eleger vereadora no país. Até agora, não foi possível localizar qualquer documento que comprovasse a candidatura ou que indicasse algo sobre o engajamento político de Eife nos movimentos organizados pelo seu grupo de amigos — exceção feita à sua atuação como diretor responsável pelo jornal *Nossa voz*.

Salomão era sionista e contribuiu para a divulgação dessas ideias no Brasil. Ele ajudou muitas famílias de imigrantes a se estabelecerem e se tornou uma das principais lideranças na formação de importantes instituições da comunidade judaica na cidade. Em 1926, foi um dos fundadores da única sinagoga brasileira no estilo bizantino, o templo Beth-El, localizado na rua Martinho Prado. Como tal, tinha direito a uma cadeira cativa na primeira fileira e plaqueta de latão com seu nome cravada no banco.

Morreu em junho de 1948, pouco mais de um mês depois da criação do Estado de Israel.

Meses depois de perder o pai, Eife encerrou a clínica e se associou a seu irmão Julio na Pharmacia Municipal, na privilegiada esquina da Barão de Itapetininga com a Dom José de Barros. A medicina não era mesmo uma vocação.

Eife nos deixou prematuramente, ao final de uma cirurgia desimportante, em 1974. Os fios da memória trazem de volta parte dos sonhos e da esperança que o fizeram caminhar.

■

Agradecemos a Jaime Kuperman, memória viva da família e do judaísmo no Brasil, e nossa grande fonte de inspiração.

Rogério Teperman

Eife, meu pai, nasceu em São Paulo, atestam sua certidão de nascimento e todos os seus demais documentos. Era o que eu, Rogério, acreditava até alguns anos atrás, quando comecei a pesquisar a história da imigração da família. Foi uma surpresa descobrir que ele passou os primeiros anos de vida em meio à guerra. As dores de uma infância na Bessarábia, sob tantas provações, por lá ele as deixou. O que trouxe consigo foi um espírito leve e brincalhão, até mesmo irreverente, adorado pelos filhos, seus cúmplices. Nos jantares da família na casa de tia Antonietta, muito formais, papai quebrava o protocolo e se dirigia ao canto dos sobrinhos, que disputavam um lugar bem ao lado do muito querido tio Eife.

Ricardo Teperman

Rogério, meu pai, nasceu em São Paulo — e nasceu mesmo, assim como eu. Não conheci meu avô; a escrita deste texto, junto com meu pai, foi o mais perto que já cheguei dele. Eu, Ricardo, tenho hoje 42 anos, a mesma idade de Salomão quando partiu da Bessarábia. Que travessia! Eram tempos terríveis, e é espantoso pensar em tudo que passaram para que estejamos aqui hoje. E que tempos estranhos os nossos! Um vírus assustador, a democracia em risco, o mundo ainda tão desigual. Que outras memórias se perderam? Quais delas não devem se perder? Lembrar e sonhar, em honra daqueles e daquelas que nos precederam.

Regenerações

Fomos ensinados a ter medo do desconhecido. Em tantas fábulas infantis, florestas escuras são assombradas e repletas de seres ameaçadores. O pavor desses territórios sem donos, sem nomes e não conquistados remonta a certa tradição que tem na luz a confirmação das certezas e a segurança da previsibilidade. O ano de 2020 veio para nos lembrar diferente. Não caminhamos sob a suposta claridade das certezas únicas. Aprendemos com a noite, com as palmas das mãos, com o sonho e com as estrelas.

Fizemos um jornal às escuras; e, para avançarmos, tivemos que nos valer mais do tato do que dos olhos. Às cegas, encontramos o que há muito tempo se antevia: uma humanidade em vias de extinguir-se. Um grupo específico de humanos declarou-se a *humanidade* e tem se provado capaz de extinguir todos os demais humanos e não humanos. O que antes era dito, agora é manifesto: a luta contra a estrutura colonial é também a luta pela manutenção da vida na Terra[1].

Na sombra, chamamos guias e, nas suas companhias, tateamos em diferentes direções. Olhamos para o céu com Armando Mudrik, Walmir Thomazi Cardoso e Jaider Esbell que desvendam a dimensão terrestre do universo celeste — uma paisagem em constante transformação e alvo de novas ameaças. Ao nosso lado encontramos o movimento Mulheres Negras Decidem, indicando “Para onde vamos, se seguirmos as mulheres negras” — um caminho possível, desejável e urgente, construído a partir de dados levantados junto ao Instituto Marielle Franco, localizado no Rio de Janeiro. Na mesma direção, nos aproximamos para escutar a conversa entre Lia Vainer e Mônica Gonçalves Mendes, que analisam a falsa igualdade perante o COVID-19, um vírus nada democrático, e a maneira como o racismo estrutural e os parâmetros estabelecidos pela branquitude impactam não apenas o sistema de saúde público brasileiro, mas também a própria noção de saúde. Chegamos então à encruzilhada, aos lugares de ritual e transformação da vida, do corpo, do espaço e do tempo, no texto de Castiel Vitorino Brasileiro e Napê Rocha, que nos embala em sua narrativa-relato. Das transmutações e das esferas do mundo que foram amaldiçoadas, abigail Campos Leal investiga, na leitura de Octavia Butler, uma outra forma de ler e *inscrever* o mundo.

Sem procurar, encontramos. Na seção *Vozes de Nossa Voz*, Ricardo Teperman mostra que o futuro já está presente; apenas não o enxergamos. Foi se aproximando da Casa do Povo nos últimos anos que Ricardo reencontrou o seu avô paterno entre os fundadores deste jornal, nos idos dos anos 1940. Impossível contornar o familiar que habita o estranho. Trombamos com o breu que existe dentro de cada família pelas mãos do Coletivo Mitchossó, grupo de mulheres coreano-brasileires não bináries, que, por meio de um exercício de escrita coletiva, pensa os traumas da imigração coreana e a possibilidade de narrá-la de outra maneira. Encontrar outras formas de organização é algo que aparece também na fotonovela *Del Altiplano a los Sueños, una Historia de Luchadoras*. Mesclando ficção, sonhos e a dura realidade dos imigrantes sul americanos no Bom Retiro, Bety Poquechoque Quispe, Sonia Limachi Quispe, Marlene Bergamo e Mayara Vivian contam como surgiu, em plena pandemia, uma cooperativa de costureiras na Casa do Povo.

Por fim, tocamos a terra: em meio a tantas disputas, encontramos na militância e na filosofia de Vandana Shiva um lastro para se pensar a importância da diversidade nos campos, nas mentes, nos corpos. Da terra também surgem os sons que compõem a paisagem sonora criada por Jorgge Menna Barreto e Marcelo Wasem. Os artistas convocam nossa escuta para outro entendimento da paisagem: do silêncio e do tímido farfalhar das monoculturas aos abundantes ruídos das agroflorestas, que integram em seu ecossistema homens e mulheres que narram suas histórias. De uma terra esquartejada a uma predatória indústria agroalimentícia, Valentina D’Avenia nos traz de volta às cidades onde o descarte, o excedente, o que é entendido por uma parcela da sociedade como “lixo” passa a alimentar baratas, ratos, mas também pessoas que se entendem como dissidentes da norma. Simultaneamente, na terra, os fungos, as minhocas e outros animais atuam num processo contínuo de decomposição e transformação dos ciclos de vida e morte. Daniel Lie e Jonas Van trazem o *podre* enquanto potência e pedagogia capaz de abrir temporalidades não lineares, sem começo nem fim, bem como outras relações interespécie possíveis para além do narcisismo da figura humana.

Nessas companhias, varamos o breu — não em busca de um futuro distante, mas antes de uma presença que possa reconhecer e aliar-se às potências que estão vivas e regenerando o agora. São elas que, em meio às numerosas e irreparáveis perdas humanas causadas pela COVID-19 e por um sinistro governo de morte, nos guiaram abrindo caminhos possíveis ao longo do ano complexo que atravessamos. No momento em que tantos centros culturais esperam a volta de uma sufocante normalidade para restabelecer seus programas interrompidos, a Casa do Povo abraçou a incerteza para encontrar uma atuação que fizesse sentido no contexto de 2020.

O escuro não se confunde com o obscurantismo. É na sombra daquelas florestas cheias de seres desconhecidos que provavelmente aprenderemos formas de conviver neste planeta daqui para frente. A vida fértil regenera no breu.

■

1 Esta noção está presente em praticamente todos os textos apresentados nesta edição, mas vale destacar que Vandana Shiva e abigail Campos Leal, em outros escritos, já formularam essa ideia com precisão, e a desenvolveram a partir de suas pesquisas.

LEIA E DIFUNDA

Desde 2020, o jornal *Nossa Voz* dobrou! Incorporamos no projeto gráfico o gesto de tantos leitores de dobrar o jornal para tornar sua leitura mais confortável. O novo formato dobra também o número de páginas, muito embora o conteúdo continue o mesmo. Além da versão impressa, os textos estão disponíveis online, como nas versões anteriores: as edições de 2014-2020 no site da Casa do Povo e as edições de 1947-1964 no site da Biblioteca Nacional.

→ **www.memoria.bn.br**

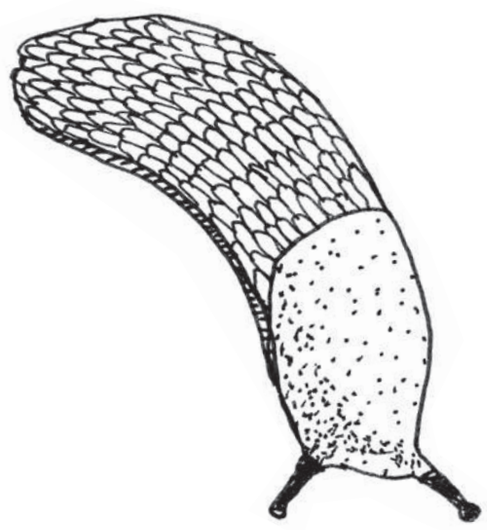
Se você tiver interesse em distribuir o Nossa Voz, ou se você quiser deixar sua opinião, comentário ou sugestão para o Nossa Voz, escreva para:

→ **info@casadopovo.org.br**

Nossa Voz é uma publicação da Casa do Povo. O jornal existiu próximo à instituição, de 1947 a 1964, quando foi fechado pela ditadura militar devido ao seu posicionamento político. Em 2014, foi relançado pela Casa do Povo tendo seus eixos editoriais repensados a partir do contexto contemporâneo, em diálogo com as suas premissas históricas. Desde então, vem discutindo a cidade, a memória e as práticas artísticas em consonância com a momento político atual.

www. casadopovo.org.br
facebook.com/casadopovoxxi
medium.com/nossa-voz
instagram @_casadopovo
#jornalnossavoz

Ficha Técnica



Editores: Ana Druwe, Benjamin Seroussi, Isabella Rjeille e Marília Loureiro
Projeto gráfico: Margem (Alexandre Lindenberg e João Pedro Nogueira)
Gráfica: Cinelândia
Revisão: Dimitri Arantes
Tradução: Daniel Lühmann
Tiragem: 3.000 exemplares
Colaboradores: abigail Campos Leal, Armando Mudrik, Bety Poquechoque Quispe, Castiel Vitorino Brasileiro, Coletivo Mitchossó, Daniel Lie, Jaider Esbell, Jonas Van, Jorgge Menna Barreto, Lia Vainer Schucman, Marcelo Wasem, Marlene Bergamo, Mayara Vivian, Mônica Gonçalves Mendes, Mulheres Negras Decidem, Napê Rocha, Ricardo Teperman, Rogério Teperman, Sonia Limachi Quispe, Valentina D’Avenia, Vandana Shiva, Walmir Thomazi Cardoso

Agradecimentos: Bernardo Zabalaga, Camila Svenson, Clara Sacco, Cooperativa Emprendedoras Sin Fronteras, Editora Vozes, Jorge Gutierrez, Inês Loureiro, Nadvanya, Rita Carelli

#culturaéfeitaporpessoas
apoie a Casa do Povo

Patrocínio:

Lei de Incentivo à CULTURA

CSN Companhia Siderúrgica Nacional

Copatrocínio:

Itaú

VERDE asset management

Realização:

CASA DO POVO

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

“A água em movimento gera um tipo de vapor que se espalha pelo ar numa névoa úmida de odores. Alguns são agradáveis, apesar de desconhecidos ao repertório olfativo; outros parecem fortes e causam sensações que variam de acordo com a sensibilidade pessoal e com o conjunto de experiências anteriores.” P. 21

Regenerações